

# VICENTINA

TOMO II



# VICENTINA

ROMANCE BRAZILEIRO

POR

JOAQUIM MANOEL DE MACEDO

TOMO II

---

NOVA EDIÇÃO

---

H. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR  
109, RUA DO OUVIDOR, 109 | 6, RUE DES SAINTS-PÈRES, 6  
RIO DE JANEIRO | PARIS



# VICENTINA

---

I

## A CONTRADANSA

Quando em obediencia á voz de Gabriella os cavalheiros foram conduzindo á sala seus pares, Fabiana encontrou os olhos de Leonor, que olhava meio espantada para ella : a um movimento porém da tia, a sobrinha socegou immediatamente.

Leonor era ainda muito moça para poder bem dissimular : Adrianna indo dansar ao lado de Americo, a commoção que se observava n'este, a pallidez e a hesitação que se notava na filha de Christiano, tudo indicava que o fio da intriga que os tinha separado, se quebrára enfim, ficando portanto desmascarada a traição, e conhecidos os

traidores; Leonor pois olhava para sua tia espantada da sua derrota, e como pedindo um conselho.

Fabiana, tendo imposto á sua sobrinha a obrigação de fingir-se socegada, perguntou immediatamente a Frederico :

— Não dança?

— Creio que não devo.

— Pelo contrario..

— Então vou pedir a D. Leonor o obsequio de dansar comigo.

— Não : dirija-se a outra qualquer senhora.

— Eu lhe obedeço cegamente.

— Sobretudo, nem prazer, nem tristeza : impassibilidade e sangue frio.

— Bem : vele por raim de longe.

— Eu o farei : entretanto ao mesmo tempo que seus olhos passearem descuidosos, os seus ouvidos estarão attentos e presos no posto...

— Onde dansam os dous felizes...

— Não, não vale a pena : é melhor que procure ouvir o que conversarem o Dr. Benedicto e os pais de D. Adrianna.

Fabiana era mais habil que Frederico : uma mulher é sempre mais habil que um homem em questões como essa de que se tratava.

Frederico levantou-se, e deixando o jogo, foi dansar.

Aquelle que esperasse observar na contradansa que ia ser executada o transbordamento do amor ha tanto tempo comprimido nos corações de Americo e Adrianna, e que se preparasse para apanhar nas auras traidoras esses doces e ternos juramentos, essas promessas ardentes, que mutuamente se fazem dous amantes extremosos, mostraria conhecer bem pouco ainda o coração humano.

O verdadeiro amor é sempre hesitante e temeroso : esconde, abaixa os olhos porque reccia que rompa d'elles o volcão que lhe abraza o seio ; em vez do discurso tem o monosyllabo, porque a palavra lhe expira nos labios, e as idéas são tão ardentes que a linguagem dos homens não as póde exprimir nunca ; tremem os labios, enregelam-se as mãos e palpita açodado o coração, porque... elle o não sabe, como não soube ainda ninguem que o sentisse.

Mas esse olhar que se abaixa e que se esconde, esses monosyllabos que supprem os longos discursos, esse tremor dos labios, esse gêlo das mãos, esse palpitar do coração, essa hesitação,

esse pudor, esse novo ser, isso é que é eloquencia, que tudo diz, que tudo explica, que tudo confessa e proclama.

Americo e Adrianna dansaram sem que se podessem trocar uma só palavra : a furto se lançavam olhares rapidos e brilhantes, como se em cada um d'esses olhares um crime fosse commettido ; e se uma vez ou outra seus olhos se encontravam, estremeciam ambos, como estremeciam tambem, quando suas mãos se tocavam, ou sentiam o leve contacto de seus vestidos.

Americo, tão vivo, tão espirituoso, tão loquaz, ardendo ainda mais em desejos de ver esclarecidas suspeitas, que lhe tinham enchido o seio de amargor, não soube ou não pode achar uma phrase para dirigir a Adrianna, nem uma simples pergunta para lhe fazer.

Adrianna, tão espirituosa que era, tão resentida que estava das suppostas ingratições ou deslealdades de Americo, nem se quer se animou a procurar-lhe nos olhos, ou a confissão d'essas faltas, ou o doce brilho da innocencia.

Oh ! mas elles, não dizendo nada, fallaram tanto !... fallaram a sua linguagem, a unica que se póde fallar, quando se ama devéras !



Amor não se explica, sente-se : os seios abalados doce e voluptuosamente por uma respiração anciada e oppressa são mais eloquentes do que os labios que mentem tantas vezes!

O leve rubor que assoma ao rosto, a perola de ternura, que pende dos cilios, ou que róla pelas faces, a mão que se retira da mão que a toca de leve, o suspiro que se comprime, e que emfim se desata entrecortado : eis ahi as expressões vivas, naturaes e puras que denunciam o verdadeiro amor nas horas solemnes e indiseveis, como essa em que se achavam dansando ao lado um do outro Americo e Adrianna.

Assim succedeu com elles.

Olharam-se a furto, estremeceram quando suas mãos se encontraram, còraram ás vezes, suspiraram a pezar seu ; quasi sempre tiveram dentro d'alma a gloria, e no rosto a commoção e o pejo.

A contradansa terminou : Americo conduzio Adrianna a uma cadeira e affastou-se, sem mesmo lhe agradecer a honra de ter com elle dansado.

Americo e Adrianna, pois, não trocaram uma só palavra ; não disseram um ao outro tudo quanto poderiam desejar ter dito.



## II

### FALLAM-SE EMFIM

O sol marcava uma de suas horas de encanto : era aquella em que se approximando do occaso, derrama em despedida sobre a terra seus raios ainda brilhantes, já porém menos ardentes.

Os amigos de Christiano voltavam ás duas ultimas horas do dia de um passeio campestre. Ninguem se tinha deixado ficar em casa, nem mesmo o prudente Leocadio, apesar de se dirigir o passeio para o lado da ermida arruinada : fizera algumas observações, é verdade, mas cedera á vontade da maioria, esquecido talvez de que a maioria não poucas vezes deixa de ter razão.

Nem todas as senhoras se haviam querido prender aos braços dos cavalheiros : algumas

preferiram ir passeando livremente, rindo e brincando umas com as outras.

Entre as poucas jovens que haviam preferido á liberdade a conversação dos mancebos, podia-se notar Leonor, que a ceitára o braço de Christiano : parecia melancolica e pensativa ; sua tia já tinha achado occasião para marcar-lhe o comportamento que lhe cumpria ter, e ella desempenhava fielmente o papel que lhe fôra determinado.

Adrianna ia passeando ao lado de Americo. O feliz mancebo não se atrevera a pedir-lhe essa graça ; mas Gabriella havia corrigido a tempo um erro, que era sómente filho do mais explicavel acanhamento.

Ao sahir de casa, Gabriella tinha dito :

— Sr. Americo, Adrianna pede o seu braço.

Americo obedecera a este convite córando como uma donzella, e Adrianna tremendo como uma criancinha que tem medo.

Alegre, vivo, espirituoso, não poucas vezes estouvado, e ordinariamente desinquieta, Americo transformára-se desde a feliz contradansa, que precedêra ao jantar, em um homem sério, acanhado, humilde e silencioso : succede quasi sempre assim ; o amor se apraz d'estas transfor-

mações, e assim como faz do velho criança, do conquistador um escravo, do egoista um homem dedicado e generoso, assim também gosta de mudar a loquacidade em silencio, o fogo em gêlo, o estouvamento em placidez e prudencia, o movimento e a acção em inercia. O amor opéra seus milagres em taes metamorphoses : elle é capaz de fazer com que um jornalista falle sempre a verdade, e até mesmo com que um deputado não peça favores aos ministros de estado ; ainda não se pôde provar que a sua influencia chegasse ao ponto de fazer com que um ministro cumpra as leis conscienciosamente e não abuse ; se tal consegue ainda, ficará acima de todas as duvidas, que o amor é capaz de produzir impossiveis.

Dominado, pois, pelo sentimento poderoso e ardente que o occupava todo, Americo encetou o passeio, e o continuou por algum tempo sem dizer palavra áquella que já tinha o direito de considerar sua noiva ; mas, emfim, necessario era acabar por dizer alguma cousa, a menos que não tivesse a extravagante idéa de querer passar por estúpido.

Abriu a boca, pois, e disse hesitando :

— A tarde está bella !...

E calou-se como espantado do seu atrevimento, e, depois de um grande esforço, respondeu :

— Sim.., está muito bella...

Guardaram silencio outra vez por algum tempo : emfim, o Dr. Benedicto passou por junto d'elles e disse :

— Vocês dous parecem mudos, ou inimigos, ou... ou... querem que eu diga?...

— Não! exclamou Adrianna.

Benedicto retirou-se sorrindo.

Americo reconheceu que estava representando o mais triste papel, e determinou alcançar a todo custo uma victoria sobre si mesmo.

— Porque não quiz que o Dr. Benedicto fallasse, minha senhora?...

— Eu... por nada.

— Oh! devia sempre haver alguma razão.

A moça não respondeu.

— Porque foi?... perguntou elle outra vez.

— Ora... porque o doutor diz ás vezes cousas que se não devem dizer.

— Mas elle é homem que falla sempre a verdade, e quando as verdades não offendem, podem sempre se dizer.

— Ás vezes pensamos ser verdade o que real-

mente não é, murmurou Adrianna córando e tremendo.

— Então o nosso bom amigo acredita que é verdade alguma cousa que realmente o não é, e que sem duvida tem relação connosco, minha senhora?...

— Talvez.

— Oh! quem me dára poder adivinhar o que o doutor tinha no pensamento para nos dizer!...

Adrianna abaixou os olhos.

— Talvez que a senhora o saiba.

— Póde ser.

— Queria dizer-m'o?...

— Para que?... se eu o sei, tambem o senhor o deve saber.

O coração de Americo abriu-se ouvindo estas palavras.

— Oh!... pois se é aquillo que eu tenho no meu espirito : será ainda possivel que não seja verdade?...

— O senhor o deve saber.

— Eu?... haveria quem duvidasse de mim?... eu pensava que era a senhora quem devia esclarecer alguma duvida que por ventura subsista ainda!

— Eu?... perguntou por sua vez Adrianna : ah! senhor... é quasi crueldade... e tambem... eu não me queixei... porque tambem eu não tinha o direito de me queixar de nada...

— E poderia queixar-se?...

Adrianna levantou seus bellos olhos e os cravou no rosto de Americo, parecendo querer nos d'elle lèr o que se passava no intimo de sua alma.

— Eu já disse que não tinha direito algum para me queixar, respondeu emfim tristemente.

— Mas suppondo que o tivesse...

— Em tal caso, disse tremendo mas exaltando-se Adrianna; em tal caso eu deixaria fallar o seu proprio coração.

— Ah! senhora! e se o meu coração se atrevesse a fallar; não se defenderia certamente, porque antes teria de accusar!

— E a quem, senhor?

— Sejamos francos, D. Adrianna; creio mesmo que temos obrigação de sel-o...

— Pois bem...

— Nunca até hoje ousaram meus labios pronunciar a seus ouvidos uma só palavra que lhe tornasse patente o estado de minha alma e o sentimento que a enche toda; entretanto, desde



muito que eu soffro todos os martyrios de um amor que se trabalha por suffocar!

Adrianna tinha cravado os olhos no chão.

— Pôde ser, continuou Americo, que eu tivesse podido vencer este amor, que me parecia uma loucura, uma aspiração ao impossivel; mas... permitta que eu diga tudo, vaidade embora, cheguei um dia a pensar que eu não lhe era indifferente, e que o grito anhelante do meu coração achava um echo no seu : tive razão de pensar assim?... diga.

— Não sei... murmurou Adrianna.

— Oh! mas eu preciso que me responda, para que me anime a lhe dizer tudo... diga-me, pois... falle... seria verdade?...

— Talvez...

Por mais que tivesse escapado dos labios de Adrianna quasi imperceptivel esse *talvez*, que era a ingenua confissão do seu innocente amor, Americo sentio cahir no coração e abraza-o, como se fôra um raio scintillante : apertou insensivelmente o braço que Adrianna lhe dava contra o coração, e, durante alguns momentos, guardou um silencio eloquente, que era só quebrado por seu respirar anhelante.

— Ah! pois bem! tornou elle emfim; se o céu tinha sido aberto a meus olhos, se a gloria, se a mais suprema ventura me era assim concedida, como explicar os tormentos a que me condemnaram desde que aqui cheguei?...

Adrianna olhou espantada para Americo.

— Como explicar esse triste juizo que de mim se fez pouco antes da minha chegada, juizo que desmerecia meus sentimentos e rebaixava meu character?...

— Senhor, disse Adrianna, a quem se refere quando assim me falla?...

— A quem me hei de referir senão á pessoa que me descarregou o golpe?

— E quem é essa pessoa?

— A senhora.

— Juro que lhe mentiram! exclamou com ardor Adrianna; eu nunca disse uma palavra que pudesse offender o seu character.

— E a frieza com que me tem tratado ha tres dias?... oh! quanto a isto, ninguem, ninguem me póde ter enganado!

Senhor! pois que é preciso, eu falló : quem se deve queixar sou eu, e mais ninguem. Sou muito criança talvez, visto que tomo ao sério

aquillo de que tantos zombam, e cultivo com religião um sentimento, que é para outros simples distracção ás vezes.

— O que quer dizer, minha senhora?...

— Quero dizer que o meu coração tinha dormido o somno da mais pura innocencia, até o momento em que despertou ao soar dentro d'elle o echo d'esse grito de que o senhor fallava ha pouco.

— Oh! eu o pensava, e o agradecia a Deos, senhora!

— Quero dizer que, quando se tem despertado assim, dóe muito saber-se depois que aquelle, por quem despertámos, acorda ainda por distracção ou por habitos outros corações do mesmo modo!

— Mas é uma injustiça!.,.

— Quero dizer, continuou Adrianna sem sentir que as lagrimas lhe cahiam dos olhos; quero dizer, que eu sou fraca, e que não sei, nem quero combater; e que quando uma outra mulher se apresenta diante de mim, eu recuo : já fiz a `experiencia uma vez... uma mulher se apresentou, e eu recuei : senhor ! eu tinha jurado a mim mesma não me expôr a novas experiencias...

— Ah! como é possível que o seu espirito pudesse conceber tão injusta idéa?...

— Fizeram-n'ó conceber, senhor.

— Foi portanto uma intriga abominavel; eu o juro por minha honra.

Adrianna não respondeu ; mas exultou, porque leu a verdade nos olhos de Americo.

— Mas quem foi o autor... quem se pôde lembrar de assim calumniar-me?... D. Adrianna, diga-me?

— Não posso.

— Como?

— Comprometti-me a não dizel-o, Sr. Americo.

O noivo de Adrianna pareceu reflectir ; um momento depois perguntou a moça por sua vez :

— E quem foi que lhe disse que eu tinha feito máo juizo do seu character?... não poderia dizer-m'ó?...

— Tambem não posso.

— Mas porque?.. tornou docemente Adrianna como querendo vencel-o.

— Porque tambem estou preso pela minha palavra, D. Adrianna.

— Oh ! é uma vingança!...

— Não, é uma verdade.

— Em tal caso tomaram bem as suas medidas.

— Quem sabe!... exclamou Americo; talvez que a mesma pessoa...

Um raio de luz brilhou aos olhos de Adrianna.

— Talvez... é bem possível! disse ella.

E insensivelmente voltaram ambos os olhos para traz, como para observar a sociedade que os seguia no passeio, e suas vistas se fitaram no rosto de Leonor.

— É celebre, disse Americo sorrindo-se; olhámos ambos ao mesmo tempo para Dr. Leonor!...

— Foi uma coincidencia, que se póde muito bem explicar, respondeu Adrianna sorrindo-se tambem.

Leonor, que percebeu os sorrisos dos dous jovens, córou até á raiz dos cabellos.

— E ella córou! disse Americo.

— Entretanto, observou Adrianna rindo-se outra vez, nenhum de nós dous faltou á sua palavra.

N'esse momento Americo vio diante de si um tenue regato, saltou-o primeiro, e deu depois a mão Adrianna para ajudal-a a passar.

As mãos dos dous jovens se encontraram :

Americo apertou com enlevo e paixão a de Adrianna, e esta córando, embora de pejo e confusão, pagou leve e docemente aquelle primeiro signal da confiança conquistada pelo seu amante.

Estavam, pois, feitas as pazes definitivamente.

## A INNOCENCIA

— A ermida arruinada! bradou a voz de um dos que mais adiante caminhavam.}

Christiano e seus amigos tinham prolongado o seu passeio além do campo da fazenda, e aquelles que mais se tinham adiantado, vencendo uma pequena volta que fazia a estrada, haviam já descoberto a ermida mysteriosa.

— A ermida arruinada! repetio a mesma voz.

— Silencio! disse outra.

— Porque silencio?... será por ventura contagioso o terror do Sr. Leocadio?

— Não; mas esta é a hora em que costuma apparecer passeando no monte a bella doida, e

se fizermos arruido, ella fugirá de certo, e não teremos o prazer de vê-la.

Toda a sociedade acabava de reunir-se, formando um grupo compacto, no meio do qual mostrava-se pallido e tremulo o pobre Leocadio : algumas senhoras pareciam tambem um pouco assustadas.

— Uma idéa ! exclamou Frederico.

— Attenção ! as idéas do Sr. Frederico são muito aproveitaveis.

— Por mais que eu fosse maltratado pela interessante ermitôa, que nos visitou na noute de hontem, nem por isso me esqueço de que a nossa gratidão nos impõe o dever de pagar-lhe a visita que nos fez.

— Excelente !

— Proponho, pois, que subamos á montanha e vamos comprimentar as habitadoras da ermida arruinada.

— Pela minha parte, disse Leocadio, declaro que nem de rastos conseguirão levar-me lá : isto é tentar o diabo !

— D'esta vez sou da opinião do Sr. Leocadio, disse Gabriella : não devemos perturbar o retiro



---

a que se condemnaram pessoas a quem não conhecemos.

— Proponho que voltemos para casa, acrescentou Leocadio a tremer; a Sra. D. Gabriella é da minha opinião.

— Também isso é demais, respondeu sorrindo-se a esposa de Christiano : sou mulher, e portanto, naturalmente curiosa, e estimaria muito vêr outra vez, ainda que de longe, a bella moça que a noute passada nos honrou com a sua visita.

— Vamos, pois, adiante...

— Tem medo?... perguntou Americo a Adrianna.

— Não; sinto pelo contrario a mesma curiosidade que minha mãe confessou.

— Ainda bem : está visto, que não podia acreditar nas historias que nos contou o Sr. Leocadio.

— Sim; mas desejaría saber quem é aquella mulher que habita a ermida : o senhor não a conhece?...

— Cheguei aqui ante-hontem, minha senhora.

— Não é precisamente a resposta que eu pedia, e a menos que também lhe não impuzessem segredo...

— Não a conheço, tornou Americo sorrindo se;

ouvi-a cantar no alto do monte, e vi-a depois na sua casa hontem á noute; disseram-me que é doida, e eis tudo quanto sei d'ella.

— Devéras?...

— Eu o affirmo.

— Oh! eis a ermida!...

Com effeito, acabavam de vencer a volta da estrada e de descobrir immediatamente a ermida arruinada.

Todos os olhos se volveram para o monte, e se concentraram no ponto em que atravez dos ramos de algumas arvores se descobria a ermida, que, como dissemos, tombava já em ruinas : foi ella tambem o unico objecto que attrahio a attenção geral; ninguem se occupava do bello panorama que se desdobrava por todos os lados; a lembrança da mulher mysteriosa accendia a imaginação e aguçava a curiosidade de toda a sociedade.

— Oh! se ella apparecesse!... disse um.

— Silencio!... occultemo-nos um instante por detraz d'estas arvores...

— Não é possível... já não é tempo... eil-a.

— Eil-a, não... eil-as.

— É verdade...

Com effeito, acabavam n'este momento de sahir

da ermida uma velha, uma moça e uma menina.

A moça estava, como de costume, vestida de branco, e dirigio-se com passo vagaroso para o lado onde ficava o abysmo.

A velha mostrava-se pelo contrario vestida de preto, e veio descendo o monte conduzindo pela mão a menina.

Emquanto a velha e a menina desapareciam nas voltas que fazia o estreito carreiro, que conduzia á estrada, a moça chegou á boca do abysmo e foi sentar-se sobre o rochedo que o dominava.

D'ahi a pouco a velha, que tinha acabado de descer, chorava sentada á beira da estrada; a menina, que havia escapado da mão que a prendia, brincava rindo e saltando por entre os arbustos; e a moça, que olhava para o fundo do abysmo, entoava um canto melancolico.

Cantava com sua voz sempre repassada de ternura, voz doce, maviosa e cheia de um não sei que de mysterioso encanto, que prendia as almas, e como quem adormecia os sentidos de quem por ventura a escutava.

D'esta vez era assim o canto da moça :

Onde vais, peregrina imprudente,  
Tão sem medo do mundo traidor?...

A teus pés não enxergas o abysmo;  
Porque cegam-te os raios de amor!  
Peregrina! não ouves meu brado?...  
Cuidado!

Crescem flôres á borda do abysmo,  
Mas o opprobrio no fundo te espera;  
E no seio do monstro nefando  
Outro monstro — o remorso — se gera.  
Peregrina! o remorso é pesado :  
Cuidado!

Vês o mundo, que rosas espalha  
Em teus passos de virgem formosa?...  
Se tombares no abysmo, transforma  
Em espinhos crueis cada rosa.  
Peregrina! este mundo é malvado :  
Cuidado!

Este mundo! elle zomba da victima;  
Elle applaude o carrasco qu'infama;  
Não perdôa um só erro á fraqueza,  
E do algoz as victorias proclama :  
Peregrina! olha o abysmo a teu lado :  
Cuidado!

Não escutas um grito doloroso  
Lá do fundo do abysmo sahido?...  
É talvez o remorso que arranca  
D'uma victima um triste gemido.  
Peregrina! ouve bem este brado...  
Cuidado!

« Mulher dos olhos formosos,  
« Feliz, porque és pura ainda,  
« Pensas tu, por seres linda,  
« Que ha de o mundo te poupar?...  
« Sábe pois — tambem fui bella,  
« E vivo agora a chorar.

« Acreditei na mentira,  
« Em juramentos fingidos;  
« Meus erros foram punidos,  
« N'este abysmo vim cahir,  
« N'este abysmo onde o remorso  
« Sem cessar 'stá-me a pungir!

« Aqui no fundo do abysmo,  
« De um algoz por mão pêsada  
« Sou n'um patibulo agoutada  
« Com tormento o mais atroz.  
« Meu patibulo é a ignominia,  
« E o remorso o algoz feroz!

« Oh, virgem! nunca te percas  
« Nos invios trilhos do vicio;  
« Nunca te arraste ao supplicio  
« A paixão que me perdeu;  
« Oh, virgem! segue a virtude,  
« Que é o caminho do céu.

« Oh, virgem de olhos formosos  
« Feliz, porque és pura ainda,  
« Não penses, por seres linda,  
« Que has de escapar ao castigo :

« Oh ! não caias n'este abysmo ;  
« Não te pareças comigo. »

Peregrina! este grito terrivel,  
Este grito do abysmo — foi meu!  
A infeliz que os remorsos anceiam,  
A infeliz que te avisa — sou eu!  
Peregrina! receia meu tado...  
Cuidado!

A moça calou-se, e como sempre, no fim de seus cantos, deixou cahir a cabeça por entre as mãos e ficou immovel.

Immoveis e silenciosos estavam tambem os observadores : não havia entre elles um só que se não sentisse abalado e commovido por aquella voz melancolica, doce e sonora, que acabava de entoar o canto da afflicção e do arrependimento.

Todos os olhos estavam embebidos na mulher mysteriosa e encantadora; mas viam apenas um vulto branco e gracioso assentado sobre um rochedo negro, e apenas podiam distinguir as bellas e compridas madeixas da formosa ermitôa, que os zephyros estendiam sobre suas vestes alvas, como uma nuvem negra destacando-se em um céu de alabastro.

Mas de repente a moça, que tantos suppunham

doida, ergueu-se, ostentando sua figura magestosa, de pé, como se puzera; olhou para o fundo do abysmo de um modo sinistro... avançou mais um passo... e o pobre Leocadio, receiando vê-la atirar-se na boca do inferno, soltou um grito pavoroso.

Escutando esse grito inesperado, a mulher mysteriosa voltou-se espantada, e como se tivesse descoberto aquelles que a observavam, desceu precipitadamente do rochedo, e, correndo, desapareceu por entre as arvores.

— Que estouvado!... exclamaram alguns.

— Camillo, disse Americo, o Sr. Leocadio fez d'esta vez o papel do teu feroso alazão.

Camillo não respondeu : tinha ainda os olhos pregados no rochedo, e com ambas as mãos apertadas contra o peito, como que continha á força o coração que palpitava com violencia :

— Oh! tambem lá se vai a velha!

— Como?...

— Olhe...

Com effeito, a velha levantára-se por sua vez, e subia com tanta precipitação para a ermida, que nem se lembrára da menina, que a alguns passos brincava affastada d'ella.

As senhoras, que já haviam cobrado animo, foram as primeiras a correr para a estrada, e chegaram tão depressa ao trilho que subia para a ermida, que a innocente criança, que acabava de dar pela retirada da velha, vio-se de subito cercada por ellas, e reconhecendo que lhe era impossivel fugir, desatou a chorar assustada.

Era uma bella menina, que mostrava ter sete annos de idade; tinha os cabellos louros e os olhos pretos, o rosto redondo e gracioso, e suas faces rubras como duas rosas; estava vestida com um vestido azul-claro que lhe descia um pouco abaixo dos joelhos, e calçava sapatinhos de marroquim; seu trajar, que não era rico, depunha comtudo contra a fama da immensa pobreza das ermitôas.

No meio das suas lagrimas e por entre seus soluços, a menina deixava escapar de instante a instante n'um grito uma só palavra :

— Vóvó?... gritava ella.

De cada vez que soava esse grito da menina, a velha, que subia o monte, voltava o rosto e olhava para baixo com expressão de susto e cuidado; mas immediatamente continuava a subir com precipitação.



À força de caricias, de beijos e de palavras animadoras, as senhoras conseguiram socegar a menina.

— Me larguem! dizia ella menos afflicta.

— Espere... não tenha medo... nós a levarmos á sua vóvó.

— Não... não... mamãi não quer que vá ninguém lá em cima.

— Mas porque?...

— Porque podem lhe fazer mal.

— Então você quer muito bem á sua mãe?

— Oh! muito! muito!...

— E sua mãe como se chama, minha querida menina? perguntou Gabriella.

— Chama-se mamãi mesmo.

Os cavalheiros acabavam de reunir-se ás senhoras e rodeavam todos a menina, que os encantava com sua viveza, intelligencia e promptidão de respostas.

— Quem é que mora com sua mãe?

— É vóvó e sou eu.

— Só?

— Pois então?... mamãi não quer mais ninguém.

— E se alguém chega á erm aid?...

— Nós nos escondemos depressa.

— Menina, sua avó o que faz na ermida?

— Fia, cose e chora.

— Chora?

— Oh! sim! chora muito, coitadinha!

— E sua mãe?

— Mamãe canta... ah! mas fica tão triste quando se põe a cantar...

— E quando não canta?...

— Ajuda vóvó a trabalhar, e me ensina a resar e a cantar...

— Ah! então você canta?...

— Ora... pois então.

— E o que é que você canta?...

— As cantigas que mamãe me ensina.

Adrianna cobrio de beijos a menina, que fitando n'ella os olhos por alguns momentos, disse logo depois :

— Esta moça é bem bonita!

Gabriella pagou com novos beijos o elogio de sua filha.

— Você nos canta uma de suas cantigas? perguntou Adrianna.

— Oh! não... não...

— Ora... porque?...

— É muito triste... e quando eu canto, choro sempre...

— Mas para que ha de chorar?...

— É porque as cantigas de mamãe são muito tristes...

— Cante sempre... cante...

— E se eu cantar, você me deixa ir-me embora?... perguntou a menina a Adrianna.

— Deixo ; eu lhe prometto.

— Está bom : então eu vou cantar uma cantiga muito bonita ; mas se eu chorar, não faz mal.

Formou-se um circulo em torno da menina, que levantando os olhos para a ermida arruinada, como se quizesse inspirar-se com a lembrança de sua mãe, começou a cantar com sua voz de criança, argentina, mas suave e tão doce, e já tão triste, que pouco a pouco foi infiltrando a mais profunda melancolia em todos os corações.

Eis, pois, como era o canto da menina, e que, como ella mesma dizia, lhe tinha sido ensinado por sua mãe, que provavelmente compozera tanto a letra, como a musica.

Minha mãe tão pobresinha,

Coitadinha!

Não tem nada p'ra me dar :

Cada hora dá-me um beijo  
E depois fica a chorar.

Minha mãe deu-me um thesouro,  
Não de ouro,  
Que ella é pobre e nada tem;  
Mas um conselho materno  
É um thesouro também.

« Escuta, filha querida,  
« Minha vida!  
Cada dia ella me diz,  
« Ouve a lição que te ensino,  
« Que não serás infeliz.

« Da mulher toda riqueza  
« É a pureza;  
« Oh, filha! confia em Deos!  
« Sé casta e boa, que os anjos  
« Hão de c'roar-te nos céos.

« Tua mãe tão probresinha,  
« Coitadinha!  
« Não tem nada p'ra te dar;  
« Dá-te a lição da virtude,  
« Que te repete a chorar. »

E como se em seus annos ainda tão verdes pudesse bem comprehender a dôr immensa que vassára n'esses versos o coração de sua mãe, a me-

nina desfazia-se em pranto, misturando com soluços as notas melancolicas de seu canto.

Todas as senhoras choravam tambem, e enxugavam com beijos e caricias as lagrimas da innocencia.

Quando a menina sentio-se socegada, levantou a cabeça e disse :

— Agora quero ir-me embora.

Adrianna e as outras senhoras despregaram de seus cabellos e vestidos as fitas que traziam, e atando-as dentro de um lençinho branco, obrigaram a menina a accitar esse presente, que aliás ella devorava já com olhos desejosos.

— E se mamãe ralhar?... perguntou a menina ingenuamente.

— Diga-lhe que foi D. Gabriella que lhe fez acceitar esses enfeites para suas bonecas.

A menina bateu palmas de alegria com suas mãosinhas de cherubim, e, saltando de contente, deitou a correr pelo monte acima : em uma volta do caminho voltou-se, sorriu-se, disse adeos, atirou beijos ás senhoras e desapareceu.

O interesse com que todos se haviam exclusivamente occupado da encantadora menina, foi causa de que ninguem reparasse em Fabiana,

Frederico e Leonor, que formando um grupo á parte, á sombra de uma arvore, levaram a conversar em voz baixa e com ar mysterioso durante todo tempo que os outros empregaram em admirar as graças e a viveza da interessante criança.

## IV

### CUIDADO!...

A sala resoava outra vez com o ruído das contradanças : a infatigável mocidade descansava do longo passeio da tarde entregando-se de noute a novos e innocentes prazeres.

Americo, ardente e apaixonado, perdêra emfim todo o acanhamento, que lhe sopeava o genio vivo e alegre junto d'aquella que amava; e Adrianna tambem, pela sua parte, vencendo o immenso vexame que durante uma tarde inteira a dominára, apenas moderava com uma doce e ineffavel commoção a alegria em que nadava sua alma.

Verdadeira satisfação parecia expandir-se em todos os semblantes : apenas um só mancebo

mostrava tomar parte nos jogos festivos da noute, como obrigado para não representar uma excepção no meio d'aquella sociedade : esse mancebo era Camillo.

Seu olhar ás vezes vagando indifferente por toda a sala, ás vezes fixo em um objecto, que nem por isso via; suas faces levemente coradas; suas respostas em muitas occasiões absurdas, tudo demonstrava que seu pensamento fugia de lugar em que seu corpo se achava preso.

Alvo das zombarias e dos gracejos das senhoras, e talvez da curiosidade dos homens, só Americo podia alli comprehender a causa da distracção e da melancolia do seu amigo.

Camillo se sentia cada vez mais abrazado de amor pela mulher mysteriosa que habitava a ermida arruinada : a cada hora que passava, sua paixão parecia ir conquistando, dominando e escravizando todas as suas faculdades.

Os jovens, que na côrte se habituam ao viver de festas e de bailes, onde arrostram todas as noutes a influencia e o poder de olhares abraçadores e de voluptuosas bellezas, não podem, senão excepcionalmente, sentir essas paixões ardentes e irresistiveis que rebentam no coração



d'aquelles que na vida do retiro e da solidão, as vezes vêem de anno em anno, e as vezes só de relance, peregrinas formosuras, que desabrocham e brilham ignoradas como flôres do deserto. Os primeiros não podem imaginar, porque estão vendo; os segundos não vêem, sonham de longe; e entre o amor de uns e de outros existe tão notavel differença, como entre aquillo que se vê e aquillo que se imagina, como entre a realidade, que é gelo, e a imaginação, que é fogo.

Ajuntai ao espirito ardente e vivamente impressionavel do mancebo da solidão e do retiro, a vida mysteriosa d'essa mulher de deslumbrante belleza, esse trajar romanesco e desusado, essas madeixas negras e soltas ao vento, esse andar compassado e suave como um resvalar de sombra, esse encanto inexplicavel em tudo que cercava a formosa ermitôa, e fareis, incompleta embora, uma idéa da paixão que ardia como um volcão na alma de Camillo.

Cego, pois cegos são todos aquelles que amam ardentemente, Camillo tinha querido vêr na formosura da bella desconhecida um vero espelho de sua vida; não comprehendêra que taes encantos pudessem ser animados por uma alma que

não fosse o sacrario de todas as virtudes; uma duvida a tal respeito lhe parecia um sacrilegio.

Entretanto, a tarde que acabava de passar tinha deixado uma duvida em seu coração : aquella menina que fallára e cantára, enfeitçada pelas caricias das senhoras, havia pronunciado a seus ouvidos a palavra *mãii!* e essa palavra poderia ser a confissão de uma falta e de uma nodoa.

E no canto d'essa tarde a mysteriosa fallára tanto em remorso!...

Era por isso que muitas vezes aquella menina se mostrava á imaginação de Camillo como um remorso vivo, e era ainda por isso que elle estava mais triste e mais pensativo do que nunca até então.

Mas não era só Camillo que pensava na bella ermitôa e na interessante menina.

Ali mesmo, dentro d'aquella sala, onde todos pareciam exclusivamente occupados da musica e da dança, Christiano e Gabriella, com o sorriso nos labios para todós os seus hospedes, confiavam em voz baixa um ao outro duvidas, esperanças e pensamentos, que só elles talvez comprehendiam.

— Gabriella, disse Christiano, eu sinto como que um presentimento...

— Seria extraordinario, Christiano; mas eu tambem hesito já entre o receio e a esperança.

— Assim como eu!...

— Tenho nos meus ouvidos o timbre d'aquella voz... parece que a estou ouvindo...

— E o andar da pobre velha?

— É verdade... é verdade!...

— E reparaste no rosto da linda menina?

— Sim... sim... nada me escapou.

— Queres que te diga uma cousa?...

— O que?...

— Fizemos mal em não subir o monte e visitar a ermida.

— Não : tanta gente estava comnosco, que...

— Tens razão; ellas nos fechariam a porta.

— Ha ainda uma outra cousa igualmente extraordinaria.

— E qual?...

— Não ter o Dr. Benedicto sentido o mesmo que nós sentimos.

— Quem sabe?...

— Mas se elle não nos disse palavra?

— Talvez guarde o seu segredo ou as suas duvidas comsigo.

— Se o obrigassemos a fallar?...

— Ninguém obriga o nosso doutor a fallar quando elle entende que deve guardar silencio.

— Experimentemos.

O Dr. Benedicto approximava-se dos seus amigos n'aquelle mesmo momento.

— Doutor, disse Christiano, cada vez me convenço mais de que as senhoras têm mais idéas extravagantes que os homens!

— É uma compensação, respondeu Benedicto, porque os homens põem em pratica mais extravagancias do que ellas.

— Quer vêr o que está fervendo na cabeça da minha Gabriella?

— Ha de ser forçosamente algum pensamento generoso.

— Pois engana-se, porque é apenas uma loucura.

— Então em que pensa ella?

— No andar da velha, na voz da douda, e na physionomia da criança que vimos esta tarde.

Os olhos de Gabriella estavam fitos no rosto de Benedicto.

— E o que tem isso? perguntou este sem se trahir pela menor alteração physionomica.

Christiano levantou-se, e como se tivesse medo

de ser ouvido, unio seus labios ao ouvido do Dr. Benedicto e pronunciou duas ou tres palavras.

Gabriella continuava a olhar fixamente para o medico, e vio que elle reprimira um movimento, que era menos de surpresa do que de desgosto.

— Que diz, doutor?

— O que já foi dito, respondeu este friamente; não passa de uma idéa extravagante.

— Devemos, pois, apagal-a de todo em nosso espirito?

— Sim... sim... de certo.

— Não tem fundamento algum?

Em vez de responder, Benedicto sorriu-se tristemente.

— Não fallemos mais n'isto, disse Gabriella.

— Sim... conversemos em outra cousa : quer dar-me o seu braço?

— Pois não, doutor; com muito gosto.

Christiano ficou só, pensando ainda nas ermitões : meia hora depois, Gabriella veio de novo sentar-se ao pé d'elle.

— Então?

— É o que eu digo : quando elle teima em não fallar, ninguém lhe arranca uma só palavra.

— Portanto, ficamos na mesma?

— Não; eu tinha uma idéa para te propôr.

— Vejamos.

— Esta madrugada, ou, se quizeres, mais cedo ainda, quando todos estiverem dormindo, iremos juntos...

— Onde?

— Á ermida arruinada, está visto.

— E não tens receio?

— De que?... dos espiritos malignos com que sonha o pobre Leocadio?

— E se não nos quizerem abrir a porta da ermida?

— Se forem reaes as nossas suspeitas, duvido que esta porta deixe de abrir-se á minha voz; e se estamos enganados, se somos victimas da mais lisonjeira das illusões..., paciencia... será uma noute perdida, e nada mais.

— Bem : convenho em tudo, e darei opportunamente ordem para que nos tenham promptos dous cavallos.

— Nada de bulha, Christiano; não temos necessidade alguma de cavallos : iremos a pé e absolutamente sós.

— Estás hoje bem animosa, minha boa Gabriella!

— Tenho uma grande e bella esperança no coração, meu amigo; e a esperança enche de coragem as almas mais fracas.

— Seja como te parecer... convém entretanto...

— Silencio! disse Gabriella; Frederico vem dirigir-se a um de nós dous.

Com effeito, Frederico veio ter com Gabriella.

— Perdão, disse elle; mas um marido tem tanto tempo para conversar com sua mulher, meu caro Sr. Christiano, que é uma verdadeira injustiça privar-nos da honra de passear, dansar e conversar com D. Gabriella.

— Eu julgava, pelo contrario, que obsequiava aos senhores obrigando-os a occuparem-se exclusivamente das moças, respondeu Gabriella.

— Tomára eu ser condemnado ao agradavel sacrificio da sua companhia durante a noute inteira, minha senhora : e pois que suppõe que eu faria n'isso um sacrificio, castigue-me com elle, eu lh'o peço.

— Veja bem, Sr. Frederico!

— Experimente, minha senhora, experimente, eu lh'o rogo.

— Não... não quero ser má : agradeço a sua demonstração de urbanidade e delicadeza; mas

quero ao mesmo tempo poupar a sua paciencia : vá procurar as moças.

— Entretanto era a honra de um passeio que eu vinha procurar merecer.

— Isto é teima! mas repare bem, que eu posso ter a crueldade de lhe impôr a minha companhia por duas horas ao menos...

— Se não receasse impaciencia-a, pediria que estendesse essas horas de duas a quatro... pelo menos.

— Pois bem, acceito, disse Gabriella levantando-se e tomando o braço de Frederico : espero que nunca mais se lembre em sua vida de passar com uma velha.

— Uma velha, sim, minha senhora, uma velha de trinta annos de idade!...

— Trinta e sete, meu senhor.

— Pois ainda assim, uma velha de trinta e sete annos!... uma velha que ainda não pôde ser senadora por falta de idade!...

— Uma senhora casada é sempre como uma velha, Sr. Frederico.

— Ah! por modo nenhum : se o casamento equivallesse á velhice, acabava-se de certo o



mundo ; porque não haveria mais senhora alguma que se quizesse casar.

A conversação nos bailes toma por ponto de partida o menor incidente, e é bem feliz aquelle que vê surgir das primeiras palavras uma questãozinha agradável e ligeira que possa servir de objecto ás reflexões de um quarto de hora sem que o espirito se resinta das banalidades que se dizem.

Frederico era habil, tinha longa pratica das sociedades, e não lhe faltava espirito ; e como se quizesse demonstrar a Gabriella, que em seu juizo lhe fizera uma verdadeira injustiça, pôz em tributo todo o seu talento e todos os seus recursos para prender a attenção da esposa de Christiano, e para se tornar agradável a ella.

Não misturou nunca em sua conversação essas adulações sem gosto, esses elogios estúpidos, que a certa classe de improvisados elegantes parece o unico meio de entreter as senhoras ; mas comprehendendo bem que, quando se pratica com uma senhora, qualquer que ella seja, nunca se deve deixar de calcular com o seu amor proprio, Frederico deixava escapar a cada momento em sua longa conversação uma palavra, que como

que lhe sahia desaperebida, uma idéa passageira, e que trazia sempre o cunho da ingenuidade, e que pareciam a expressão franca e não calculada do reconhecimento da belleza e do merito da mulher com quem conversava.

Eram d'esses elogios que não podem offender a modestia, e nunca dão lugar a ser repellidos, porque não se podem tambem agradecer : eram d'esses elogios que se não dizem claramente, mas que facilmente se deixam adivinhar.

A despeito de suas prevenções e do máo conceito que lhe merecia Frederico, Gabriella não podia esconder a si propria, o quanto lhe agradava a conversação do habil cavalheiro : o seu passeio com Frederico foi pois se prolongando por muito tempo, e quando n'isso pensava, ella, para dar uma satisfação e defender-se ante sua propria consciencia, dizia consigo mesma, que teimava ainda em passear para realisar o castigo com que ameaçara Frederico.

Entretanto, esse passeio e essa conversação produziam uma impressão bem desagradavel no espirito de Adrianna !

A interessante moça lembrava-se que por muitas vezes ouvira sua mãe discorrer á sua vista de

um modo bem pouco lisonjeiro para Frederico, tratando de seu character e de seu procedimento; e exactamente nos ultimos dias que se haviam passado, e ainda na vespera d'esse, que estava prestes a terminar, Gabriella lhe fallára d'aquelle homem, e se pronunciára fortemente contra elle, e com um tom que bem demonstrava que o que se dizia era sobretudo um aviso que lhe dava.

Adrianna lembrava-se mais das palavras mysteriosas e quasi propheticas da terrivel ermitôa quando se apresentára na sala acudindo ao convite que recebêra. Desde que ouvira estas palavras, e que escutára a ermitôa repetir tantas vezes — *cuidado! cuidado!* parecendo dirigir-se tão claramente a Frederico, concebêra, a pezar seu, verdadeiro medo d'esse homem; sua imaginação de moça tão facilmente excitavel, representava-lhe com proporções gigantescas a maldade de Frederico, e emprestava a um homem ordinario e apenas atrevido, recursos e influencia de um espirito superior e de força descommunal.

Assim, pois, Adrianna, innocente e ingenua como era, não podia comprehender como sua mãe estava ouvindo com tanta amabilidade essa personagem terrivel, que com tão negras côres lhe

haviam plntado : quando Gabriella se sorria, ella estremecia toda ; quando a via responder com agrado a Frederico, olhava espantada, ora para seu pai, ora para o Dr. Benedicto, como se quizesse implorar o auxilio de algum d'elles a favor de sua mãe.

A culpa da impressão vehemente que estava sentindo Adrianna, e da idéa falsa que predominava em sua alma n'aquelle momento, provinha da exaggeração com que a propria Gabriella lhe fallava de Frederico : querendo arredar sua filha do perigo que poderia correr o seu futuro, se chegasse a amar Frederico, elle o descrevêra, marcando-o com traços tão terriveis, que agigantou desmedidamente um seductor de proporções triviaes.

É por isso que a exaggeração sempre é inconveniente e má, ainda mesmo quando se emprega para um fim bom e moral.

Algumas circumstancias concorreram ainda para abrir o coração de Adrianna ao receio e ao desassocego.

Ignorando as breves palavras que seus pais haviam trocado com Benedicto ácerca das moradoras da ermida arruinada, Adrianna não pôde explicar

uma certa expressão de cuidado e de observação incessante com que Benedicto olhava, ora para Gabriella, ora para Christiano, senão pela mesma causa, que tanto o inquietava : parecia-lhe que o fiel amigo de sua familia adivinhava alguma desgraça, e tinha pela primeira vez receio de ser franco com os seus velhos amigos.

Em uma outra occasião achou-se por acaso sentada perto da velha Fabiana e de Leonor, mas de um modo que as duas pareciam não tê-la visto, e então ouviu a tia e a sobrinha trocarem em voz baixa as seguintes palavras :

— Eu te recommendo, disse Fabiana a Leonor, que faças muito por não dansar nunca mais com o Sr. Frederico, e que em nenhum caso passeies com elle.

— Mas porque, minha tia?...

— Aquelle homem é um monstro! eu me tinha enganado com elle.

— Como?

— O Dr. Benedicto o conhecia melhor do que eu!... Ainda bem que a nossa pobre Adrianna não lhe será sacrificada!

— Porém... minha tia...

— Oh !... é um monstro ! mas eu nunca o supuz capaz de...

— De que, senhora?...

— Tu és uma tola... tanto melhor.

Adrianna levantou-se ainda mais desassocegada da cadeira em que se sentára para descansar um instante.

Quando algum pensamento nos preoccupa, pretendemos achar relação com elle em tudo quanto em torno de nós se passa. Adrianna julgou que a tia de Leonor pensava, como ella, em sua mãe, e tremeu.

— Ao engenho ! ao engenho ! disseram algumas vozes.

Era um passeio que se propunha ao engenho, que ainda estava moendo : Adrianna recebeu o braço de Americo, que correu a lh'o offerecer.

Um momento depois toda a sociedade sahia pela porta da casa para passar á fabrica, e alguém, aproveitando a confusão e o ruido que se fazia, murmurou ao ouvido de Adrianna :

— Vêla por tua mãe !

A moça não pôde reter um pequeno grito.

— O que tem ?... perguntou Americo cuidadoso.

— Nada, respondeu Adrianna procurando serenar; mas alguém me disse alguma coisa ao ouvido... Quem seria?

Voltaram ambos os olhos para traz, e entre outras pessoas, viram o Dr. Benedicto, que se sorriu para elles.

— Foi o Dr. Benedicto, sem duvida; disse Americo.

— Mas porque se sorriu elle então? perguntou tristemente Adrianna.

— Certamente para socegal-a, pois que ouviu o grito que o susto lhe arrancou.

— Tem razão : elle é sempre bom para mim.

— Gabriella já tinha deixado o braço de Frederico e acompanhava seu marido ; trocavam ambos ás vezes palavras em voz baixa ; Benedicto os observava de perto, e nada d'isso escapava a Adrianna.

O engenho estrugia com as cantigas rudes dos escravos, que, sentados nas almanjarras, tocavam as bestas : esses cantos nem cessaram, nem se modificaram com a chegada de Christiano e de seus amigos : são elles um direito dos *tocadores*, e servem ao mesmo tempo para animar os trabalhadores e excitar as bestas.

Os amigos de Christiano gozaram por algum tempo do espectáculo variado que lhes offerecia o trabalho da fabrica, e respirando ao pé das taxas um ar abrazado, vingaram-se do frio que haviam experimentado atravessando o pequeno espaço que separava a casa de vivenda do engenho.

A ceia, a dansa e os prazeres chamaram de novo á sala os hospedes de Christiano; mas tinham elles brincado tanto e estendido até tão tarde o divertimento na noute anterior, que um pouco depois da meia noute começaram a apparecer evidentes signaes de fadiga.

Á voz de — *vamos dormir* — levantaram-se todos, e faziam os cavalheiros suas despedidas ás senhoras, quando no meio dos cumprimentos, que uns aos outros se dirigiam, e d'essa especie de desordem que se observa ao desfazer-se uma numerosa sociedade de amigos, Adrianna ouviu de novo soar a seus ouvidos as mesmas palavras que duas horas antes ouvira :

— Vêla por tua mãe !

D'essa vez a pobre moça nem se quer teve força para olhar para traz afim de vêr quem lhe dava o terrivel aviso !



## V

### FABIANA OUTRA VEZ

Entrando no seu quarto, Adrianna sentou-se na cama vestida como estava, e ficou pensando triste e profundamente.

Sua cabeça ardia, seus labios estavam seccos, seu pulso batia com a frequencia da febre, e sua imaginação, dominando-a exclusivamente, supitava todos os conselhos que a razão em tal momento lhe poderia subministrar.

Que perigo corria sua boa mãe?... o que é que tinha força bastante no mundo para vir perturbar a doce paz, que até então ella desfructava junto de seu pai?...

Adrianna tremia.

Às vezes, combinando tudo quanto observára

durante a noute, não achava um motivo só que lhe devesse inspirar o menor receio ; e então inclinava seu corpo gracioso, como se quizesse socegradamente dormir ; mas ao mesmo tempo erguia-se de subito, parecendo-lhe ouvir soar a seus ouvidos as palavras crueis :

— Véla por tua mãe!

Sua mãe era o maior encanto que ella tinha sobre a terra ; mais que a si mesma amava-a com todo o extremo com que pôde amar uma boa filha.

Outra vez vinha-lhe á idéa o ir procural-a na mesma hora, e abrir-lhe seu coração, confiar-lhe os seus receios, e pedir-lhe para velar ao pé d'ella ; mas hesitava diante d'esse conselho de sua alma, temendo... ella mesma não podia explicar bem o que temia.

Qualquer que fosse a desgraça que estivesse imminente sobre a cabeça de sua mãe, Adrianna encontrava sempre em sua imaginação a imagem de Frederico como o agente, como o causador d'este infortunio.

É um homem terrivel ! tinha dito tres vezes haviam dous dias Gabriella á sua filha : é um homem perigoso e fatal ! a mulher que d'elle se approxima corre o risco de ser uma victima !

Entretanto, Gabriella se mostrára durante toda noute tão amavel e tão complacente para com elle, para com esse homem que lhe dardejára olhares de fogo!

Se havia, pois, um grande perigo para Gabriella, e se n'esse perigo apparecia sempre na imaginação de Adrianna a imagem de Frederico, o que é que podia ser?... de que é que se devia receiar?

A cabeça de Adrianna curvava-se sob o peso da maior de todas as desgraças : a filha tinha medo de córar por sua mãe !

Mas sua mãe, tão nobre, tão pura, sua mãe, o modelo das esposas, seria capaz de commetter, por pensamento só, uma acção de que se pudesse envergonhar?

A filha revoltava-se contra sua idéa... pedia perdão a Deos de ter mesmo concebido durante um instante tão indigno pensamento ; mas d'ahi a pouco... ella pensava outra vez.

Os seus soffrimentos iam cada vez se tornando mais insupportaveis, sua imaginação a cada momento se accendia em mais vivo fogo ; Adrianna convenceu-se de que o seu dever e o seu proprio socego a chamavam para junto de sua mãe, e ven-

cendo uma hesitação pueril, que até então a sustentivera, ergueu-se do leito em que se achava sentada e disse :

— Confiarei tudo a minha mãe! oh! sim, ella me perdoará, se eu sou uma louca... vou fallar a minha mãe.

E deu alguns passos para a porta que do seu quarto se abria para um corredor; mas, quando punha já a mão na chave, sentio que a porta por si mesma se abria, e vio logo depois diante de si a figura de uma mulher.

Adrianna recuou espantada; mas finalmente reconheceu a velha Fabiana.

A tia de Leonor estava pallida e sobresaltada, em seu rosto lia-se a expressão do susto e do pezar.

— Oh! tinha exclamado Adrianna : o que é isto?

— Silencio, D. Adrianna, silencio!

— Mas o que é isto?... eu tenho o coração cheio de medo... o que é isto?

— Socegue... nem tudo está perdido...

— Perdido?... o que?... como?... o que ha?...

— Silencio antes de tudo...

— Oh! isto é capaz de matar! exclamou de

novo Adrianna deixando-se cahir sentada na cama.

Fabiana sentou-se junto d'ella e apertou entre as suas uma das mãos da filha de Christiano.

— Não sabe o que ha?... perguntou.

— Não.

— Nem suspeita?

— Não.

— Então porque treme?

— Oh! nem sei... fazem-me tremer!

— Quem?

— Não sei.

— Pobre menina! tem razão...

— Mas razão de que?... o que succede?...

— Nunca me hei de perdoar! ser eu a causa involuntaria.

— Acabe... falle...

Fabiana parecia hesitar.

— Senhora, disse Adrianna; eu tenho medo de endouecer esta noite! diga : porque estava ali atraz d'aquella porta?

— Eu não estava atraz da porta, menina! respondeu a velha fingindo-se resentida.

— Mas...

— Eu vinha dizer-lhe duas palavras bem

tristes; mas, apesar do sacrificio que me era preciso fazer para dizel-as, obedecia á minha consciencia.

— Pois então porque não falla?

— Eu vinha pedir-lhe um conselho.

— A mim?...

— Sim; porque era a unica pessoa a quem eu pedia e devia me dirigir; trata-se de um objecto gravissimo, e é preciso não perder um só minuto.

— Oh! falle..., falle...

— D. Adrianna, sabe que fui eu quem introduzi na sua casa a Frederico?

— Sim, sei, respondeu a moça tremendo.

— Oh! e quem introduz uma pessoa em uma casa, quem apresenta um homem a uma familia, toma de certo modo a responsabilidade do procedimento d'esse homem, não é isso?

— Creio que se entende assim.

— Pois bem; declaro e juro que quando apresentei Frederico á sua familia, estava convencida de que apresentava um homem honrado, um cavalheiro completo.

— E... agora...

— Confesso ainda mais, confesso, bem que me custe a fazel-o, que eu me suppunha com di-

reito a esperar que Frederico viesse em breve a fazer parte da minha familia, casando-se com minha sobrinha; elle não se havia formalmente declarado a tal respeito; mas tudo parecia indicar que eram essas as suas intenções.

— E sua sobrinha...

— Eu lhe havia disposto absoluto segredo sobre tal objecto; e fiz bem, porque agora reconheço que...

— Acabe!

— Esse homem... é um miseravel... um infame... em uma palavra... é...

— Diga...

— Um seductor!

— Seductor!... repetio Adrianna machinalmente.

— Um terrivel e abominavel seductor, que não respeita consideração alguma, e nem mesmo uma vida pura e os mais sagrados laços.

— O que quer dizer, senhora?

— O que eu quero e vou dizer é uma cousa horrivel, disse chorando a velha Fabiana; mas que é preciso a todo custo dizel-o para que, ainda a tempo, se previnam grandes desgraças!

A pallidez, a commoção, a voz tremula, e as

lagrimas de Fabiana, davam ás suas palavras o accento da verdade : Adrianna esqueceu quanto lhe haviam dito do character d'essa mulher, abafou as suspeitas que ella lhe inspirava, e com a maior boa fé do mundo entregou-se, pobre victimá, nas mãos do mais duro algoz.

— Então o que ha?... conte.

— D. Adrianna, disse a velha soluçando, a minha boa amiga, a sua excellente mãe...

— Minha mãe?!

— Sim... está a ponto de tornar-se a mais desgraçada de todas as mulheres!

— Ah! e como?

— Um instante de allucinação...

— Que!...

— Silencio, menina... nós temos a desgraça ao pé de nós... silencio! eu não quero offender sua mãe, quero salvá-a... ah! minhas lagrimas não lhe estão dizendo o que eu sinto?...

A velha começou de novo a chorar e a soluçar de tal maneira, que Adrianna commovida desfez-se tambem em lagrimas e apertou-a nos braços.

— Perdôe-me, dissa ella, se desconfiei da credulidade de suas palavras!...

— Oh! não... não... reconheço que é muito



duro ouvir dizer o que eu dizia; mas, minha filha, convém dizel-o... assim é preciso...

— Eu lhe escuto.

— Por ora, nada ha que possa manchar a vida de sua mãe... entretanto... muitos olhos viram a condescendencia demasiada com que minha boa amiga escutava esta noute os ardentes protestos de Frederico...

Adrianna escondera o rosto entre as mãos.

— E a fatalidade... deixou a alguem ouvir alguma cousa... que póde acarretar grandes infortunios sobre esta casa.

— Um escravo seu... ouviu Frederico pedir, exigir e conseguir de sua mãe uma entrevista esta mesma noute... na sala que fica contigua á sala de jantar...

— É falso! exclamou Adrianna revoltando-se.

— Oh! sim! sim! é preciso que o seja, disse Fabiana rapidamente; é preciso absolutamente que o seja; porque eu ouvi o escravo dizer tudo a seu pai, menina!

— Misericordia! exclamou Adrianna apertando a cabeça entre as mãos.

— E a esta hora, continuou a velha, seu pai certamente finge dormir e vela... deixará que a

hora da entrevista chegue... que a um leve signal a infeliz vá á sala... e então... quem sabe... quem sabe que desgraça sobrevirá?!

— É falso! é falso por força : minha mãe é um anjo!

— Oh! sim, sim; eu já disse que era preciso que isso absolutamente fosse falso, e eis-aqui como ha de sê-lo.

Adrianna escutava com intenção.

— Para chegar á sala de que se trata, é preciso que Frederico passe pela de visita... pois bem, eu lá me acharei; lançar-lhe-hei em rosto a sua infamia; fal-o-hei retirar-se... velarei toda a noute; e amanhã seu pai estará convencido da innocencia da minha boa amiga, e eu terei a coragem de, fallando a sós com ella, mostrar-lhe o perigo a que se expóz e o que é necessario fazer.

— Oh! sim... sim... disse Adrianna entretanto, porque não disse tudo isso á minha mãe esta noute mesmo?

— Menina, é porque você não vio como seu pai a devorava com os olhos, e como era impossivel dizer-lhe uma palavra sem que elle ouvisse.

— E ainda será tempo?... perguntou Adrianna tremula e anciada; ainda será tempo?... oh! meu

Deos! ou seja tudo isto uma mentira, ou morra eu antes de vêr o dia de amanhã.

— Todavia... observou Fabiana; occorreu-me uma duvida, e foi por isso que aqui vim, para ouvir o seu conselho, menina; porque aliás tudo eu faria sem que mais ninguem soubesse do que se vai passar.

Adrianna pôz-se a escutar outra vez.

— Se eu fôr impedir esta entrevista, impedindo os passos de Frederico, conseguil-o-hei certamente : mas dirigindo-me amanhã á minha amiga, não terá ella de córar diante de mim?... e Frederico não ficará com a certeza de que uma pessoa estranha tem conhecimento da fraqueza, que esteve a ponto de perder a melhor das esposas?...

Adrianna ajoelhou-se e exclamou :

— Perdão! perdão, se foi preciso que eu lhe ouvisse dizer tanto para correr ao posto onde me chama o meu dever de filha!

Fabiana reprimio um movimento de infernal alegria, que de passagem lhe brilhára nos olhos.

— Eu saberei guardar este segredo terrivel, disse ella, como um tumulo guarda os restos de um finado.

— O escravo que fallou, mentio por força, continuou Adrianna; minha mãe é nobre e pura; e quero ir eu mesma velar n'aquella sala para ter o direito de lhe asseverar amanhã a innocencia de uma santa mulher que se calumnia!... eu vou...

— Espere, disse Fabiana; deixe-me sahir primeiro: a bulha de nossos passos póde fazer suspeitar alguma cousa a seu pai... eu me retiro já.

A velha sahio, e Adrianna, ajoelhando-se de novo, ficou resando durante cinco minutos, e tão embebida ficára na sua oração, que não ouviu o fraco ruido de uma janella que acabava de abrir-se cuidadosamente.

A velha Fabiana tinha chegado ao seu quarto, e entreabrindo uma janella que dava para o lado do engenho, deixou cahir um lenço no terreiro.

— Era um signal sem duvida alguma.

Adrianna levantou-se emfim, apagou a luz e dirigio-se, pé por pé, para a sala de visitas.

No momento em que a moça entrava na sala, abriu-se vagarosamente um janella da frente, e um homem saltou com presteza e cuidado para dentro.

Ao clarão da lua Adrianna reconheceu Frederico!

## VI

### TRAIÇÃO

Desde o jantar até chegarem a seu termo os divertimentos a que se votára a metade da noite, Americo, ou de proposito, ou por acaso, não se approximára uma só vez de Leonor.

Este procedimento contrariava visivelmente a sobrinha da velha Fabiana : durante toda a tarde tinha ella cedido com paciencia o campo a Adrianna : mas no correr da noite pareceu um pouco incommodada com o exclusivismo com que Americo se entregava ao culto de sua amada.

Aproveitando um momento em que o mancebo passava junto d'ella, Leonor lhe havia dito :

— Por consequencia a noite de hoje pertence

toda a Adrianna e a mais ninguem, Sr. Americo?...

— É uma indemnisação, minha senhora; pois que tiveram a habilidade de me affastar d'ella dous dias e duas noutes.

Leonor recebeu o golpe que n'aquellas palavras lhe era directamente dirigido, e d'ahi a pouco retirou-se da sala e fechou-se no seu quarto durante meia hora : quando voltou de novo á sala, disse algumas palavras ao ouvido de sua tia.

— Escreveste?... perguntou esta.

— Sim, senhora, e trago comigo.

— Bem.

Leonor, que tomando uma parte activa nos tramas que se urdiam contra Americo e Adrianna, fôra no principio simplesmente um instrumento docil e obediente á vontade de Fabiana, começava já a mover-se e agitar-se pela inveja que lhe causavam os triumphos da bella filha de Christiano.

No momento da despedida, enquanto Fabiana pronunciava de subito as palavras terriveis, que soaram aos ouvidos de Adrianna, Leonor chegava-se junto de Americo, e passando ligeiramente um papel para as mãos do mancebo, dizia-lhe em voz baixa :

— Julga-me falsa e calumniadora... leia pois esse papel, e verá... véle esta noute!

— Que é isto?... perguntou-lhe o mancebo.

— É a minha defeza.

Americo sorriu-se.

— E a minha vingança tambem, senhor! leia... e verá quem é que mente, e... véle esta noute!

Americo ia provavelmente dirigir uma nova pergunta; mas Leonor desapareceu a seus olhos misturando-se com as outras senhoras.

— Véle esta noute!... disse elle consigo; excellente conselho para quem não pregou olho a noute passada!

E por mais que dêsse pouca importancia ás palavras de Leonor, não poudo vencer a sua curiosidade; apenas se vio só, passeando pela varanda do engenho, chegou-se ao lampeão, abriu o escriptinho perfumado que lhe entregára a moça, e leu primeiro com ar risonho, e depois com exaltação sempre crescente, o seguinte :

« O senhor julgou mal de mim, e acreditando no que outros lhe disseram, considera intriga ou falsidade o que eu desinteressadamente lhe referi na noute da sua chegada á esta fazenda; pois bem : saiba que hoje mesmo, d'aqui a uma, duas

ou tres horas, quando todos dormirem, uma entrevista deve ter lugar entre Adrianna e Frederico, na sala de visitas d'esta casa : duvida ainda de mim?... pôde ter a prova ao vêr o Sr. Frederico subir para a sala por uma janella que ficará aberta ; e se quer prova mais evidente ainda, eu darei traças para que fique aberta a porta da rua, e então pôde o senhor da saleta da entrada observar e vêr com os seus proprios olhos tudo o que se passar dentro da sala. Vou deitar um cordão pela janella do meu quarto, e o senhor atará no cordão este meu escripto, como um signal, se quizer que eu lhe deixe aberta a porta da sala. Desejo-lhe boa noute. »

Acabando de lêr, Americo fez um movimento para romper o escripto ; logo porém suspendeu-se, e depois de meditar algum tempo, sahio triste e carrancudo pelo engenho, dirigio-se para baixo da janella do quarto de Leonor, e achando o cordão prometido, atou na extremidade d'elle o escripto e retirou-se.

Uma hora depois, que lhe pareceu um seculo, Americo foi á porta da casa, empurrou-a e achou-a fechada ; deixou passar outra hora e voltou ; quando chegava junto da casa, sentio que



alguem dava volta á chave da porta; Americo sem hesitar empurrou-a, e abrindo-a, entrou, e vio o vulto ligeiro de uma moça que se retirava apressada e cuidadosa : n'esse vulto pareceu-lhe reconhecer Leonor, e sem que pensasse em segui-la, nem em chamal-a, cerrou a porta e sentou-se na saleta da entrada, que era contigua com a sala de visitas.

Comprimindo sua respiração, tremulo, e hesitando entre a duvida e o ciume, Americo ficou alli contando os instantes por afflicções e tormentos.

Tudo parecia concorrer para o bom resultado da intriga e da traição da velha Fabiana, e até mesmo aquillo com que ella não podia calcular.

Christiano e Gabriella estavam dispostos, conforme haviam tratado, a aproveitar o somno de seus hospedes para irem sós á ermida arruinada.

Quando lhes pareceu que todos dormiam, ergueram-se e dispozeram-se para partir.

Para não acordar, nem causar suspeita alguma aos escravos, entenderam ambos que lhes convinha sahir pela frente; endireitaram pois por um corredor que os levava á sala; mas, ao chegar á

porta d'esta, sentiram ruido, e parando, prestaram attenção.

O que aquelles extremosos pais viram foi para elles horrivel, como era horrivel o que da salêta observava Americo.

Como dissemos, apenas Adrianna entrava na sala, uma das janellas se abriu, e Frederico saltou para dentro.

Americo, entreabrindo a porta que tinha diante de si, via tudo, mercê do clarão da lua que se deramava na sala.

Adrianna deu um passo para Frederico, que pareceu ficar immovel de confusão e sobresalto.

— Silencio! e fuja! murmurou Adrianna em voz baixa que só Frederico podia ouvir-a.

— Senhora! disse este.

— Sei tudo... a desgraça está imminente... fuja... salve-se... e salve...

— Oh! murmurou Frederico, comprehendendo que talvez lhe devo hoje a vida, e não fugirei senão consentir que em prova do meu agradecimento eu lhe beije a mão de joelhos.

— A minha mão?... nunca, senhor!

— Não fugirei...

— Senhor... eu o aborreço... o contacto dos

seus labios mancharia a minha mão... eu o aborreço, repito!

Frederico ajoelhou-se diante de Adrianna como se fôra um amante que assim quizesse agradecer finezas que acabasse de ouvir.

Americo não tinha podido perceber uma só palavra; via porém que os dous se fallavam bem perto um do outro, e que Frederico se ajoelhára aos pés de Adrianna.

— Retire-se, senhor! disse Adrianna voltando a cabeça.

E n'esse momento chegavam ao fim do corredor Christiano e Gabriella, e entreabrindo tambem a porta, que os separava da sala, como fizera Americo, viram Frederico, ajoelhado, dobrar-se aos pés de sua filha, e depondo um beijo ardente na barra de seu vestido, levantar-se logo depois e lançar-se de um salto pela janella no terreiro.

Tudo isto passou com tanta rapidez, que já Frederico havia saltado, quando Christiano se lançou furioso no meio da sala.

Ao vêr seu pai, Adrianna cahio sobre uma cadeira, como fulminada por um raio.

Christiano, furioso, ia proromper...

Gabriella cahio de joelhos diante d'elle, pondo as mãos, como se orasse :

— Silencio, senhor! silencio!... murmurou ella chorando e tremendo ao mesmo tempo; oh! nada de ruido! não percamos de todo esta desgraçada...

Adrianna abriu os olhos e vio seu pai volvendo olhares accesos de raiva, ora para ella, ora para sua mãe, e sua mãe de joelhos como uma criminosa, pallida, desfigurada, tremula e banhada em lagrimas...

Céga ainda, não comprehendendo que era victima da mais refinada traição, acreditando que seu pai persistia em desconfiar de sua mãe, chamou Deos em seu auxilio, e querendo salvar sua mãe, mesmo a preço de todo o seu futuro, levantou-se, e ajoelhando tambem, exclamou :

— Compaixão, meu pai!... eu amo este homem!

— Maldita!... ia dizendo Christiano.

— Perdão!... balbuciou Gabriella, e cahio desmaiada.

## VII

### A MARGEM DO LAGO

Começava a romper o dia ; os véos de neblina iam-se pouco a pouco adelgaçando e cedendo á natureza o imperio da luz : os canarios sacudiam suas pennas e entoavam alegres trinados ; succedia ao silencio o ruido no seio mesmo da solidão.

A curta distancia da ermida arruinada, porém, muito mais afastado da estrada, do que o estava o terrivel precipicio, a que se tinha dado o nome de *Boca-do-Inferno*, via-se no centro de um bosquesinho solitario um pequeno lago gracioso e bello, em cujas aguas mansas e limpidas se espalhavam os ramos de arvores frondosas, que se debruçavam sobre elle.

Surgiam do seio do lago as pontas de alguns rochedos, como cabeças de gigantes negros, cujos corpos estivessem mergulhados dentro d'agua; e em derredor d'esse lago, que se escondia no coração do bosque, como um mysterio da solidão, ora novos rochedos se levantavam banhando os pés na lympha transparente, e vestindo-se de verde musgo ou coroados de arbustos enfezados; ora um leito de relva fresca e viçosa dividia o bosque, como uma zona de verdura.

Sitio encantado e silencioso, grato e ameno retiro preparado pela propria mão da natureza, o bosque cercava mais ou menos por todos os lados o solitario que se tivesse ali acolhido, e que só podia ver, além d'essa muralha vegetal, o lago a seus pés e o céu sobre sua cabeça.

O dia vinha pois rompendo...

Como a lua placida e formosa que, resvalando pouco a pouco e mansamente por detraz de uma nuvem branca, primeiro apenas se insinua e depois enfim se patenteia com toda a magestade de sua belleza, appareceu ao longe, meia encoberta pelo sendal de neblina, uma mulher, que a principio se julgaria a visão vaporosa de um sonho, mas que á medida que se approximava

cada vez mais, ostentava as graças de uma formosura peregrina.

Era a bella e mysteriosa ermitôa ; era a *doida*, conforme dizia o povo ; era o *demonio*, segundo o pensar de Leocadio ; era um *anjo*, na opinião de Camillo.

Vinha, como costumava, vestida de branco ; o fino tecido de suas vestes não podia preservá-la contra o rigor da estação ; mas essa mulher inconcebível parecia indifferente aos pequenos soffrimentos e ás dôres passageiras. À semelhança d'esses velhos guerreiros, cujos corações foram temperados nos horrores das grandes campanhas, e que se sorriem aos perigos vulgares que assustam aos soldados novos, ella, talvez muito desgraçada, tinha passado já por tão cruéis torturas, que não se sentia mais dos incommodos triviaes.

Subio por um dos rochedos que ficavam sobranceiros ao lago, e, chegando ao seu cume, deixou-se estar por alguns momentos em pé e immovel, como se contemplasse o bosque que diante dos olhos tinha.

O primeiro raio do sol reflectio sobre o vulto da mulher mysteriosa.

Sua estatura era alta e magestosa ; cabellos

negros e luzentes cahiam em bastos caracões até os joelhos ; sua fronte, elevada e bella, era branca como o marmore, e lisa como a superficie do lago ; longos cilios pretos e graciosas sobran-celhas da mesma côr temperavam o brilho ardente de seus olhos grandes e de uma negrura talvez demasiada ; seu rosto era pallido, destacando-se ainda mais no meio d'essa pallidez o rubor de uns labios humidos e bellos, que escondiam alvissimos dentes ; a elegancia de seu collo, a formosura de seus braços, a delicadeza de suas mãos brancas, a perfeição de suas fôrmas e a delicadeza da cintura, que se desenhavam por baixo das vestes amplas e ondeantes que trazia, completavam os encantos d'essa mulher fascinadora. Um pésinho breve e gracioso tinha avançado além da barra de seu vestido ; nada pois lhe faltava para ser formosa.

Ajuntai-lhe agora involuntaria voluptuosidade nos movimentos e nas posições que tomava o seu corpo, e essa voz melancolica e arrebatadora com que entoava seus tristes cantos no seio da solidão, e tereis feito uma idéa, talvez ainda imperfeita, da interessante ermitôa.

Ella, porém, sentou-se sobre o rochedo, e



embebendo os olhos no lago, ficou meditando.

Era doloroso o meditar da ermitôa : ás vezes sua fronte se anuviava, encrespavam-se seus supercilios, como se em seu espirito se agitasse uma idéa de odio ou de vingança, que vinham ainda denunciar-se em seus olhos que vibravam olhares de chammas ; ás vezes suas faces se accendiam em vivissimo rubor, como se a purpura de pejo se viesse derramar sobre o marmore d'aquelle rosto encantador, e ás vezes tambem todos os seus traços se contrahiam, seu coração palpitava vehemente, seus labios tremiam em violenta convulsão, como se a lembrança do passado, e n'ella o remorso de um grande crime, puzesse em torturas a sua alma e desfigurasse o seu rosto.

Mas nem uma queixa, nem uma palavra escapava de sua boca, e nem mesmo n'esse dia se lembrava a ermitôa de entoar algum de seus cantos costumados.

Ficou durante uma hora inteira assim em silencio e immovel sobre o rochedo simulando uma estatua primorosa, obra de um cinzel de genio.

Finalmente, arrancou do seio do peito um

suspiro anciado e doloroso, e do seio do lago seus olhos esquecidos; ergueu-se, desceu pausadamente o rochedo, e ia sem duvida retirar-se, quando de uma moita de arbustos, que visinha demorava, saltou rapido e inopinado um mancebo que veio cair de joelhos a seus pés.

A ermitôa recuou um passo... um grito estava prestes a escapar da sua boca...

— Perdão!... mas nada receeis!... exclamou o mancebo.

Era Camillo! a ermitôa, parecendo reconhecê-lo, suffocou o seu grito; porém, voltando-se com promptidão, quiz fugir...

Camillo prendeu-se com ambas as mãos á barra do seu vestido, como um naufrago que se agarra a uma taboa salvadora.

— Oh! não! não! não!... dizia elle.

A ermitôa sentio que não podia escapar ás mãos do mancebo; voltou-se pois, e fria como o rochedo em que estivera sentada, perguntou simplesmente :

— Que me quereis?...

— O que quero de vós? oh! quero muito!

— Levantai-vos. disse a ermitôa.

Camillo ergueu-se, como se obedecesse machinalmente á voz d'aquella mulher.

— Que me quereis?... repetio ella.

— Antes de tudo dizer-vos que vos...

— Esperai, disse a ermitôa suspendendo e interrompendo o mancebo : adivinhei a palavra que ieis proferir ; não posso, nem devo ouvi-la.

— E que importa que eu a não profira, se tenho no coração o sentimento que ella exprime?...

— Mancebo, se ainda é tempo, tratai de salvar-vos : o meu contacto empesta, fugi !

Camillo ficava immovel, e devorando com os olhos a encantadora creatura que tinha diante de si :

— Eu vos fiz mal, bem o vejo : possa agora a minha voz ao menos despertar em vossa alma a prudencia e a razão. Mancebo, eu sou maldita, e não devo ser amada. Querieis dizer-me que sou bella?... oh ! tambem ha serpentes que ostentam côres brilhantes... fugi !

— Não ! eu ficarei, e vos seguirei por toda parte, como a sombra do vosso corpo ! eu me prenderei a vossos passos, e vos obrigarei a tornar-me ditoso ou a matar-me ! mulher, quem quer que sejais, eu vos amo !

— Desgraçado!

— Eu vos amo! repetio Camillo.

A ermitôa levantou os olhos para o céu com indisivel expressão de profunda melancolia, e, depois de alguns momentos, disse :

— Amar-me!... amar a peregrina desconhecida e suspeita, que hontem appareceu na montanha, sem que se saiba d'onde veio, e que amanhã talvez desapareça para sempre, sem que alguém possa dizer para onde foi! amar-me! amar uma mulher mysteriosa que se esconde no seio da solidão, como se tivesse vergonha de mostrar-se aos olhos do mundo; que vai todas as tardes sentar-se á borda do abysmo, como se tivesse n'alma a idéa do suicidio, e que nos seus tristes cantos ora desprende o grito do remorso, ora deixa ouvir a risada do desprezo!... amar-me! amar uma moça que o povo chama doida, e que vive com uma velha que de continuo chora, e com uma criança que póde ser sua filha!... amar-me! oh! mancebo, sabeis acaso se me deveis amar?...

— Sei que vos amo, e não preciso saber mais, disse Camillo com ardôr e fogo; sim! sois a mais bella das mulheres, e não podeis deixar de ser virtuosa e pura : á obra mais completa do

Creator não podia faltar a graça divinal da pureza. Eu vos amo!

— Mancebo! a paixão vos cega e vos arranca ao dominio da razão. Tudo que me cerca indica que eu não sou digna de um amor generoso e nobre : pobre forasteira, porque desertei de meus lares?... mulher bella, como me julgais, porque me retiro do mundo e fujo dos homens?... cantora da solidão, porque canto sómente remorsos e desgraças? e essa velha que me acompanha, porque chora quando eu canto?... e essa menina que me segue, porque se ri quando me olha?... mancebo! desconfiai de tanto mysterio... fugi!

— Quem quer que sejais, um grande infortunio obscureceu o vosso passado; eu bem o vejo; mas do infortunio á deshonra ha uma distancia immensa, no meio da qual existe um abysmo d'onde não se sahe com a fronte serena, como a vossa fronte, e com o semblante candido e formoso, como o vosso semblante : fostes desgraçada, e eu sinto-me com forças para vos tornar feliz : basta uma palavra, dizei-a!

— Eu nunca a direi, respondeu fria e dolorosamente a mulher mysteriosa.

— Escutai, disse Camillo com voz pausada e

calma, como a do homem que n'um momento solemne falla profundamente convencido no que diz ; escutai ! eu nunca tinha amado ; escutei o vosso canto e senti-me commovido... era ainda tempo de escapar ao meu destino (porque o meu destino sois vós) se me afastasse d'estes lugares ; fiquei, porém, e vi o vosso rosto atravez de um véo que a minha imaginação desnublava, e vi-o ainda depois á luz do sol, e n'este mesmo lugar ; tudo ficou decidido ; eu vos amo com um amor que ha de dar-me em breve a ventura ou a morte ; isto agora é irremediavel ; é um destino que se deve e que se ha de cumprir : a ventura ou a morte ; decidi.

Camillo calou-se e esperou a resposta da ermitã : o tom de sua voz decidido e firme, a simplicidade e a concisão da declaração que acabava de fazer, o brilho ardente de seus olhos e os traços visivelmente alterados de sua physionomia, fizeram estremecer a mulher mysteriosa.

Ella cravou suas vistas no lago, como se lhe pedisse uma inspiração, e depois de alguns instantes de silencio, sem mesmo volver os olhos para o mancebo, perguntou :

— E se eu não vos pudesse amar?...

— Matar-me-hieis.

— E se eu não fosse pura ?...

— Matar-me-hia eu.

A mulher estremeceu de novo : com seus olhos negros, formosos e abrazados, contemplou por algum tempo Camillo, que se conservava firme e inabalavel ; uma expressão de indissolvel amargura se derramou por um momento em seu rosto, mas logo depois suas faces se accenderam, suas sobrancelhas encresparam-se, seus olhos vibraram raios ardentes, e com voz tremula pela commoção, ou por algum outro sentimento mais violento, perguntou de novo :

— Morrerieis?... matar-vos-hieis?... mas se eu vos apontasse com o dedo a serpente que me tivesse mordido no seio ?

— A serpente ?!! exclamou Camillo tornando-se livido como a imagem da morte.

— Sim ! e se eu vos pedisse vingança ?...

— Senhora, eu vos vingaria primeiro e me mataria depois.

— E em premio d'essa vingança...

— Morrer a vossos olhos.

A ermitôa curvou a cabeça tristemente : Camillo, ferido pelas palavras que acabava de ouvir,

comprehendendo que na vida d'essa mulher fascinadora havia já uma hora de fraqueza e de vergonha, sentia que em seu coração a esperança se trocava pelo desespero, a vida pela morte; quando poudo vencer a violencia dos diversos affectos que em sua alma se debatiam, sua voz se desprendeou, e frio e calmo na superficie, perguntou por sua vez :

— Não mentistes?

A eremitôa ergueu o rosto, e encarou espantada o mancebo.

— Não sois pura?... repetio elle.

— Eu não vos disse o que eu era; respondeo a desconhecida.

— Ouvi fallar de serpente, e de vingança...

— Embora... o meu passado é ainda um mysterio para vós e para todos...

— Menos para um homem; disse Camillo.

— E quem é esse homem?

— O Dr. Benedicto.

A ermitôa estremeceu por terceira vez.

— Mancebo! quem vos deu o direito de perturbar o retiro da desgraça, observando o que se passa na sua morada?...



— Eu vos amo : respondeu simplesmente Camillo.

— Camillo! disse com voz enternecida a ermitôa; sois a esperança e a consolação de vosso velho pai.

— Conservai-me pois para elle... se é que podeis fazel-o ainda.

— Lembrai-vos do seu amor!

— Meu pai tambem vos estima.

— Eu o sei, e talvez mais do que elle o pensa.

— Explicai-vos!

— Não posso.

— Mulher! eu vos suppuz o genio bom da minha vida... n'essas vestes brancas vi o sendal de uma innocencia, que deslumbrou-me...

— Ah! e agora?...

— Agora receio bem que sejais para mim sómente o anjo da morte, e que n'esses vestidos brancos me prepareis uma mortalha.

— Insensato!

— Sois o meu destino : o que eu sinto é mais do que amor, é delirio; não posso vencer-me... agora é impossivel; não posso tambem esperar muito... a duvida me trucida. Quem sois?... dizei.

A ermitôa hesitava.

— Haveis de dizer-me quem sois : eu vos amo!

— O sol já brilha ha muito tempo, respondeu a ermitôa; minha mãe me espera. Mancebo! pensai... reflecti : se tiverdes força para me esquecer, agradecei a Deos, e nunca mais me procureis; se a paixão porém vos cegar ainda... se a despeito do que ouvistes, desejardes conhecer-me, e saber quem eu sou, encontrar-me-heis á meia noite sentada no rochedo da *Boca-do-Inferno*.

— Pois bem, disse Camillo; até a meia noite.

— Adeos, Camillo! disse a desconhecida, dando um passo para se retirar.

— Uma palavra ainda; tornou o mancebo suspendendo-a.

— O que quereis?...

— Saber o vosso nome ao menos.

A ermitôa sentio-se commovida.

— Jurais pela alma de vossa mãe, e pela vida de vosso pai, que a ninguem o direis?...

— Juro, sim! como vos chamais?

— Vicentina.

A mulher mysteriosa, correndo, desapareceu aos olhos de Camillo, que repetia doce e vagorosamente, como se quizesse saborear-lhe a doçura o nome de — Vicentina!

## VIII

### PAI E MÃI

Fabiana tinha conseguido mais do que esperava : em seu infernal trama ella sómente pretendia desacreditar Adrianna na opinião de Americo, pois que pelo conhecimento do character d'este mancebo estava bem segura de vê-lo desistir de suas pretensões junto á filha de Christiano, e mesmo de obrigar-o a rejeitar a mão de Adrianna, se lh'a offerecessem.

A fortuna fez ainda mais a favor da traição ; Christiano e Gabriella haviam apanhado Frederico de joelhos aos pés de sua filha, e esta, pensando cumprir um santo dever, fingindo-se culpada, e dizendo-se amante de Frederico, tornava impossivel o seu casamento com o noivo escolhido por

seus pais, os quaes tambem não podiam, nem deviam lembrar-se mais de concluir o casamento projectado.

Fabiana havia observado tudo quanto se passára na sala, e retirando-se a tempo para seu quarto, deu conta exacta de tudo a Frederico em um bilhete, que terminava com o seguinte conselho : « Tudo vai bem ! nada de vãos receios ; amanhã a sua primeira palavra seja um pedido formal de casamento. »

Pela sua parte Christiano e Gabriella se haviam completamente esquecido da ermida arruinada, e das mysteriosas ermitôas : o espectáculo de sua vergonha os tornára indifferentes a tudo mais.

Vendo sua filha de joelhos a seus pés, e ouvindo a fatal declaração do amor que ella acabava de confessar, que votava a Frederico, Christiano procurou de balde achar uma resposta para dar á filha que o tinha illudido e ultrajado, e depois de encarral-a com expressão de colera, durante algum tempo, como se receasse acabar por ceder aos impetos dos violentos affectos, que o dominavam, estendeu o braço e mostrou com um dedo tremulo a porta á misera Adrianna.

A moça comprehendeu aquelle signal, e obede-

cendo a seu pai, ergueu-se chorando e retirou-se para seu quarto.

Christiano e Gabriella ficaram sós : um longo e terrível silencio foi finalmente quebrado pelo pranto de ambos.

— Desgraça ! horrorosa desgraça ! exclamou Gabriella ; o Dr. Benedicto tinha razão !...

— Sim ! e o culpado sou eu, disse com voz surda e tremula Christiano ; o culpado sou eu... mas eu me vingarei...

Gabriella olhou para seu marido espantada do tom com que elle pronunciára aquellas palavras, e mais espantada e temerosa ficou ainda quando vio as chammas brilhantes que dardejavam seus olhos.

— Christiano !... murmurou ella erguendo ambas as mãos para o marido.

— A ti, a mulher, bradou este ; a mim, o homem : irás dizer a essa velha perfida e infame que nem mais um instante se demore em minha casa ; quanto a mim... sei bem o que me cumpre fazer.

— Christiano !...

— Senhora ! pela primeira vez em minha vida ordeno-lhe que me obedeça.

— Bem, disse Gabriella animando-se; já sei o que me cumpre executar; creio porém, que tenho ainda o direito de perguntar o que pretendes fazer.

— Eu?... pois não o adivinhaste já?... sou então um miseravel, um cobarde, para que se duvide do que hei de fazer?

— Portanto... irás...

— Vingar-me, disse Christiano com os dentes cerrados.

— E nossa filha?... Exclamou Gabriella cahindo de joelhos.

— Nós não temos mais filha.

— Oh! e o mundo?

— O mundo!... o mundo!... repetiu o pobre pai estremecendo.

— E o credito de Adrianna?...

— Foi ella que o perdeu!...

— E és tu, Christiano; és tu que vais publicar a sua vergonha?

Christiano cahio sobre uma cadeira, fulminado pelas ultimas palavras de sua mulher.

— Pensa bem, meu bom Christiano; oh! não percas de todo aquella desgraçada.

— Embora... tornou o pai offendido; embora...

tenho o coração cheio de odio... repito... nós não temos mais filha!... e eu quero vingar-me!

Christiano ergueu-se de repente e ia se lançar para a porta; mas Gabriella de joelhos, como estava, o suspendeu abraçando-o pelos pés, e dizendo-lhe com uma voz entrecortada pelos soluços :

— Perdão! perdão para minha filha!

E levantando-se logo depois, começou a grrar pela sala, como uma louca, balbuciando machinalmente :

— Minha filha!... minha filha!...

Christiano dobrou-se ante aquella dôr immensa que agitava a sua fiel e dedicada esposa, abraçou-a apertadamente, chorou como ella chorava, e disse :

— Gabriella! não me acabes de matar!

— Oh!... respondeu-lhe a esposa : vê bem que não me mates tu primeiro!...

— Eu?... pódes tu dizer isso?...

— Sou mãe, murmurou Gabriella com uma voz tremula, mas cheia de indisivel ternura.

— Mas o que queres então?... o que queres?... não vês que temos na vida de Adrianna uma no-  
doa horrivel, que só se póde lavar com sangue?...

— Chegemo-nos para cá, disse Gabriella le-

vando pela mão o seu marido, e dirigindo-se para o lado da sala que ficava mais distante do interior da casa; fallemos baixo... talvez que tenhamos acordado alguém e que nos escutem.. fallemos baixo...

— Sim... fallemos baixo... repetio Christiano tremendo por sua vez.

— O sangue não lava manchas, disse a infeliz mãe; o sangue denuncia sómente a vergonha d'aquelle que se vinga : oh!... nada de vingança... a vingança acabaria sómente a obra do infame seductor!...

Christiano torcia as mãos com violencia e desespero; sua esposa tomou-lhe uma d'essas mãos, apertou-a entre as suas, e continuou :

— O que eu quero é que se não perca de todo minha filha!... minha filha tão boa e tão pura... quiz se fazer infeliz... paciencia! mas agora devemos nós tornal-a mais desgraçada ainda?...

— Mas... esse miseravel...

— Oh! sim! esse miseravel, a quem eu detesto, como ninguem o póde detestar; esse miseravel é um ladrão que nos roubou nossa filha... mas... agora, Christiano, ella está roubada... en-



tendes?... roubada por elle... pelo infame, e nós não a podemos mais dar a outro.

O pobre pai respondeu com um surdo gemido.

— A ermitôa o previa!... cuidado! muito cuidado! nos dizia ella; e nós não tivemos cuidado!

— Fui eu!

— Não; fomos ambos. É um castigo; é uma lição : as familias que se estimam e que não menosprezam a sua honra, não devem abrir as portas de suas casas a pessoas sem moral e sem credito; e quando commettem a fraqueza de as admittir em seu seio, não têm depois direito algum de se queixar das desgraças que por isso lhes sobrevêm!... um seductor é uma serpente; nós recebêmos em nossa casa a serpente, ella mordeu-nos... foi um castigo!

Christiano deixou cahir a cabeça.

— Agora o que nos cumpre é esconder ao mundo a nodoa...

— E amanhã?...

— Amanhã terá chegado a nossa vez de chorar no coração e rir nos labios.

— Oh!... é horrivel!...

— Amanhã... não será amanhã, Christiano; será d'aqui a pouco, porque o dia vem rompendo :

d'aqui a poucas horas virá o infame seductor pedir-nos Adrianna em casamento.

— E eu hei de curval-o a meus pés.

— Não! não! pobre e misero pai! has de, bem como eu, dizer-lhe que sim; porque Adrianna não póde mais ser esposa senão d'elle.

— E sacrificaremos assim Adrianna?

— E não está ella já sacrificada, Christiano?... Ah! pensa bem... estamos perdidos... não ha mais felicidade para nós; agora o que nos resta é escolher a desgraça menos insupportavel.

— Que desgraça mais horrivel do que vêr Adrianna casada com um miseravel?

— Ha uma ainda mais horrivel do que essa: é vêr o mundo olhar para Adrianna com desprezo; é vêr a sua deshonra propalada, e saber que cada homem que olha para ella a considera indigna de ser sua esposa! oh! isto é que me mataria forçosamente... sim! eu não poderia resistir e sobreviver ao descredito de minha filha...

— E esse infame...

— Esse infame virá d'aqui a pouco: os infames não amam; e esse infame calcula sómente com o dote de nossa filha; elle, pois, virá pedir-nos o que sabe que nós não lhe podemos mais negar.

— Mas Adrianna... aquella hypocrita... tão esquecida da educação que lhe demos! aquella ingrata... nos illudio!...

— Lamentemol-a antes, Christiano : Adrianna foi arrojada no abysmo... como, não sei; mas agora, ainda que o soubessemos, já era tarde para prevenir a desgraça.

— Deos lhe prepara um horroroso castigo! ella fez o seu infortunio por suas mãos!

— Quando estavamos tão perto de assegurar a sua felicidade!... louca! infeliz!

— Oh! e agora, Gabriella, o que diremos nós ao Dr. Benedicto?... o que diremos nós a Americo?... ah!... depois de tantos cuidados, de tantos desvellos gastos com ella, a ingrata agarrou-me pelos meus cabellos brancos, arrasta-me pelo pó das ruas, envergonha-me e deshonna-me diante de todos!

— Christiano!

— Ah! sim! dize pois : o que dirás tu ao Dr. Benedicto?... confessar-lhe-has tudo, não é assim?... Confessarás a nossa vergonha!

— Não... não, meu amigo; eu lhe direi simplesmente que nossa filha teve a infelicidade de amar ao... infame, e que...

— E que nós a sacrificamos ao infame! bem, bem, excellentemente! disse Christiano com uma ironia desesperada; e a Americo, o que direi eu?... pouco mais ou menos a mesma cousa!

— Christiano!

— E pensas que elles nos acreditarão?... oh! não! o doutor, que é bom e nobre, adivinhará a nossa vergonha, fingirá acreditar-nos, e chorará escondido a desgraça de seus amigos; e Americo, bom, mas estouvado... crês tu que elle se não vingue da affronta que vai receber?... crês tu que elle tenha piedade de nós, como o Dr. Benedicto?...

— Americo é um excellente moço... e se elle suspeitasse o que se tem passado, não seria capaz de concorrer para augmentar os nossos pezares.

— Americo... tão estouvado! oh! se tenho medo d'este dia que está amanhecendo: porque não morri eu hontem, meu Deos!

O pobre pai começou a chorar desesperadamente, e, ajoelhando-se, ergueu as mãos e repetio mil vezes:

— Meu Deos! meu Deos!... tende compaixão de um pai desgraçado! matai-me, meu Deos, matai-me!

Gabriella ajoelhou-se tambem, e lançando os braços em torno do pescoço de seu marido, puchou-o para si, e apertando-lhe a cabeça contra o seio, chorou com elle, dizendo-lhe por entre lagrimas :

— Deos é grande! Deos é grande! Deos é grande!

Aquella mãe extremosa, que já não tinha mais esperança alguma na terra para fazer feliz a sua filha, voltava seu coração exclusivamente para Deos.



## IX

### O ESTOUVADO

Dormiam ainda socegradamente todos os hospedes de Christiano, bem que já fossem sete horas da manhã, quando um criado annunciou a este que Americo desejava fallar em particular a elle e a Gabriella.

Os dous infelizes esposos estavam tristemente sentados defronte um do outro na sala de jantar, e estremeceram ouvindo o annuncio da inesperada visita de Americo.

— Faze-o entrar para aqui mesmo, disse Christiano.

E depois que o escravo sahiu, continuou voltando-se para Gabriella :

— Devia ser assim ! é o estouvado que sabe

tudo, e que vem lançar-nos em rosto a sua afronta e a nossa vergonha !

Gabriella não teve tempo de responder, porque Americo acabava de entrar.

O mancebo estava pallido e desfigurado : em seus olhos fundos brilhavam olhares de fogo, que elle procurava esconder não demorando nunca suas vistas em nenhum objecto ; a despeito talvez de seu cuidado, notava-se em seus vestidos, como em seus modos, um desleixo que lhe não era natural.

— Perdôe-nos, disse Christiano, se o não fomos receber na sala : minha mulher passou mal a noute, e...

— E tambem eu, senhor, tambem eu passei horriavelmente a noute, e vim aqui para dizer o motivo d'isso.

Christiano olhou com uma indisivel expressão de dôr para sua mulher, que de sua parte sentio que estava prestes a desfallecer.

— Estamos sós ? perguntou Americo.

— Sim, respondeu machinalmente o misero pai.

— Senhora, disse Americo voltando-se para Gabriella, hontem senti que se me abria o céu..



e deslumbrei-me á luz que tocou meus olhos.

O mancebo parou : via-se que fallava á força e que trabalhava para encadear sem desordem um discurso que estudára.

— Sim... a minha má fortuna e a minha posição bem mediocre não impediram que dous dos meus melhores amigos quizessem abrir-me o seio de sua familia e honrar-me com o titulo de seu filho.

A anciedade de Christiano e Gabriella dobrava a cada palavra. Americo proseguio :

— Os senhores me levantaram ácima do que posso merecer ; mostraram a meus olhos a maior das felicidades... eu vi a virtude, a belleza, e, o que pouco importava para mim, mas o que a outros muito importa, a riqueza tambem : emfim, eu fiquei sabendo que não me seria impossivel alcançar a mão da Sra. D. Adrianna.

O mancebo respirou como fatigado e continuou :

— No primeiro momento, e durante todo o dia de hontem, o espectaculo de tanta felicidade que se me proporcionava me desorientou... não pude pensar... nem reflectir..; mas veio a noute... veio a reflexão, e eu lembrei-me, emfim, que já não posso dispôr de mim.

Christiano e Gabriella olharam espantados um para o outro.

— Senhores, proseguio Americo, eu tenho a minha palavra empenhada... fiz uma promessa de casamento na côrte... emfim, venho pedir perdão ou castigo, porque não me é possível aspirar á gloria que me seria concedida.

Christiano ia fallar, mas o mancebo continuou :

— Peço licença para encarregar-me de dar todas as explicações necessarias ao Dr. Benedicto, e, por ultimo, creio que, depois do que acabo de dizer, a minha prompta retirada...

Gabriella levantou-se chorando :

— Meu amigo! disse ella, nós comprehendemos tudo! falle ao doutor; mas... um derradeiro sacrificio... não nos deixe.

— Senhora, respondeu o mancebo, tanta bondade, quando eu sinto que offendo com a minha leviandade aos meus bons amigos!

— Oh! senhor... senhor...

— Eu tenho a cabeça perdida... De que sacrificio me falla, senhora?... quer que eu fique, que me demore em sua casa, apezar da má acção que pratiquei?... ah!.. não... não...

— Hade ficar, sim... e para sempre... embora

se não case com nossa filha, oh !... sim ! o senhor será, e é nosso filho : ouviu ? o senhor é nosso filho !

Americo beijou a mão que lhe dava Gabriella.

— Bem... bem... mas eu darei todas as explicações ao Dr. Benedicto ; e a sua bondade, minha senhora, chegará ao ponto de desculpar-me perante a senhora sua filha, e de conseguir d'ella o meu perdão ?...

— É muito ! exclamou Christiano ; é muito ! oh, nobre mancebo !... ainda ha poucos momentos eu te dava o nome de estouvado !... perdôa-me ! perdôa-me ! abraça-me, e chora comigo !

Americo lançou-se nos braços de Christiano.

— Oh ! disse Christiano com arrebatamento : Americo ! Americo ! tu és digno de teu pai !

— De meu pai ?... exclamou o mancebo levantando os braços : de meu pai ?...

— Christiano ! bradou Gabriella.

— Ah ! ah ! senhor ! quem era, quem é meu pai ?...

— Mancebo ! disse Christiano ; ha segredos que não revelamos aos nossos melhores amigos, porque não são sómente nossos.

— Tendes razão, senhor! disse com amargor Americo; tendes razão. Eu darei todas as explicações ao Dr. Benedicto.

E acabando de proferir essas palavras, sahi da sala triste e vagarosamente.

## X

### O NOIVO DE ADRIANNA

O mundo é um demonio, que ás vezes faz do fingimento um dever para a propria virtude; e assim como a hypocrisia chora com os olhos, em certas circumstancias, em que tem o coração alegre ou socegado, tambem o homem nobre se vê forçado pelo mundo a rir ás vezes com os labios, tendo o seio affogado em pranto e a alma dilacerada!

Os amigos de Christiano enchiam a sala; a velha Fabiana estava pensativa, Leonor alegre, Frederico recostado a uma janella, socegado e calmo, Adrianna pallida e abatida, mas forcejando para diminuir a sua dôr; todos os outros contentes,

até mesmo Christiano e Gabriella, que se sorriam e conversavam !

Christiano e Gabriella sorriam-se, ora para um, ora para outro de seus amigos ; mas nunca, ou só de relance, olhando para sua filha !...

E como não haviam de rir-se esses infelizes pais, se alli de redor d'elles estava o mundo... o terrivel mundo, que podia suspeitar e adivinhar a sua desgraça, se em sua immensa tristeza elles deixassem entrever a causa da sua dôr?

Quantas vezes o ruido de um prazer simulado abafa os gemidos sinceros que um grande infortunio arranca do coração ! é porque tambem ha dôres que fazem córar de vergonha, dôres que ninguem pôde curar, infelicidades para as quaes não ha consolação possivel, e que o mundo estúpido e máo lança a culpa d'ellas aos proprios que as experimentam !

Só faltavam na sala o Dr. Benedicto e Americo. Christiano e Gabriella pareciam esperal-os com anciedade e ao mesmo tempo com receio : finalmente mostrou-se á porta a nobre figura do medico.

O rosto do Dr. Benedicto estava contrahido e denunciava forte contrariedade; o seu primeiro

olhar foi terrível, e cahio como um raio sobre a velha Fabiana, que estava sentada defronte da porta; olhou depois com viva expressão de curiosidade para Adrianna, e, enfim, encarando por ultimo Christiano, fez-lhe com a cabeça signal de que precisava fallar-lhe.

Christiano dirigio-se com o seu velho amigo para o terraço, e dando-lhe o braço, começou a passear, dispondo-se a ouvil-o.

— Adivinho, doutor, o motivo da afflicção que em sua physionomia se está lendo.

— Entretanto eu o vejo rindo.

— Agora... aqui, não.

— Mas quando entrou na sala...

— Doutor! na sala eu tenho obrigação de esconder o que soffro.

— Entendo pouco d'isso... eu sou franco e não escondo nada.

Christiano não respondeu.

— Acabo de estar com Americo, disse Benedicto...

— Sim... e elle lhe disse o mesmo que me veio dizer ha duas horas.

— Pois disse-nos a ambos uma mentira!

— Não me compete a mim procurar saber se elle disse verdade ou mentira.

— Então !...

— O Sr. Americo declarou-nos polida, mas formalmente, que não podia se casar com minha filha.

— Bem ; e depois ?

— Tudo está decidido.

— Mas se eu affirmo e juro que tudo isto é o resultado de uma nova intriga d'aquella velha perfida e má ?

— D'esta vez não posso convir n'isso, douter.

— Porque ?

— Porque não comprehendo como D. Fabiana poderia obrigar ao nosso Americo a vir confessar-me que já deu palavra de casamento a uma senhora na côrte.

— Elle disse-lhe isso ?

— É verdade.

— Sim... sim... o cabeça de vento disse-me tambem a mesma cousa !

— Vê portanto...

— Vejo cada vez mais o genio máo d'aquella velha embrulhando esta questão ! Americo mentio ;



porque ainda na noite atrazada confessou-me que amava sua filha.

— Supponho que se podia descobrir a mesma confissão no que elle me disse ainda hoje de manhã.

— Então, já vê...

— Mas ao mesmo tempo elle manifestou francamente a sua decisão, declarando que está obrigado a satisfazer á palavra que deu; e n'isso prova que sabe cumprir com os deveres de homem de bem.

— E o que se passou durante o dia e a noite de hontem?

— Doutor, eu tenho obrigação de lembrar-me sómente do que Americo me veio declarar hoje.

Benedicto fez-se muito sério, e disse :

— Eu pensava, Christiano, que a respeito de Americo tu tinhas ainda outras obrigações.

— Sei que tenho, doutor, e juro que heide cumpril-as até o fim.

— Mas quanto ao casamento de Americo com D. Adrianna?

— Não é possível.

Benedicto tornou-se ainda mais sério, e disse sentidamente :

— Eu bem sei que para envolver-me n'isto só tenho o direito da amizade, e póde ser que me haja adiantado muito.

— Doutor!

— Talvez mesmo por me adiantar muito em tudo que diz respeito a Americo, tenha dado logar a que a maledicencia morda na minha vida, dizendo-se que sou pai d'esse pobre mancebo.

— E está arrependido, doutor, do que tem feito por elle?

— Não : estou velho, sei o que é o mundo, não lhe dou satisfação, porque o desprezo, e faço o que entendo : heide ainda continuar a proceder como até aqui, e tanto, que vou agora mesmo pedir-lhe um favor.

— A mim?

— É verdade : peço-lhe que suspenda por tres dias qualquer decisão a respeito do casamento que tinhamos projectado para Americo.

— Tambem já não é possível, doutor ; respondeu tremendo Christiano.

— Como?... não é possível?

— É certo : o casamento de minha filha já está decidido.

O Dr. Benedicto empallideceu.

---

— E com quem, Christiano!... e com quem?...  
será ao menos possível que eu saiba com quem?

— Recebi esta manhã uma carta de Frederico.

— De Frederico?

— Na qual elle me pedia a mão de Adrianna.

— Sim... mas nem resposta lhe d'este...

— E d'ahi a pouco minha filha veio cahir a meus pés, e fallou-me de modo, que...

— Acabe... acabe...

— Que me vi obrigado a fazer o que não queria!

— Isto, sim, é que não é possível!... exclamou Benedicto.

— E entretanto, nada mais certo!

— Ah!... mas D. Gabriella ainda não sabe de semelhante projecto de casamento.

— Pelo contrario, minha mulher unio-se a minha filha para conseguir o consentimento, que eu negava.

— É impossível! repetio Benedicto recuando dous passos...

— Doutor!...

— Apostaram todos de me endoidecer hoje, porque isto não póde ser senão uma zombaria!

— É uma triste realidade, meu amigo!

— Como?!.. pois haverá um pai que entregue sua filha a um homem sem credito, e sem honra, e só conhecido pelos desregramentos de uma vida de deboches e indignidades?

Christiano ficou calado.

— Ah! Christiano! Christiano! se tudo isto não e uma zombaria imperdoavel, é pelo menos um acto de tão espantosa loucura, que o meu espirito ainda não lhe admite a possibilidade. Christiano! Christiano! Amamo-nos como irmãos, desde a infancia... olhei até hoje para Adrianna como se ella fosse minha filha... e este golpe... este golpe..

— Doutor! doutor!

— Christiano, sempre foste um homem fraco, leve e inconsequente : eu não acredito no que me dizes ; isto não póde ser, e não se fará ; quero fallar com tua mulher...

E dizendo estas palavras, o Dr. Benedicto deixou Christiano só no terraço, e entrando na sala, dirigio-se a Gabriella e disse :

— Já sei que passou mal a noite, e que ainda não se acha de todo boa...

— É verdade, doutor; mas creio que não é cousa de cuidado.

— Vejamos sempre o que ha... tenho ordem de leval-a para dentro... vamos.

— Vamos, doutor; o poder dos medicos é absoluto.

E sahiram ambos da sala.

Christiano não tinha dito a verdade em tudo ao Dr. Benedicto.

Frederico, com effeito, escrevera uma carta laconica, mas expressiva, pedindo a mão de Adrianna, e exigindo uma resposta prompta; pois que, a não recebê-la, julgava-se obrigado a retirar-se immediatamente; mas Adrianna não cahira de joelhos aos pés de seu pai, pedindo-lhe o sacrificio a que se via condemnada.

Christiano e Gabriella foram ao quarto de sua filha; obrigaram-n'a a sahir com elles, e em uma sala retirada, o pai leu em voz baixa a carta que acabava de receber, e dobrando-a depois, disse :

— Á vista do que se passou esta noite, creio, senhora, que é desnecessario perguntar-lhe a sua opinião sobre a materia d'esta carta; eu cêdo ás circumstancias; vou responder que convenho no seu casamento : agora póde retirar-se; peço-lhe, por ultimo, que enxugue o pranto, e que não faça com que alguém suspeite a minha vergonha.

Adrianna estremeceu ante a idéa do seu casamento com Frederico, ergueu a cabeça para protestar; mas encontrou diante de seus olhos sua mãe desfeita em lagrimas, e olhando-a com uma dôr immensa, porém ainda com indisivel ternura : — pobre filha! murmurou apenas.

— Minha mãe!

A mãe, que não a podia comprehender, e que ao mesmo tempo não teve forças para resistir ao nome sagrado que Adrianna soluçando pronunciára, abraçou-a apertadamente, e disse :

— Minha filha!... minha filha!... talvez sejas feliz... eu te abençoarei de todo o coração!

A filha escutando essas palavras, sentio-se arrebataada pelo amor que votava á sua mãe; julgou ouvir um pedido, onde havia apenas uma consolação, e disposta já a todo e qualquer sacrificio :

— Sim, meu pai, exclamou! eu quero casar-me com o Sr. Frederico... eu o amo... e não heide chorar mais!

E fugiu de novo para seu quarto.

Quando teve de apparecer na sala, Adrianna trazia os olhos injectados e inchados, e queixava-se a cada pessoa que a ella se chegava de ter passado a noute em claro, com horriveis dôres de cabeça.

À entrada de Frederico na sala, voltou os olhos como se a sua presença a horrorisasse, mas pouco depois teve a coragem de sorrir-se para elle, ouvindo os cumprimentos que lhe fazia : seu pai estava perto.

A primeira vez que se encontrou n'essa manhã com a velha Fabiana, disse-lhe com rapidez estas breves palavras :

— Calumniaram minha nobre mãe, senhora : d'aqui a pouco terá uma prova evidente de que não era a minha mãe que aquelle homem procurava.

— Estimo muito, minha filha, disse a velha.

O que, porém, Adrianna mais receiava era a presença de Americo : a maneira por que se comportára com elle no dia e noute antecedente, davam ao mancebo o direito de julgal-a ou louca ou muito reprehensivel. Americo tardava : o Dr. Benedicto appareceu depois de todos, e ainda antes de Americo.

Emfim, elle tambem entrou na sala.

Um pouco abatido, mas alegre e vivo, como sempre se costumava mostrar, Americo veio dizer algumas palavras agradaveis, mas indifferentes, a Adrianna, e logo depois misturou-se com os outros cavalheiros : nem uma só phrase amorosa,

eile que as dissera tantas no dia antecedente! e nem uma queixa, nem uma palavra que revelasse a menor suspeita!

Embora não pudesse comprehender e explicar o procedimento de Americo, Adrianna respirou.

Benedicto e Gabriella entraram de novo na sala: a esposa de Christiano tinha alcançado um verdadeiro triumpho; pois que Benedicto sabendo que era inevitavel o casamento de Frederico e Adrianna, havia protestado retirar-se logo, e Gabriella conseguira fazel-o demorar-se.

— E sabe, dissera o velho medico, e sabe que é um horrivel sacrificio este que se me impõe?

— Sei, respondeu Gabriella; mas um dia o pagarei, e bem caro!

— Como?

— Aclarando-lhe um mysterio ainda mais horrivel do que o sacrificio que lhe impomos.

— Explique-se.

— Não; agora, não: ainda é cedo.

Benedicto calou-se, e acompanhou triste e silenciosamente a esposa do seu amigo.

À mesa do almoço, quando já todos se dispunham a levantar-se, Christiano, com voz tremula e commovida, disse:



— Meus amigos, tenho a satisfação de participar-lhes que o Sr. Frederico pedio-me a mão de minha filha, e que o seu casamento com ella, merecendo a nossa approvação, e sendo muito do gosto de Adrianna, deverá em breve ter logar.

Os parabens que choveram sobre os noivos abafaram um longo suspiro de Gabriella.

A velha Fabiana sorria-se triumphante; Benedicto estava pallido; Americo frio e impassivel.

Mas no meio de todos esses parabens a noiva desmaiou...

Quando ella tornava a si, nos braços de suas amigas, que a tinham soccorrido, dizia uma senhora á velha Fabiana :

— Está decidido que tambem o prazer é capaz de matar !

— É verdade, respondeu a tia de Leonor; e depois accrescentou fallando comsigo mesma :

— Eis-aqui como se eugana o mundo!



## XI

### O ÚLTIMO FAVOR

Mal reanimada ainda nos braços de suas amigas, Adrianna ergueu-se de prompto a uma palavra de sua mãe.

Gabriella, que temia sobretudo que alguém pudesse suspeitar o terrível segredo que perturbava a paz de sua família, e que podia pôr em risco o credito de sua filha, não desamparava um só instante Adrianna, e vendo-a tão triste, abatida e desalentada, quando parecia que só devia mostrar-se satisfeita e alegre, abraçou-a, e fingindo querer beijal-a, murmurou baixinho em seu ouvido.

— Reanima-te, minha filha! oh! é preciso que estejas bem contente!

Adrianna levantou-se com a resignação na alma e o sorriso nos lábios.

Aquella boa mãe e aquella boa filha soffriam torturas cruéis uma pela outra, e não se podiam comprehender!

Gabriella empregava todos os seus esforços e sacrificava todas as suas sympathias para salvar a honra de sua filha, que acreditava em perigo; e Adrianna sacrificava o seu amor e todo o seu futuro, e ia entregar-se a um homem que não amava, para conservar illesa e pura a honra de sua mãe, que suppunha em perigo tambem.

Gabriella não se explicava com Adrianna, porque, depois da scena occorrida na noute que acabava de passar, julgava toda explicação inutil; e Adrianna não se explicava com Gabriella, porque tremia diante da idéa de fazer sua mãe córar a seus olhos.

O triumpho da intriga e do crime parecia portanto seguro. A velha Fabiana exultava; Frederico calculava já com o dote da sua noiva.

As senhoras retiraram-se emfim da sala onde se havia servido o almoço; Adrianna deixou-se levar por ellas, os cavalheiros as acompanharam,

e ficaram sós o Dr. Benedicto, Christiano e Gabriella.

O velho medico estivera durante todo o almoço meditando profundamente, como se algum projecto se estivesse cuidadosamente organisando em seu pensamento : quando se vio só com os donos da casa, levantou-se e disse :

— Agora, nós : duas palavras sómente.

A um signal de Christiano todos os escravos se retiraram, e os dous amigos e Gabriella se reuniram em grupo n'um dos cantos da sala.

— Já fiz um grande sacrificio, disse Benedicto ; creio que devem estar contentes comigo.

— Sim, respondeu Gabriella ; nós reconhecemos o novo obsequio que lhe devemos.

— Creio, portanto, que posso retirar-me.

— Retirar-se?... e para onde?... perguntou Christiano.

— Para a côrte ; está visto.

— Ah ! doutor !

— Pois ainda pretendem exigir mais de mim?... ainda mais?...

— Sim, disse Gabriella ; ainda muito mais.

Benedicto encruzou os braços sobre o peito e respondeu :

— Pois bem ; vejamos : o que desejam que eu faça?... podem dizer tudo sem hesitação nem receio ; estão vendo que, apesar do meu character, estou calmo e frio.

— Doutor, nós queremos que se não vá, e que fique comnosco até o fim.

— Até o fim de que ?

— Até que tudo se complete, doutor : você é o nosso bom amigo, e a sua retirada podia dar lugar a alguma explicação desagradavel.

Benedicto encolheu os hombros, como quem dizia : *não me importa.*

— Ah!... não... não... não se mostre assim : agora mais que nunca precisamos da sua amizade ; pois não vê que para Christiano e para mim tambem este casamento é uma verdadeira desgraça ?

— E porque então o consentem ?

— Porque não temos outro remedio, meu amigo !

— O que é que não tem remedio, quando se confia em Deos e se trabalha com fé e com força para vencer o infortunio ?

— Doutor, nada de perguntas, nem de observações ; lembre-se do que lhe disse antes do al-

moço, e da paga que lhe prometti dar-lhe em troco do seu sacrificio.

— Oh! mas essa paga virá bem fóra de tempo!

— Paciencia... mas verá então que nós não pediamos fazer senão o que fazemos.

— E eu?

— Fará o que tem feito até hoje; será o nosso fiel amigo da bonança e da adversidade.

— Portanto, não se me querendo dizer nada, exigem sempre de mim...

— Que fique, e que assista ao casamento de Adrianna.

— Com Frederico?... disse tremendo Benedicto.

— É verdade.

— Sabe, porém, que eu aborreço esse homem.

— Sim, sabemos.

— Oh! mas não sabem porque eu o aborreço... não o sabem, não... porque é um segredo... e porque o segredo que se diz ao medico é tão sagrado como aquelle que se diz ao confessor!

— Doutor... o que quer dizer?

— Nada: quem falla aqui é simplesmente o amigo; o medico deve ser mudo.

Christiano e Gabriella calaram-se.

— Mas o que exigem de mim, continuou Benedicto, é um sacrificio ainda maior do que esse que acabei de fazer.

— Tambem não o ignoramos.

— Sim; porém eu tornei-me interesseiro, e vendo os meus favores por alto preço; quero pois a paga do meu sacrificio.

Christiano e Gabriella fingiram que se sorriam.

— Eu fallo sério, disse Benedicto.

— Mas é que nós o comprehendemos.

— Quero dizer que só me demorarei aqui, se subscreverem as condições que vou apresentar.

— Falle, doutor.

— Adivinho que Frederico não ama a nossa infeliz menina; sómente o interesse o move; é portanto a minha primeira condição, que elle se case com escriptura de dote e arrhas.

— Era essa a minha intenção, disse Christiano.

— Provavelmente admiram-se de que eu teime sempre em me entremetter nos seus negocios domesticos.

— Oh... não... não!...

— Vou ainda adiante: é a minha segunda condição, que eu fique encarregado de apresentar na



hora competente as testemunhas, que devem assignar a escriptura.

— Nós contavamos com você, doutor.

— Eu não ; isso nunca.

— Mas então...

— Encarrego-me das testemunhas.

— E quaes são ellas?

— Duas ou tres.

— Porém quaes?

É outro segredo meu. Todos aqui têm actualmente o seu segredo ; creio que posso tambem ter os meus.

— Sim... mas...

— Exigem de mim sacrificios : porque não poderei eu impôr condições?

— Parece uma extravagancia...

— Ora, quem falla em extravagancias?... o meu bom Christiano, que acaba de condemnar sua filha á maior de todas as desgraças.

— Doutor!

— Sim ou não?

— E se Frederico quizer saber os nomes das testemunhas?

— Diga-lhe o que me acaba de ouvir, e accrescente que é uma extravagancia minha.

— E se elle insistir, e quizer offerecer algum de seus amigos para testemunha?

— Que offereça e apresente cem; eu me contento com duas ou tres testemunhas apresentadas por mim.

— Mas com que idéa?

— Já disse que é um segredo meu.

Christiano e Gabriella tornaram a calar-se; e pouco depois Benedicto acrescentou :

— Eu fico, meus amigos; eu os acompanharei até o fim, e não os deixarei um só instante, emquanto julgar que a minha amizade lhes póde ser util.

Christiano apertou a mão do velho medico, e Gabriella voltou o rosto para esconder as lagrimas que dos olhos lhe cahiam.

— Sim, eu ficarei, continuou Benedicto : e o que ha pouco exigi como condição, peço sómente como um ultimo favor.

— E não nos explicará ?

— Não, não posso; nem depende de mim.

— Como?

— O que eu posso sómente dizer é, que ainda não disse a ultima palavra sobre este casamento... e a ultima palavra heide dizel-a eu!

---

— Doutor, explique-se...

Os olhos de Benedicto accenderam-se.

— Essa mulher indigna e perversa, que trema!... essa mulher que jurou fazer a desgraça de todos aquelles a quem amo, que trema por sua vez; porque eu posso fazel-a cahir a meus pés e chorar de joelhos diante de mim!

— Doutor! doutor!

— E esse homem sem honra... esse seductor, essa féra...

Benedicto suspendeu-se.

— Acabe, disse Gabriella.

— Pedi um ultimo favor, disse o velho medico serenando : insisto e empenho toda a amizade que mereço, para conseguil-o.

— Doutor, ordene.

— As testemunhas da escriptura de dote e arrhas serão apresentadas por mim...

— Sim, eu lh'o prometto.

— Palavra de honra?

— Palavra de honra.

— Christiano! disse Benedicto apertando fortemente a mão do amigo : veremos ainda com quem se casará tua filha.



## XII

### A BORDA DO ABYSMO

Fazia uma noite horrivel.

A atmosphera pesada carregava sobre a terra, como se devesse suffocar o homem!

A noite escura e feia ameaçava tempestade : ninguem a diria uma noite dos nossos mezes de inverno ; sua pavorosa negridão era apenas rompida de instante a instante por brilhantes e successivos relampagos.

O céu estava negro ; o vento rugia rojando-se por sobre as arvores seculares da floresta, cujos ramos estalavam com um ruido sinistro.

Só faltava o trovão.

Ninguem passava nas estradas ; as casas das fazendas e dos sitios estavam trancadas ; fôra um

louco aquelle que se atrevesse em horas taes a assoberbar a furia dos elementos.

Entretanto ás onze horas da noute, pouco mais ou menos, abrio-se uma janella na casa de Mariano, e um mancebo lançou-se de um salto no terreiro.

Esse mancebo era Camillo, que, envolvendo-se cuidadosamente com uma capa, começou a caminhar a pé, mas com passo apressado, para a *ermida arruinada*.

Depois de meia hora de marcha, principiou a subir o monte da ermida, e rompendo o silencio que até então naturalmente guardára, disse, como se fallasse com alguém :

— A noute está escura e tempestuosa! Quem sabe se *ella* se animará a sahir da ermida?... não importa... vejamos sempre.

E continuou a subir com a mesma presteza com que viera.

Indifferente, pelo que dizia respeito á sua individualidade, ao furor da tempestade, Camillo sentio que seu coração começava a palpitar açodado ao approximar-se do abysmo onde se devia encontrar com a mulher mysteriosa.

A alguns passos apenas do abysmo terrivel,

ainda não podia distinguir objecto algum, porque tudo era negro em torno d'elle; mas um relampago brilhou, e á luz da tempestade Camillo vio uma figura de mulher branca e immovel, como uma estatua, sentada na rocha que dominava o abysmo.

— É ella! disse estremecendo involuntariamente : é ella!...

E atirou-se para o sinistro sitio.

Um instante depois Camillo e Vicentina estavam junto um do outro e não se viam; um novo relampago illuminou a um tempo os semblantes de ambos.

— Eis-me aqui, Vicentina, disse Camillo com voz tremula pela commoção que sentira ao ver-se perto da formosa mulher.

— Eis-me aqui tambem, Camillo, respondeu a moça com accento melancolico.

— Obrigado : viemos ambos apezar da tempestade. Sabeis o que isto quer dizer, Vicentina?

— O que?... a tempestade?...

— Sim, a tempestade.

— Quer dizer que o céo te quiz fechar o caminho da desgraça e da perdição, Camillo.

— Não, Vicentina; quer dizer que as nossas

almas estão acima da tempestade que aterra os fracos e os que não amam; quer dizer que o teu amor me fará sorrir de ternura e felicidade ao pé mesmo da morte.

Um trovão surdo começava a ouvir-se ao longe.

— Ouvis?...

— O que?

— O trovão, Camillo.

— Não; eu escutava o que me dizieis, e ouvi também um suspiro que vos escapou do seio.

— Pois o céu troveja, Camillo, e começou a trovejar quando fallaveis de amor. É ainda um aviso do céu : fugi.

— Vicentina, eu fico.

— E com que intento?...

— Podeis perguntal-o?... quem marcou a hora e o sitio fostes vós; dissestes — á meia noite e á borda do abysmo; — eis-me aqui.

— E por ventura me não encontrastes também?... Que mais quereis.

— Ouvir-vos.

— Que vos direi eu, pois, Camillo?

— A verdade, a verdade só e mais nada. A minha primeira e ultima palavra já vol-a disse á margem do lago : quereis ouvil-a de novo?...



repetil-a-hei mil vezes com o mesmo fogo — eu vos amo! — respondi agora.

A mulher mysteriosa guardou silencio, como se estivesse reflectindo; depois de alguns instantes perguntou :

— Vosso pai sabe que viestes aqui?

— Não.

— Já lhe confessastes o amor que me jurais e o amor que me pedis?

— Tambem não.

— E se depois de me arrancardes a confissão de um amor, que tanto mostrais desejar, vosso pai se levantar entre nós, o que fareis?

— Meu pai me ama.

— Por isso mesmo, Camillo.

— Não vos comprehendo.

— Oh! pois é bem facil; vosso pai vos perguntará : quem é a mulher que amais? e vós lhe direis apenas — é uma forasteira; — vosso pai vos pedirá explicação da minha vida de solidão e de isolamento, e vós lhe respondereis sómente — é um mysterio! — elle quererá saber como correu o passado da minha vida, e vós não lhe fallareis senão das esperanças do futuro da vossa.

Mancebo, não vêdes, não sentís que o vosso amor é uma desgraça?

— Fazei-o, pois, uma felicidade.

— Ah! e como?

— Dizei-me quem sois, d'onde viestes, e que motivo vos obrigou a procurar a solidão e o isolamento.

— Sabeis o que pedis?

— Sei que peço a minha vida.

— E se estivesse pedindo a minha morte?

Camillo estremeceu.

— Pensai bem vossas palavras, Vicentina! eu as colho, guardo-as, comparo-as uma a uma, e tenho já estremecido mil vezes diante de uma idéa assassina.

— E que idéa é essa?... perguntou Vicentina socegradamente.

Camillo não respondeu.

Os trovões surdos que rolavam ao longe de espaço a espaço iam-se pouco a pouco aproximando, e cada vez mais se amiudavam; os relampagos se succediam com um clarão infernal.

— A borrasca está a ponto de rebentar disse Vicentina; mancebo, separemo-nos.

— Não, respondeu Camillo elevando a voz,

que se misturou com o trovão ; eu vim aqui para ouvir-vos ; e ainda me não dissestes nada.

E como visse que Vicentina não fallava, proseguio :

— Mulher, não posso por mais tempo supportar uma vida que a duvida tortura. Eu vos amo com essa ardente paixão que cega o homem a ponto de leval-o ao crime. Vossa belleza desvairou-me... estou louco : haveis de ser minha á face de Deos e dos homens, ou eu morro. Já vol-o disse mil vezes, e o repito de novo.

— Camillo... ia dizendo Vicentina.

— Esperai agora ; deixai-me ir até o fim, continuou o mancebo. Não vos peço um amor filho da piedade, não quero um affecto que nasça do coração e que seja irmão do meu ; se me não podeis amar, dizei, e tudo estará acabado ; o que mais succeder não será culpa vossa, nem me ouvireis uma só queixa.

— Mas se acaso...

— Escutai ainda. Vivo no mundo e entre os homens, e quero continuar a viver com elles sem que me seja preciso curvar a cabeça ou fugir da sociedade espantado pela vergonha ; é preciso, pois, que não sómente me deis o vosso amor,

mas ainda que eu possa ufanar-me d'elle. Sois pobre?... eu tenho bastante para tornar-vos rica. Ha unicamente uma cousa que eu não vos posso dar, se não a tendes, e que é preciso que tenhais para serdes minha — é a pureza.

O ruido da tempestade abafou um soluço que escapára a Vicentina.

— Perdão, Vicentina, proseguio Camillo; perdão, se minhas duvidas vos offendem! oh! ellas me dôem mais ainda do que vos podem doer!... a duvida é um demonio que hoje me persegue de continuo! a duvida me trucidada e me mata! de balde, ao contemplar vossos encantos, me diz o coração que não podeis deixar de ser tão pura como os anjos, de quem tendes o rosto; de balde o mysterio que vos cerca, a solidão a que vos condemnais, o pensamento que domina em vossos cantos, o juizo do povo, que ás vezes vos maldiz, tudo, tudo isso, a pezar meu, vem perturbar meus sentidos... ah!... dizem tambem que sois louca... não o sois... e ás vezes quasi que eu preferiria que o fosseis! Vicentina! lembrai-vos do que me dissestes á margem do lago... eu ainda não me esqueci, e não esquecerei nunca... escaparam-vos palavras que talvez vos tra-

hissem : fallastes em vingança : quem diz vingança, diz offensa... oh ! que offensa pois vos fizeram ? quereis um vingador ? bem, estou prompto a sê-lo, se o mereceis ; mas dizei primeiro, que offensa recebestes ?

— Mancebo ! a mulher que não estremece ao sibilar dos raios, não precisa de vingador quando se julga offendida, porque tem valor para vingar a si mesma.

— Fostes pois offendida ?

— Sim.

— E por quem ?... dizei.

— Que vos importa ?

— Oh ! que me importa, quando eu juro que vos amo como um louco ?

— Vós vos enganais, Camillo : amais-me apenas como um homem que se escravisa ao juizo e á opinião dos outros homens ; sujeitais vossa paixão aos preconceitos do mundo e ao vosso amor proprio : eu não me queixo d'isso ; pelo contrario, procedeis como é justo. Ide... encontrareis no mundo cem ou mil formosas mulheres mais bellas do que me suppondes agora, e todas ellas isentas d'este mysterio que me rodeia, e radiando

candura e innocencia : escolbei uma d'essas para vossa esposa, e sêde feliz.

— E vós?... perguntou Camillo com um accento terrível.

— Eu ficarei e morrerei na solidão a que entendi dever condemnar-me.

— Repellis-me portanto?

— Ah! disse Vicentina com uma voz repassada de dôr, por ventura não sou eu a repellida?

— Vicentina! bradou Camillo.

— Oh! eu vos juro outra vez que me não estou queixando.

— Mulher inconcebível!... não vêdes que me atirais ao desespero e á morte?

— E vós, Camillo, não comprehendéis também que augmentais os meus tormentos?... ah! para que perturbais o retiro de uma desgraçada?

— Porque o meu destino está pendendo de vossos labios; porque eu não posso viver mais se não fôrdes minha; porque eu preciso do vosso amor como do ar que respiro. Oh! a esta hora solcmne de trevas e de tempestade, ao som da borrasca que trôa, Vicentina, eu vos juro que, se eu não alcançar o vosso amor, ou se não pu-

derdes ser minha, terei o meu jazigo n'este abysmo !

— Camillo !

— Eu vol-o juro, repito.

— Desgraçado !

— Por tua causa, mulher !

— Oh ! porque não póde elle ler o que se passa no meu coração !

— Patentear-m'o ! abri-me vossa alma, dizei-me tudo !

— Ah ! que vos direi eu ?

— Dizei-me quem sois e d'onde viestes ; conta-me as vossas desgraças ; aclarai-me o passado da vossa vida, e eu acreditarei em tudo que me disserdes.

— E depois ?

— Depois ?... a felicidade ou a morte.

— Oh ! sempre a idéa sinistra.

— Quem sois ! dizei.

— Chamo-me Vicentina.

— D'onde viestes ?

— Fugi do meio das festas.

— E porque fugistes ?

— Ah ! Camillo ! com que direito perscrutais a minha vida ?

— Porque vos amo, Vicentina.

— E sabeis já se eu pago esse amor?

— Dizei-o... é verdade... dizei-o antes de tudo : amais-me, Vicentina ?

A moça não respondeu ; chorava.

— Vicentina, amais-me ?

— E de que me serviria dizer-vos que vos amo ?

— Oh ! amais-me então ?... amais-me ?

Vicentina ergueu-se ; aproveitando o clarão de um fuzil, tomou entre as suas a mão de Camillo, e disse :

— Escutai-me ; a revelação das minhas desgraças poderia ser desnecessaria. Camillo, eu não vos responderei senão em presença de vosso pai ; se ouvindo a historia da minha vida, e conhecendo-me, elle julgar-me digna de seu filho, sabereis, n'esse mesmo instante, se Vicentina vos ama ou não.

— Vicentina !

— A tempestade acaba de romper de todo... Não sentis que a chuva cahe sobre nós ? adeos ! separemo-nos ; depois d'amanhã, ao romper da aurora, verei se vosso pai vos acompanha ao seio da ermida. Adeos !



---

E estendendo a mão a Camillo, pôde ainda conter um suspiro ao sentir que elle lh'a beijava com ardor.

Ao estrondo dos trovões e á luz dos relampagos Vicentina recolheu-se á ermida, e Camillo desceu vagarosamente a montanha.



## XIII

### A PARTIDA IMPEDIDA

A uma noite de tremenda borrasca succedêra um dia inteiro triste, nebuloso, frio, e todo elle passado em chuveiros, que de hora em hora se repetiam ; apenas ao declinar da tarde o tempo se tornou sereno, e o céu despio-se das nuvens tristes e pesadas que o toldavam, e a natureza ostentou de novo seu esplendor ; mas as estradas estavam alagadas, os rios tinham engrossado, e por toda parte se observavam os effeitos da tempestade.

Seguiu-se uma noite fresca e bella : era a noite que precedia a esse romper da aurora em que Vicentina devia esperar na ermida arruinada Camillo e Mariano.

Corriam as horas ; já os gallos haviam por duas vezes cantado ; era mais de meia noute, e na roça, onde se dorme cedo, todos deviam estar entregues ao somno.

Entretanto, quem tivesse penetrado na ermida arruinada poderia observar na casa, que lhe servira antigamente de sacristia, e que era então habitada pelas mysteriosas ermitôas, uma luz que nunca a taes horas ali se vira accesa, e o ruido que faziam aquellas mulheres, que ainda se achavam acordadas.

A velha, a moça e a menina velavam em uma sala pequena e estragada pelo tempo, onde então reinava a desordem. Duas trouxas de roupa se achavam no meio da sala ; via-se um antigo e rude leito a um canto, e os poucos e velhos trastes que áquellas pobres mulheres serviam afastados de seus lugares, como se ellas se preparassem para uma mudança.

A velha diligente, apezar de seus cançados annos, ia e vinha de uma para outra parte, ajuntando e entrouxando a roupa que dispersa encontrava.

A menina, sentada no leito, observava espantada o que se estava passando diante d'ella.

A moça, em pé, defronte da menina, com os braços encruzados sobre o peito, tinha os olhos fitos no chão e parecia meditar.

Passou uma longa hora, e no fim d'ella a velha parou diante de Vicentina e disse :

— Tudo está prompto, minha filha.

A moça estremeceu da cabeça aos pés, e logo depois respondeu quasi machinalmente :

— Vamos.

Mas ficou parada no lugar em que estava.

— Vamos, para onde, mamãe ? perguntou a menina com voz sentida.

— Vamos viajar, Christina, disse a velha.

— Ah! eu tenho muito medo de viajar de noute no escuro !

— Mas você vai ao pé de nós...

— E é muito longe, vovó ?

— Só Deos o sabe ! murmurou tristemente Vicentina.

— Ah! meu Deos ! exclamou a pobre menina pondo as mãos.

Vicentina correu para ella, apertou-a contra o peito, e desatou a chorar desabridamente.

Vicentina, disse a velha, coragem !

A moça cobriu de beijos a menina, depòl-a

outra vez no leito, enxugou as lagrimas e disse :

— Oh ! sim ; é necessario ter coragem ; esta partida é inevitavel ; entretanto, minha mãi, como sem dôr levaremos esta misera criança por essas estradas cheias d'agua, e atravez d'esses rios engrossados pela chuva ? ah ! o que faremos?... havemos de ir dormir no meio dos bosques, expostas ao frio, e talvez a verdadeiros perigos, com essa pobre criança, que não tem ninguem por si no mundo ? !oh, minha filha ! minha filha !

— Queres então ficar ?

— Ficar?... e amanhã?...

— Ah ! mamã ! exclamou a menina, fiquemos... é melhor ficar ; eu tenho muito medo de andar de noute no escuro.

— Ficar?... oh ! não, não ; por modo nenhum : tudo é preferivel a isso. Minha filha, eu te carregarei sobre meus hombros ; olha, se não pudermos avançar muito, recolher-nos-hemos a algum bosque, e então te irei colher alguns fructos silvestres... ou comerás o duro pão que ainda aqui nos resta de hontem... ouviste?... ouviste?... é preciso que partamos : tua mãi corre muito perigo ficando aqui.

— Ah ! então vamos, mamã.

— E vós, minha mãe?... tão velha e tão cansada! ah! vós, que envelhecesteis mais pelos desgostos que vos tenho dado, do que pelos annos, como, como vencereis ainda estes trabalhos? oh! quantos infelizes tenho feito no mundo! minha mãe... minha mãe! não me amaldiçoeis na hora de vossa morte!

— Vicentina! estás doida?

— Doida?... oh! mil vezes antes o estivesse não soffreria tanto como soffro!

No auge de sua immensa dôr, a misera ajoelhou-se, ergueu os braços e exclamou :

— Justiça divina! estou bem castigada! sei que tenho merecido todas as desgraças que me acabrunham; oh! mas minha innocente filha, que não tem culpa dos meus crimes, porque ha de soffrer tambem o castigo que só eu mereci?... e minha pobre mãe... minha pobre mãe, porque...

— Oh! filha de minha alma! bradou a velha correndo para Vicentina e levantando-a nos braços : filha! não tenho eu tambem tanto de que me arrepender?... ah! choremos ambas; mas não queiras tu carregar sósinha a culpa dos intortunios que nos perseguem, e de que sou em grande parte a causadora!

Vicentina olhou com olhos ardentes para sua mãe, e disse :

— E d'esta repentina e desgraçada partida também vós tendes culpa, minha mãe?

— Não; mas tu és igualmente...

— Não... não... de que serve a mentira? esta partida é um novo castigo que me impõe a justiça divina por uma nova falta por mim commettida.

— Como?

— Esse nobre mancebo...

— Acaba...

— Esse mancebo que me ama com um amor tão puro e generoso... esse mancebo, para quem eu nunca deveria levantar os meus olhos... esse mancebo foi victima talvez dos meus artificios; porque, minha mãe...

— Dize...

— Eu o amo.

— Infeliz!

— Sim! eu o amo desde o primeiro momento em que o vi, passando ao longe, tão garboso e tão bello, e que vós me dissestes quem era elle : sim, eu o amei... amei-o porque é bello, amei-o, porque é bom e generoso... amei-o, porque era força que eu o amasse, ainda a pizar meu!



— Pobre filha!

— E desde então, posto que eu soubesse bem que uma barreira terrível me separava d'este mancebo, procurei cantar com voz mais doce, quando suppunha que elle podia ouvir-me, e se fugia de seus olhos, fugia de modo que elle me visse mais tempo, e que mais tempo eu pudesse vê-lo também! e n'aquella noute funesta em que me apresentei na casa de Christiano, minha mão passou no hombro de Camillo, ousei dirigir-lhe a palavra, e... fiz a sua desgraça, porque elle amou-me, minha mãe!

— Mas agora...

— Agora?... agora tudo está acabado; está perdido!... ah! porque não vi eu esse nobre mancebo nos annos felizes da minha vida?!

Vicentina guardou silencio por alguns instantes; pouco depois proseguio :

— Às vezes me arrependo de não ter fallado.

— Que dizes, Vicentina?

— Digo, minha mãe, que eu poderia bem ter poupado bastantes horas acerbos a esse nobre mancebo, rompendo a seus olhos o mysterio da minha vida.

— E atrever-te-hias, desgraçada?!...

— Era talvez dever meu fazel-o; minha mãe, eu sinto que inspirei uma paixão vehemente e invencível ao infeliz... sabeis?... elle fallou-me cem vezes em morrer... em matar-se; e quando fallava, estava frio e calmo, como se essa resolução fatal estivesse já arraigada em sua alma. Oh! eu deveria rasgar o véo que cobre o meu passado, para que elle me desprezasse e fugisse de mim... tenho remorsos, minha mãe, por não havel-o feito; poderia dizer tudo, tudo, menos o vosso nome; a vaidade fechou-me a boca... tive medo de que elle deixasse de amar-me; vou agora condemnal-o talvez ao desespero!... ah! sou uma mulher má e indigna!

— Queres então ficar, minha filha?

— Ficar?... oh! não... não... ficar para que? sou uma pobre louca! ficar, para que? para abrir o meu coração a Camillo e dizer-lhe tudo? oh! minha mãe! como é que eu hei de dizer a esse homem que sou indigna d'elle, se eu o amo como nunca amei na minha vida!... não... é melhor partir... partir e para sempre... vamos!

— Sim, vamos.

— Ergue-te, minha filha! é tempo... talvez até seja bem tarde!... vamos!

E derramando torrentes de lagrimas, Vicentina foi buscar sua filha, que havia adormecido no leito.

A menina acordou sobresaltada, e vendo sua mãe a chorar, perguntou :

— Que aconteceu, mamãe?

— Nada, Christina; é que chegou a hora da partida.

A bella menina, como se comprehendesse a dôr de sua mãe e não quizesse augmental-a, abalou no coração o medo que sentia, e, saltando fóra do leito, disse :

— Vamos, mamãe, eu já não tenho medo nenhum.

As duas pobres mulheres prepararam-se então para sair da ermida, e já se dispunham a deixal-a para sempre, quando a porta da sala em que estavam se abriu de repente, e appareceu em frente d'ella o Dr. Benedicto.

— Doutor! exclamaram ambas.

— Doutor! bradou a menina correndo a abraçar as pernas de Benedicto.

— Que quer dizer isto? perguntou Benedicto admirado!

— Quer dizer que nós partimos, respondeu Vicentina.

— Partir?...

— Sim, e já.

— Mas, partir para onde?

— Para onde Deos quizer, doutor.

— Como?... pois partiam sem me dizer nada?

— Ha dous dias que o não vemos.

— O que é então que dá causa a esta inexplicavel partida?

— Doutor...

— Eu quero saber tudo, Vicentina.

A moça abaixou os olhos, e como se fallasse aos ouvidos de um confessor, confiou ao Dr. Benedicto toda a historia do amor de Camillo.

— Pois eu vos digo que não haveis de partir, disse o medico.

— E porque?

— Porque, sobretudo, agora preciso eu de vós ambas.

— Precisaes de nós?... e para que?

— Mais tarde o sabereis; agora o que está decidido é que não deixareis a ermida.

— E as consequencias, doutor!

— Eu tomo a responsabilidade d'ellas : basta já

de loucuras, Vicentina; é tempo de socegar!

— Socegar... eu?

— Mas se d'aqui a pouco, perguntou a velha, chegarem Mariano e Camillo?

— Não o creio.

— Porque?

— Porque Marião tem bastante juizo para não condescender com as extravagantes idéas de seu filho.

— Que horas são, doutor?

— O dia deve vir rompendo, respondeu Benedicto depois de olhar para o relógio.

— Oh! é a hora!... murmurou Vicentina.

— Hora de que, menina?

— De chegarem ambos.

— Pois veremos : eu digo que não vêm; mas, em todo caso, esperarei por elles.

Vicentina tomou sua filha nos braços e foi de novo deital-a, enquanto o Dr. Benedicto começava a passear em silencio ao longo da sala.

Passou um quarto de hora em que nem a velha, nem Vicentina, nem o medico disseram palavra : no fim d'elle ouvio-se passos na ermida

— Ha gente na ermida... disse a velha.

Vicentina tornou-se pallida e tremula, e apenas balbuciou :

— São elles!

Bateram : o Dr. Benedicto dirigio-se á porta.

— Que vai fazer? perguntou a velha.

— Fazer entrar o pai e ordenar ao filho que espere.

— Oh! não, exclamou a mãe de Vicentina.

— Agora é inevitavel, disse o medico sahindo.

Vicentina e sua mãe correram uma para outra, e abraçando-se ambas apertadamente, desataram a chorar.

O velho Mariano e Camillo tinham com effeito chegado á ermida.

Ao mostrar-se a figura do Dr. Benedicto, que sahia do interior da triste morada das duas mysteriosas ermitôas, Mariano recuou dous passos, e seu filho não pôde reter uma exclamação.

— Não ha que admirar, disse o medico; eu os estava esperando.

— Ainda bem, respondeu Mariano serenando; antes quero haver-me com um homem de juizo, do que com duas mulheres desconhecidas e suspeitas. Sabe, doutor, a loucura que se metteu na cabeça de meu filho?

---

— Sei tudo, e tudo se vai decidir em um momento.

— Como? perguntou Camillo.

— O Sr. Mariano entrará comigo para ver e ouvir a estas duas desgraçadas que aqui moram.

— E eu?

— O senhor terá a paciencia de esperar aqui um quarto de hora.

— Senhor...

— Nada de observações, mancebo, disse o doutor : ha segredos que não podem ser confiados a todos. Confie em seu pai, Sr. Camillo : vamos, entremos, meu amigo.

— Meu filho, disse Mariano, o Sr. Dr. Benedicto é um homem de honra e de juizo, o que elle faz é sempre bem feito : espera aqui, pois que não deves entrar comnosco.

Mariano deu a mão ao Dr. Benedicto, enquanto Camillo ficava em pé e estatico no mesmo lugar em que o deixavam.

Mas o mancebo, apaixonado e ardente, nem teve tempo de reflectir : alguns momentos depois que seu pai entrára com o Dr. Benedicto, escutou dous gritos que pareceram arrancados do coração : era de Mariano.

Não podendo conter-se, o mancebo lançou-se para o interior da ermida, esbarrou porém contra a porta da sala, que estava trancada, e tremendo, sem saber porque, começou a bater n'ella com desespero, exclamando :

— Meu pai! meu pai! meu pai!...

Um instante depois a porta abriu-se, e Camillo, que se ia atirar para dentro, vio diante de si seu velho e nobre pai soluçando e desfazendo-se em lagrimas :

— Meu pai! meu pai! que é isto?

— Meu filho, espera, disse o velho : tu não podes entrar ainda... vai, eu te peço pelo amor que me tens, vai esperar-me lá fóra!

E mal acabava de proferir estas palavras, tornou a trancar a porta.



## XIV

### OS DOUS AMIGOS

Camillo estava cansado de esperar : bem que as lagrimas de ternura que vira banhando o rosto de seu pai tivessem accendido em seu coração as mais doces e lisonjeiras esperanças, nem por isso mais suave lhe parecia a demora d'aquelle que devia ser juiz do seu futuro, e talvez da sua vida.

Já tinha passeado cem vezes ao longo da ermida, já o sol ostentava o esplendor de seus raios, quando Mariano lhe appareceu trazendo no semblante uma indisivel mistura de commoção e de alegria.

— Meu pai! meu pai! exclamou Camillo correndo para elle; e então, meu pai?

— Meu filho, respondeu o velho com voz tre-

mula e alterada; vai esperar-nos na fazenda do Rio-Claro, onde teremos de jantar.

— Oh! meu pai, uma palavra ao menos!

— De hoje a tres dias tu saberás tudo.

— Tres dias?

— Sim; porque até então o silencio será ainda um dever.

— Meu pai...

Um olhar do nobre velho venceu a obstinação do filho, que abaixando a cabeça tristemente, obedeceu á ordem do pai.

Mariano voltou-se logo, e tornou a encerrar-se no interior da ermida, onde estavam Benedicto e as mulheres mysteriosas.

Obrigado a domar o seu ardor, e consolando-se com as esperanças que tinham brilhado para o seu amor nas lagrimas de Marianno, Camillo desceu pensativo a montanha; mas em vez de se dirigir á fazenda do Rio-Claro, embrenhou-se pelo bosque, que demorava entre a montanha da ermida e o campo da fazenda.

Procurava um retiro seguro e silencio onde pudesse conversar a sós comsigo mesmo e entregar-se a todos os sonhos que lhe inspirasse o seu amor : que lhe importava a sociedade, o ruido, a

festa, se elle só pensava em Vicentina, e se tinha a certeza de não encontral-a no meio d'essas festas e d'esses prazeres de que fugia?

Havia ali no centro d'aquelle bosque um sitio abrigado e aprazivel, onde o rio corria docemente sobre um leito de pedrinhas claras e miudas, e á sombra de arvoras corpulentas e magestosas : Camillo conhecia o bosque, e mil vezes já tinha descansado á sombra d'essas arvores depois de alguma caçada afadigosa, ou de um mais longo passeio : lembrou-se, pois, d'esse lugar retirado e delicioso, e para elle se dirigio, certo de que ninguem o iria interromper em suas meditações ; mas, quando pôde descobrir de longe o sitio que procurava, teve de parar contrariado ao ver que um outro homem chegára primeiro que elle áquelle ponto do bosque.

Quem quer que era estava sentado na raiz de uma frondosa arvore, tendo as costas voltadas para o lado d'onde vinha Camillo : com a cabeça encostada ao tronco da arvore, os braços encruzados sobre o peito, e os olhos provavelmente fitos no rio, que a dous passos corria, esse homem conservava-se na mais completa immobildade.

Camillo não pôde resistir ao desejo de conhecer aquelle que tivera o seu mesmo pensamento, e

que ali n'aquella solidão meditava tão absorto : foi, pois, se chegando pé por pé e cuidadosamente, até que enfim pôde reconhecer n'esse triste solitario o seu estouvado e bulhento amigo.

Era com effeito Americo, que vinha arrancar por algumas horas no seio da solidão a máscara com que escondia o rosto no meio da sociedade.

Lá, cercado da multidão, junto das senhoras, observado por ellas, exposto aos gracejos e ás zombarias dos seus companheiros das festas e dos prazeres, Americo precisava mostrar se alegre e ruidoso como d'antes, porque na sua tristeza poderiam ler a confissão da sua infelicidade e da sua derrota, e isso não podia elle tolerar com o character orgulhoso que tinha; e ainda mais, essa alegria fingida, que era uma mascara, ao mesmo tempo que se tornava uma necessidade que lhe impunha o seu orgulho, era ao mesmo tempo uma prova de dedicação, um sacrificio feito á amizade. Convinha que ninguem suspeitasse nada do que se passára entre elle, os pais de Adrianna, e ella mesma : fazia-se preciso que ninguem apanhasse em um simples olhar de exprobração, que de seus olhos escapasse, o procedimento leviano e inexplicavel da filha de seus bons amigos; convinha

que na sua mentirosa alegria encontrassem os observadores a prova da indiferença com que elle via approximar-se a hora terrivel do casamento de Adrianna e Frederico.

Mas Americo amava, ou, pelo menos, tinha amado perdidamente a filha de Christiano; e quando se ama, não se sustenta impunemente um combate como esse que Americo travava de continuo com o seu coração.

Quando a dôr não se exhala em gemidos ou em lagrimas, ou mesmo em exprobrações, e pelo contrario reflúe e é abafada no coração, torna-se por isso mesmo mais terrivel e mais fatal ainda : soffrer e ao mesmo tempo rir, é soffrer duas vezes. A demonstração d'esta verdade podia achar-se no proprio Americo : tres dias tinham sido sufficientes para empallidecer seu rosto córado e vivo, para encovar-lhe os olhos e cercal-o d'essas olheiras rôxas, que são sempre indício seguro ou de prolongadas vigílias, ou de acerbos e abafados pezares.

Entretanto, apesar de todo o poder que tinha sobre si mesmo e da sua immensa força de vontade, Americo precisava ás vezes fugir do meio da sociedade para chorar na solidão os tormentos

que de todos escondia : não lhe bastavam para isso as noites que consumia velando; era-lhe necessario também furtar ao dia algumas horas para consagral-as á liberdade do coração.

Em uma d'essas horas de triste meditação é que viera encontral-o Camillo ali no seio do bosque : tão absorto se achava Americo, tão abysmado em seus tristes pensamentos, que o seu amigo pôde, sem ser sentido, chegar-se até junto d'elle.

Camillo levou algum tempo a contemplar admirado a profunda tristeza d'aquelle mancebo, a quem sempre via rindo e folgando, e a quem encontrava ali no segredo da solidão, immovel como o tronco a que se recostára, e abatido como o desengano.

Não podendo por mais tempo conter-se sem fallar ao seu amigo, Camillo tocou-lhe com a mão no hombro e perguntou :

— Que é isto, Americo?

Ao contacto da mão de Camillo e ao ouvir pronunciar o seu nome, o mancebo estremeceu tão fortemente, que o seu amigo vio-se obrigado a sustê-lo, receiando vê-lo cahir; mas de repente o rosto annuviado de Americo expandio-se, o riso

appareceu em seus labios, o ardor nos olhos, e elle disse :

— Diabo! querem vêr que aquellas moças, com quem canto, danso e converso, não sei ha quantos dias, me estão pegando ataques nervosos e faniquitos? olha, Camillo, estremeci até a ponta dos cabellos!

— E o que fazias aqui, Americo?

— Eu?... é boa!... estava compondo uma ode; o lugar é excellente para isso... interrompeste-me exactamente no *epodo*!

— Não podes enganar-me, Americo; tu estavas meditando triste e abatido...

— Queres então que quando um homem trata de fazer uma ode, que, aqui para nós, é cousa muito séria, esteja rindo e saltando?

Camillo cruzou os braços, e olhando com ar grave para Americo, disse :

— Encontrámo-nos pela primeira vez ha poucos dias; sympathisei comtigo, e logo passei da sympathia á estima, e, finalmente, dei-te de todo o coração nome de amigo, porque adivinhei em ti excellentes qualidades.

— Bem, e que mais?

— Já recebestes uma prova da amizade e da confiança que me mereces.

— Umás poucas, segundo a minha conta; mas vamos á conclusão.

— A conclusão é que tu, Americo, não me estimas do mesmo modo.

— Camillo, tu tens uma logica infernal! juro que nunca lêstes o *Genuense*.

— Eu fallo sério.

— Pois então explica-te melhor.

— Eu digo que já te abri o meu coração, e que tu soffres e não me abres o teu.

Americo voltou o rosto, e cravando de novo os olhos no rio, ficou pensando alguns instantes; depois tornou a olhar para Camillo, sorrio-se maliciosamente, e perguntou :

— Camillo, ainda estás com idéas de te fazer ermitão?

— Que queres dizer?

— Como vai a nossa bella ermitôa?

Camillo sorria-se tambem, e respondeu perguntando.

— Como queres que te responda?

— Segundo a grammatica; pelo mesmo caso por que fiz a pergunta.



---

— Pois então lá vai : Americo, como passa a nossa encantadora Adrianna?

Americo fez-se pallido como a imagem da morte : quiz ainda lutar e respondeu :

— Occupa-me em tecer uma corôa de botões de laranjeira.

— E tu?

— Em fazer-lhe uma ode.

— Mentos.

— Oh lá! a palavra é pouco parlamentar.

— Mentos, repito : tu te occupas em enganar o mundo rindo diante d'elle, e em chorar na solidão das florestas.

— Dou-te o direito de pensar como te parecer... isso não me faz mal nenhum.

— Mas ainda ha pouco empallideceste.

— Já te disse que as moças tem-me pegado faniquitos.

— Bem; e dás-me o direito de dizer d'aqui a pouco na fazenda do Rio-Claro que te encontrei n'este lugar meditando, abatido e melancolico?

— Não, respondeu Americo sériamente.

— Porque?

— Por nada.

— Pois então declaro-te, juro-te, que o hei de dizer.

— Não, disse Americo levantando-se; não o dirás, porque eu te peço que o não digas : para que expôr-me ao ridiculo e ás zombarias? não o dirás, Camillo.

— Bem, não o direi, nem um só momento pensei sériamente em fazel-o; entretanto não o esqueças, Americo; eu te approximei do meu coração e te fiz lèr o que se passava n'elle, e tu me repelles do teu.

— Camillo, pareces criança!

— É verdade que nos conhecemos ha poucos dias; mas isso prova sómente que a expansão que te sobra no rosto, tenho-a eu no coração.

— Camillo!

— Adeos!

— Espera : tu me fazes bem; venceste-me... isto é, venceste o que eu podia deixar vencer, venceste o meu orgulho. Espera, eu te direi tudo, já que o queres saber.

— Sim, quero, e tenho tambem que dizer-te.

— Homem da minha idade, alma franca e leal, tu me ouvirás, e não te has de rir, não é assim?... pois bem, eu te direi tudo o que posso e devo

dizer... isso me fará bem e me consolará : sentate ao pé de mim, Camillo, conversemos.

Os dous amigos sentaram-se um a par do outro.

— Sim, Camillo, disse Americo, eu soffro, eu tenho o inferno aqui dentro do seio : vês-me rir... vês-me brincar, zombar, e tomar parte nos jogos e nas festas?... pois bem, quando isso faço, choro-me o coração lagrimas de sangue : ah! eu sou muito desgraçado... porque amei uma mulher...

Americo hesitou; mas logo depois concluiu a phrase :

— Sim... uma mulher que não me ama, e nunca... nunca quiz attender ao meu amor...

— Entretanto, eu julguei...

— Nunca... nunca... isto é que é verdade, continuou rapidamente Americo : escuta; eu te contarei tudo quanto comigo se tem passado.

Camillo ouviu em silencio a historia que do seu amor lhe quiz contar Americo; o generoso mancobo confiou ao seu amigo todos os seus pezares e tormentos; mas em sua relação habitualmente feita não deixou escapar uma só palavra que pudesse comprometter Adrianna, nem mesmo deixar entrever os projectos que os pais d'ella tinham

concebido para realisar o casamento de sua filha com elle.

— Ouviste já tudo quanto eu podia dizer-te, concluiu Americo ; falla-me agora tu da tua bella ermitôa ; quero ouvir-te.

Camillo não se fez rogar : confiou ao seu amigo tudo o que se havia passado entre elle e Vicentina, contentando-se sómente com occultar-lhe o nome d'essa mulher mysteriosa.

— Ainda bem, disse Americo depois que ouviu seu amigo ; ainda bem que todas as esperanças não estão perdidas para ti ; quanto a mim, estás vendo que tudo está acabado, tudo decidido.

— E isso me faz ter inveja da tua coragem, respondeu Camillo.

— Porque ?

— Ah ! porque pelo menos eu não havia de ser testemunha do casamento de Adrianna.

— E que farias ?

— Não sei, respondeu com voz surda Camillo, e depois continuou : pelo menos fugiria d'estes lugares.

Americo tornou a levantar-se, e apertando a mão de Camillo, que se erguera tambem, disse-lhe :

— Camillo, esta madrugada levantei-me para partir... mas...

— Mas o que?

— Achei já de pé o Dr. Benedicto; o Dr. Benedicto é um homem que lê nos meus olhos todos os meus pensamentos... adivinhou que ia partir... fez-me fallar... e...

— Acaba.

— Oppôz-se á minha partida, e obrigou-me a ficar, com uma só palavra.

— E o que disse elle?

— Sabes que eu nunca conheci meus pais, e que sou um pobre engeitado...

— Adiante.

— Pois bem; o Dr. Benedicto me disse : fica, Americo, espera ainda; dentro de tres dias haverá aqui alguma cousa... e pelo menos dentro de tres dias tu saberás quem és!

— É celebre!

— Celebre o que?...

— Ainda ha pouco meu pai despedio-se de mim na ermida com as mesmas palavras!

— O que te disse elle?

— O mesmo : « de hoje a tres dias tu saberás tudo!

— Tres dias!... disse Americo : Camillo, de hoje a tres dias celebra-se o casamento de Adrianna e Frederico.

— Tres dias!... repetio Camillo; e o Dr. Benedicto estava lá na ermida.

— Tres dias!... tres dias!...

— Que devemos nós fazer, Americo?

— Nada mais simples, Camillo; devemos esperar tres dias.

## XV

### BENEDICTO E A NOIVA

Desde a fatal noute em que triumphára a traição da velha Fabiana, nada mais occorrêra na fazenda do Rio-Claro que fosse digno de menção.

A lucta se achava ainda travada, e talvez que com mais força que d'antes; mas era uma lucta de outra natureza, e toda se passava dentro dos corações.

Christiano, Gabriella, Adrianna e Americo luctavam, mas cada um d'elles em silencio, comsigo mesmo para abafar no fundo do coração os verdadeiros sentimentos de que se achavam possuidos, e para ostentar um socego e uma alegria, que estavam bem longe de todos elles.

Gabriella sobretudo não podia comprehender

como sua filha se deixára prender nos laços que lhe armára Frederico, e menos ainda convencer-se de que Adrianna amasse realmente esse homem : com o instincto do amor maternal adivinhava que sua filha era victima de uma cilada terrivel ; debalde, porém, procurára lèr no coração de Adrianna : esse coração não se patenteava mais a seus olhos como d'antes ; pelo contrario, parecia esconder cuidadoso um segredo qualquer.

Gabriella chorava, pois, sobre a sorte de sua filha, e como o moribundo que estende ainda o braço para convulsamente agarrar o ultimo copo de remedio, derradeira esperança que lhe offerecem, Gabriella prendia-se ainda, qual o naufrago á taboa que resta ainda do navio despeçado, ás palavras animadoras do Dr. Benedicto.

Mas qual era o pensamento d'esse nobre e velho amigo?... com que contava elle para, com tanta força e segurança, declarar que a ultima palavra sobre esse casamento sahiria ainda de sua boca?... ninguem o sabia. Debalde Christiano e Gabriella haviam por diversas vezes procurado penetrar o segredo de Benedicto : mysterioso pela primeira vez em sua vida, o medico negava-se a responder aos seus bons amigos que, de sua parte, por mais



que o observassem, apenas tinham podido saber que Benedicto algumas vezes se affastava da fazenda do *Rio Claro* para dirigir-se á *ermida arruinada*.

Por mais que tivessem sentido muito viva curiosidade e desejos de conhecer as habitadoras da *ermida*, e de verificar certas suspeitas que haviam concebido a respeito d'ellas, Christiano e Gabriella, muito occupados com os seus desgostos domesticos, não tinham tempo de pensar nos alheios : assim, pois, nem se lembravam de procurar descobrir os motivos das visitas do Dr. Benedicto á *ermida arruinada*.

Meditando sobre o infortunio de sua filha, os dous esposos estavam de perfeito accordo em um ponto : acreditavam ambos que a velha Fabiana não podia ser estranha aos factos que se haviam passado; resentidos muito justamente contra ella, bem desejavam vêr-se livres de sua incommoda presença; como, porém, despedil-a sem expôr a misera Adrianna ao odio e á vingança d'essa mulher intrigante e fatal?... esses infelizes pais sujeitavam-se, pois, ao sacrificio de tolerar em sua companhia aquella que consideravam como a principal ou talvez unica causadora de sua desgraça.

Adrianna não soffria menos : de continuo agitada, não tendo uma só hora de socego para pensar a sangue-frio no que com ella se passára; atormentada pela lembrança de ir pertencer ao homem que aborrecia, e pela idéa de ser mal julgada por aquelle a quem amava, só podia defender-se diante de sua propria consciencia, com a certeza de que se sacrificava para salvar a reputação e talvez a vida de sua mãe; silenciosa perante esta, porque temia vê-la córar a seus olhos, a pobre moça, escrava das prevenções de seu espirito, estremecia a cada palavra que lhe ouvia dizer sobre o seu casamento, e em cada palavra parecia-lhe vêr a confirmação do terrivel segredo que lhe confiára D. Fabiana.

Misera Adrianna! uma imaginação exaltada e a inexperiencia de seus verdes annos concorriam, sem ella o sentir, para completar a obra da intriga! E mais ainda : nos soffrimentos da pobre moça como que se podia vêr um d'esses castigos que a providencia divina impõe ás vezes e mysteriosamente á humanidade.

Um dos primeiros deveres de uma boa filha, um dos meios mais seguros para que uma boa filha seja feliz, é ter sempre o coração transpa-

rente aos olhos de seus pais, e principalmente de sua mãe. Uma mãe, ainda quando encontra um erro no coração de sua filha, é sem a menor duvida a primeira que descobre logo motivos para desculpal-a e perdôal-a; uma mãe é a conselheira de sua filha, conselheira fiel, desinteressada e destinada por Deos; é o guia seguro e dedicado de sua filha, por quem está sempre prompto a sacrificar-se, e até a morrer.

Uma boa filha não tem direito de esconder nada de sua mãe; deve dizer-lhe tudo o que lhe succede, tudo quanto lhe dizem ao ouvido, e tudo o que sente e pensa; quando alguma cousa esconde d'ella, que é o seu bom anjo, o seu anjo da guarda, não é uma boa filha, é pelo menos uma louca, e Deos a castiga por isso.

Adrianna, pois, estava sendo castigada por esconder de sua mãe o que se passava em sua alma; mas pôde ser que Adrianna tivesse já pensado algumas vezes em abrir o seu coração aos olhos de sua mãe, e que hesitasse temendo vê-la córar diante d'ella.

Eis-ahi um outro erro de Adrianna; erro filho de uma falsa piedade filial, ou antes erro produzido por um outro anterior, e tão grave, que quasi

chega a ser crime, e em castigo do qual a pobre moça estava soffrendo tanto, podendo nada soffrer, se soubesse ter cumprido com seu dever do boa filha, que realmente era.

Adrianna tinha commettido um erro tão grave, que é quasi um crime; eis-aqui qual foi esse erro: deixando-se escravisar por sua imaginação ardente e exaltada, e dando ouvidos a uma mulher, contra a qual devia estar prevenida, ella julgou sua mãe capaz de praticar uma acção indigna; ora, uma boa filha não pôde, isto é, não deve julgar mal de sua mãe, a menos que a evidencia dos factos venha tornar impossivel a duvida, e n'esse mesmo caso a desculpa é sempre um dever.

Adrianna julgou mal de sua mãe, e julgou antes da evidencia que tórna-se impossivel a duvida; commetteu pois um grave erro; foi, sem querer, má filha, e a providencia divina lhe impõe por isso nos seus acerbos desgostos um d'esses castigos mysteriosos que ás vezes faz cahir sobre a humanidade.

O que Adrianna devia ter feito, depois de ouvir as perfidas confidencias da velha Fabiana, era correr para onde estava sua mãe, chamal-a a seu quarto, sob qualquer pretexto, e dizer-lhe ahi

tudo quanto se havia passado e quanto lhe havia dito ; mas em vez de assim praticar, ella julgou logo mal de sua mãe, primeiro erro, que é quasi um crime ; e desde esse momento não lhe abriu não lhe patenteou mais o seu coração, levada por uma falsa piedade filial, segundo erro, filho do primeiro que commettêra.

O resultado d'esses erros era a sua propria desgraça — desgraça feita por ella mesma, por suas proprias mãos ; — castigo mysterioso do céu, porque não tinha sido boa filha.

Erros taes provêm quasi sempre da educação que se dá aos filhos : o que se disse do habito. devia tambem dizer-se da educação : a educação póde ser uma segunda natureza.

Uma boa e desvelada mãe deve desde os primeiros annos acostumar seus filhos, e principalmente suas filhas, a ter n'ella a mais completa e illimitada confiança ; deve acostumar-os a pensar em voz alta a seus ouvidos, e a não lhe encobrir nada, nada absolutamente. Oh ! quantas desgraças teriam havido de menos no mundo se as mães soubessem fazer-se as confidentes fieis e dedicadas de suas filhas !

É por isso tambem que muitas vezes o pranto

amargo, que uma mãe chora sobre os erros de sua filha, é ainda um d'esses mysteriosos castigos que a providencia divina impõe á humanidade!

Mas, emfim, não podendo resolver-se a confiar á sua mãe as tristes idéas que obumbravam seu espirito e as causas de sua desgraça, Adrianna, devorando em silencio os seus terriveis martyrios, julgando ás vezes vêr o desprezo, e ás vezes tambem a mais nobre generosidade na fingida indifferença e ruidosa alegria de Americo, e, finalmente, soffrendo a alto pagar de afflicções os comprimentos e obsequios de Frederico, vio com terror chegar a vespera do dia destinado para o seu casamento.

Esse dia era tambem o segundo dos tres marcados por Mariano a seu filho para se desvendar a historia das mysteriosas ermitóas, e por Benedicto e Americo para se aclarar talvez o segredo do seu nascimento, pois que o medico lhe havia dito — de hoje a tres dias saberás quem és.

Logo depois do almoço Adrianna, pretextando um ligeiro incommodo, retirou-se para o seu quarto, exigindo que a deixassem só, e que ninguém a fosse incommodar.

Estava a pobre moça meditando, no seu futuro

destino e chorando sua immensa desgraça, não podendo deixar de irritar-se ao ouvir o som de piano que soava na sala, como se ninguem se doesse dos seus acerbos soffrimentos, quando sentio que alguém batia na porta do seu quarto.

— Quem é? perguntou ella.

Enxugando apressadamente suas lagrimas, acresentou :

— Eu tinha pedido que me deixassem descansar alguns momentos...

— Um medico nunca é demais no quarto de um doente, respondeu uma voz commovida.

— Ah! doutor! exclamou Adrianna saltando do leito onde se deitára.

— Posso entrar?...

— Sim, sempre.

O Dr. Benedicto entrou : sua physionomia que se conservára sempre triste desde que se determinára o casamento de Frederico e Adrianna, mostrava-se então expansiva e animada.

— Eu logo vi, disse elle, que a porta d'este quarto, que se fechava a todos, estaria aberta para mim.

— Ah! como sempre, e de hoje ávante como até agora.

— Obrigado, menina.

— Doutor, reparo que me parece hoje mais alegre do que n'estes ultimos dias!

— É verdade.

— Poderá explicar-me a causa da sua alegria... perguntou Adrianna um pouco resentida.

— A causa da minha alegria talvez lhe pareça até estúpida, menina.

— Qual é pois?...

— É o seu incommodo.

— Como?

— Uma noiva que na vespera do seu casamento, a pretexto de um ligeiro incommodo, se retira para o seu quarto, deixando o noivo na sala, é porque se casa contra a vontade.

— Doutor!

— Ainda bem que não me disse que não : vejamos o pulso.

Adrianna estendeu o braço.

— Um pouco agitado sem duvida... mas isto explica-se perfeitamente.

— Como se explica então, meu amigo?

— Pelos seus olhos.

— O que tem os meus olhos?

— Choraram... creio eu.



— Sim, choraram!

— Poderei saber porque?

— É natural chorar uma boa filha na vespera de seu casamento.

— As moças quando se casam por seu gosto, e com approvação de seus pais, choram sómente de prazer.

— Eu não me caso com approvação de meus pais, doutor?

— Casa-se então por seu gosto?

— Pelo menos deve-se acreditar.

— Não o acredito eu.

— Então porque me havia de casar?

— Não sei...

— Portanto...

— Portanto, vim agora ao seu quarto menos como medico do que como amigo.

— Como medico ou como amigo, estimo muito que aqui viesse.

— Desejava muito dizer-lhe duas palavras, minha boa Adrianna.

— Eu as ouço sempre com prazer, meu amigo.

— Mas, antes de tudo, quero pedir-lhe um favor.

— Pois não... diga.

— Ha de prometter-me que me não interromperá senão quando tiver de responder-me.

— Prometto-o, sim, doutor.

— Sentemos-nos.

O Dr. Benedicto fez Adrianna sentar-se defronte d'elle, e começou a fallar :

— D. Adrianna, não preciso perguntar-lhe se acredita que eu tomo o mais vivo e o mais sincero interesse pela sua felicidade : tenho consciencia do papel que represento no seio de sua familia, e sei em que conta sou tido e a confiança que mereço. Pois bem : declaro-lhe que desde muito tempo me occupo em pensar no seu futuro, e que forjei mil projectos a seu respeito, acabando sempre todos esses projectos no seu casamento com Americo.

Adrianna ia já interromper Benedicto; mas conteve-se, lembrando-se da promessa que fizera. O doutor continuou :

— Eu tinha, e tenho ainda muito boas razões para desejar vê-la casada com esse mancebo : uma d'ellas é o conhecimento que tenho do character e dos nobres sentimentos de Americo; estou seguro de que elle a faria ou antes a fará feliz.

— Doutor, se continúa d'esse modo, não poderei cumprir a minha promessa.

— Porque?

— Porque vejo que me será necessario lembrar-lhe a cada instante que amanhã serei esposa de Frederico.

Benedicto não respondeu a Adrianna, e proseguio no que ia dizendo.

— As outras razões porque eu desejava, e de-sejo, vê-la casada com Americo estão ainda envolvidas em um mysterio, que em breve será finalmente aclarado : são, entretanto, bem poderosas essas razões!... Americo lhe pertence mais do que pensa.

— Como?... não percebo o que quer dizer.

— A seu tempo comprehenderá tudo. Ora, é muito provavel que eu tivesse abandonado todos os meus projectos a este respeito, se fosse eu a unica pessoa a quem elles interessassem; mas não; seus pais, menina, tinham tanto empenho, como eu, em realisar o seu casamento com Americo; comò, porém, nenhum de nós desejasse contrafazer a sua vontade, dando-lhe por esposo um homem que não fosse o escolhido do seu coração, esperámos durante muito tempo que viesse o

amor facilitar a realização do plano que havíamos forjado. Graças a Deos, não esperámos debalde, vocês amaram-se... quero dizer, vocês amam-se.

— Doutor! por quem é...

— Quando descobrimos o segredo do seu coração e amor ardente de Americo, demo-nos mutuamente parabens, e emfim fizemos com que ha poucos dias todas as explicações se precipitassem, e que ficasse em uma manhã tratado e decidido o seu casamento com Americo. Chegou agora a occasião de me responder : é isto verdade ou não?

— É verdade, doutor; mas que importa?

— Não é verdade tambem, menina, que da sua boca ouvi eu a confissão do amor que votava a Americo?

Adrianna, que se ia pouco a pouco e insensivelmente exaltando, córou ouvindo o que lhe perguntava Benedicto, e respondeu :

— Essa confissão... o senhor arrancou-m'a.

— Pois seja assim, arranquei-a; mas o certo é que a ouvi.

— E o que se segue d'ahi, doutor?

— Segue-se que ninguem comprehende como no dia seguinte se tivessem embrulhado as cousas

por tal modo, que se participasse a todos o seu casamento com esse... Sr. Frederico!

— Pois bem; conclúe de tudo isso que eu sou uma doida, disse Adrianna quasi desatando a chorar.

— Não, respondeu Benedicto com voz solemne; eu concluo de tudo isso que Adrianna é sómente uma victima.

— Uma victima!... exclamou a moça erguendo-se espantada e tremula; uma victima de que e de quem?

— Eis-ahi o que eu não sei ainda!

Adrianna cravou os olhos no rosto do medico, e serenou pouco a pouco, vendo a expressão de franqueza e sinceridade que n'elle estava, como sempre derramada.

— E para saber-o, vim hoje fallar-te, minha Adrianna.

— Doutor, eu não sou victima de pessoa alguma.

— Oh! não! eu adivinho que houve uma intriga... uma traição... o quer que seja de tenebroso e indigno; e no meio de tudo isso vejo a mão de D. Fabiana... sinto a influencia maligna d'essa perfida mulher!

Adrianna estremeceu.

— Confie-me tudo, disse o medico.

— Nada tenho que confiar-lhe, doutor.

— Houve uma traição.

— Oh! não! ha simplesmente um destino.

— Eu não creio no destino, creio em Deos.

— E tambem eu, que para Deos appello.

— Sei que não ama a Frederico.

— É certo, disse a moça com firmeza.

— Sei que seus pais vêem com dôr ir realisar-se o seu casamento com elle.

— É verdade.

— Pois então como se explica isto?... quem lhe obriga a um tal sacrificio?

Adrianna não pôde mais conter suas lagrimas; abraçou-se com Benedicto, e escondendo o rosto no seio do dedicado amigo, começou a chorar desabridamente.

Benedicto deixou Adrianna chorar por alguns momentos, e, quando a vio mais socegada, disse :

— Emfim, creio que agora vai fallar!...

— Não, meu amigo, disse a moça tristemente : ha segredos que se não podem confiar, nem mesmo a um homem como o Dr. Benedicto.

O medico ficou por alguns instantes pensando,

com os olhos fitos no chão; depois sacudio a cabeça dolorosamente, e murmurou :

— E eu não entendo nada !

— Doutor, eu vou ser infeliz toda a minha vida, disse Adrianna chorando ainda; eu me condemno por minhas mãos a um martyrio que só hade terminar com a morte; mas olhe, doutor, quando lhe disserem que eu fui uma louca, assegure que eu sou apenas desgraçada; e se alguém fôr adiante e ousar atirar sobre mim uma suspeita aviltante... ah! doutor, jure por Deos, que eu sou innocente e pura !

— Menina! cavaram um abysmo entre ti e a felicidade !

— É certo.

— Pois bem... esse abysmo eu o farei desaparecer.

— Que!...

— Eu o juro.

— Doutor... eu estou tão perto do desespero, que sou capaz das maiores loucuras : se uma palavra só das que me ouvio chegar aos ouvidos de meus pais, eu...

— Socega, pobre criança! o que sahio de teus

labios está encerrado para sempre no meu seio :  
socega e espera...

— Esperar?... eu?

— Sim, tu mesma : eu prometto desfazer este  
fatal casamento.

— Oh! não!...

— O dia de amanhã pertence-me ; o dia de  
amanhã hade ser...

— De desgraça, doutor!

— Não; hade ser de combate.

— Como?

— Vel-o-has.



## XVI

### A PORTA DA CAPELLA

Eram tres horas da tarde. Às quatro devia ter lugar o casamento de Frederico e Adrianna immediatamente depois de ser assignada a escriptura de dote e arrhas.

Em uma sala vasta e bella, que se estendia na extremidade direita da casa, e que por uma porta se communicava com a capella, estavam já Frederico, Fabiana e o tabellião.

O tabellião sentado á mesa, onde tinha acabado de lavrar a escriptura, esperava pacientemente que chegassem os signatarios e testemunhas para terminar o trabalho de que fôra incumbido.

Frederico e Fabiana conversavam ainda em voz baixa junto de uma janella. A velha intrigante

estava alegre, o noivo um pouco pensativo e triste.

— Meu amigo, dizia pela terceira ou quarta vez D. Fabiana, recommendo-lhe que trumpe d'essa sua commoção, que alguém poderia tomar por tristeza.

— Mas se realmente eu sinto um peso enorme sobre o coração!

— É um phenomeno que eu não posso comprehender; dir-se-hia que vae casar contra a vontade!

— Não; mas receio... receio alguma cousa, que não sei bem o que é.

— Loucura!

— Oh! quem sabe o que terá ainda de acontecer hoje?

— Porém o que receia?

— Já disse que não sei; mas esse velho e enfesado medico me assusta... Porque teimou elle em querer encarregar-se de apresentar as testemunhas, que devem assignar a escriptura?...

— Aquelle homem foi sempre original: é uma nova extravagancia que lhe entrou na cabeça.

— E porque se submeteram a essa extravagancia os pais de Adrianna?

— Ora!... não sabe a influencia que exerce sobre elles o Dr. Benedicto?

— Sim... sim... porém esse homem me aborrece, e não póde tolerar a idéa de me ver casado com Adrianna; entretanto...

— Entretanto o que?

— Desde tres dias que seu rosto annuviado se expandio... desde tres dias que elle se sorri quando me olha...

— Pois se eu já lhe disse que é um original!

— E finalmente...

— Acabe.

— Aquella porta... disse Frederico apontando para a porta da capella.

— Sim, bem sei, respondeu D. Fabiana; é a porta por onde deve passar com a sua noiva para ajoelhar-se aos pés do altar.

— Mas...

— Mas o que, meu amigo?... declaro que o estou desconhecendo.

— Aquella porta está fechada!

— Abrir-se-ha.

— Quando?

— A seu tempo.

— Oh! e sabe quem tem a chave d'ella?

— O seu futuro sogro, provavelmente.

— Não; é o Dr. Benedicto.

— O que tem isso?

— Nada : acho apenas muito singular

— Qual singular! é que o bom do velho teve vontade de assumir hoje o importante papel de sachristão.

— Todavia...

— Silencio... elles chegam... é preciso triumphar de si mesmo, meu amigo.

— Eu me esforçarei ; vel-o-ha.

Christiano, Gabriella, Adrianna e seus amigos entraram na sala.

Christiano vinha sério e grave : seus olhos encaravam com firmeza qualquer objecto ; mas não se voltavam nunca para sua filha.

Gabriella, pelo contrario, mostrava-se muito commovida e tinha as vistas embebedas com indisivel ternura no rosto de sua filha.

A noiva estava pallida e abatida, como uma victima que caminha para o altar do sacrificio ; seus olhos pregados no chão, se alguma vez se levantavam, era para fitar-se no Dr. Benedicto. Dir-se hia um condemnado agarrando-se á derradeira esperanza.

O velho medico apresentava-se com semblante carregado e severo : seu olhar tinha alguma cousa de brilhante e vingativo.

Americo e Camillo escondiam-se no meio dos numerosos amigos de Christiano. Mariano tremulo e agitado não se affastava do lado de seu filho, e muitas vezes apertava-lhe a mão com inexplicavel commoção.

Sentaram-se todos.

Camillo voltou os olhos e vio que Americo se havia tornado branco como uma estatua de gesso.

— Animo! disse-lhe ao ouvido.

— Não vês que até me estou rindo?... respondeu Americo, cujos labios tremiam convulsivamente.

— A escriptura está prompta, disse o tabellião entregando duas folhas de papel a Christiano.

— Bem... só nos falta assignal-a.

Christiano olhou para o Dr. Benedicto, que se conservava immovel.

— Quem são as testemunhas?... perguntou o tabellião.

Sucedeu a essa pergunta um minuto de silencio profundo.

O medico não se movia.

Frederico ia fallar : mas Christiano o atalhou, e dirigindo-se ao seu velho amigo :

— Doutor, disse, foi de sua vontade que lhe devessemos o obsequio da escolha das testemunhas para esta escriptura : a occasião chegou.

O Dr. Benedicto ergueo-se, avançou até o meio da sala, e ficou em pé e firme diante de Frederico.

O noivo e a noiva estremeceram ao mesmo tempo : um, levado de um receio inexplicavel ; a outra, de uma esperança ainda duvidosa.

A physionomia grave e talvez sinistra do velho medico, e o silencio obstinado que continuava a guardar, desafiaram a curiosidade de todos os circumstantes.

— O que será isto ?... perguntou Camillo a Americo.

— Não sei ; mas deve ser alguma cousa bem extraordinaria !

— Tres dias ! disse o primeiro.

— Tres dias ! repetio Americo : sim, chegámos ao terceiro dia.

— Aquelle homem é doido ; murmurou a velha Fabiana ao ouvido de uma senhora, ao pé de quem estava sentada.

— Então, doutor?... perguntou Christiano.

---

enedicto guardou ainda silencio.

— As testemunhas?... disse Frederico encarando o medico.

Benedicto medio Frederico da cabeça aos pés com um olhar onde se lia a colera de mistura com o desprezo.

— O Sr. doutor, proseguio o noivo, quiz ter a bondade de encarregar-se de apresentar-nos as testemunhas do nosso contracto : onde estão ellas ? o tempo urge.

— Tendes muita pressa, senhor ? respondeu com voz tremula e abafada o medico.

— Creio que a hora da assignatura do contracto é esta.

— Sim, é esta.

— E se o Sr. doutor não póde realizar o obsequio que nos queria fazer, algum dos nossos amigos presentes...

— Não, disse Benedicto, eu não faltei nunca, nem faltarei jámais á minha palavra.

— Pois bem : quaes são d'entre os nossos amigos, que n'esta sala se acham, as testemunhas que tem a bondade de nos offerecer ?...

— Nenhum.

— Pois então...

— As testemunhas apparecerão a seu tempo... se forem necessarias.

— Se forem necessarias, senhor?!

— Sim.

— Julga pois que as podemos dispensar?

— Julgo.

— O. Sr. doutor zomba; mas a occasião me parece menos bem escolhida.

— Tambem não zombo nunca.

— Acabemos pois com isto, disse Frederico exaltando-se.

— Doutor, acudio Christiano, eu não posso comprehender.

O medico interrompeu o pai de Adrianna.

— Pois todos vão comprehender-me bem depressa.

Voltou-se então para a noiva, que o olhava espantada, e exclamou :

— Menina! arranca esse véo de teus cabellos e guarda-o; tira da cabeça essa corôa e guarda-a tambem!... Noiva! o dia de teu casamento não é este... não chegou ainda!

— Senhor! bradou Frederico avançando dous passos...

O medico prosegueio :



---

— Não chegou ainda, repito! O que se apresenta diante de nossos olhos não é a festa alegre de um casamento, é o prestito lugubre de um sacrificio, que eu juro que se não hade consumir!

— Senhor! disse Frederico dirigindo-se a Christiano : é necessario que se ponha um termo a esta scena escandalosa... se lhe falta a coragem para impôr silencio ao seu amigo, eu o farei calar.

— Doutor! exclamou Christiano ; não se pôde comprehender como...

Benedicto não deu tempo a Christiano para concluir a phrase ; voltou-se para os circumstantes e disse :

— Senhores! aquella interessante menina é uma victima arrastada a um patibulo! ha n'este projectado casamento um mysterio que eu não pude ainda desnublar ; mas assevero, que é a obra da intriga e da perfidia! Ouvi todos! este casamento, que se projecta, não mereceu jámais a approvação dos pais da noiva ; e quanto a esta, lêde todos nos seus olhos fundos e vermelhos, na magreza de seu corpo, na pallidez e no abatimento

de seu rosto a historia dos mais horriveis martyrios!

— É uma infame calumnia! gritou Frederico, interrogando com um olhar altivo os pais de Adrianna e ella mesmo.

Mas Christiano, Gabriella e a noiva ficaram calados, e apenas mostrando-se surprehendidos.

— Alli, no sacrario d'aquelle coração innocente e puro, continuou Benedicto apontando para Adrianna, está encerrado o segredo da traição, de que é victima : que segredo é esse, não o sei ainda ; mas que houve traição e perfidia, eu o juro ! Quereis saber, senhores, quem são os autores d'essa traição e d'essa negra perfidia ?... eu vol-os denuncio : é esse homem sem generosidade e sem honra, que quer arrastar aquella pobre moça ao altar para prendel-a em cadeias de ferro !

Frederico fez um movimento ameaçador, e ia avançar um passo, quando parou ao ver a figura animada de Americo, que de um salto se collocou ao lado de Benedicto.

— O outro, continuou o medico designando a velha Fabiana ; é aquella mulher... intrigante e má !

---

— Sr. Christiano! exclamou Fabiana : será possível que sejamos impunemente insultados em sua casa?...

— Doutor! disse este ; eu não posso consentir na continuação d'esta lamentavel scena !

— Acabemos pois com ella ; tornou Benedicto : Menina, volta para teu quarto ! Senhores, o casamento não tem lugar... está desfeito...

Frederico deixou ouvir uma risada de escarneo.

— Que ! perguntou-lhe o medico ; pois o senhor insiste ainda depois do que acaba de ouvir ?

Frederico respondeu com um olhar de insolente desprezo.

— Senhora ! disse Benedicto a Fabiana, levante-se e convença ao seu amigo e socio de que não é mais possível concluir-se este casamento ; depressa, e já ! depressa e de joelhos aos pés da victima ; porque se ella não lhes perdoar, eu a vingarei.

Fabiana não deu resposta.

— Não se movem?... guardam silencio?... não rasgaram ainda aquella vil escriptura?... ah ! pois bem : tremam ambos ! chegou a hora da vingança ! Malfetor ! e tu mulher malvada, tremi ! eu vou patentear vossos crimes.

Frederico e Fabiana estremeceram ouvindo as ultimas palavras do medico.

— Comprometti-me, disse este, a apresentar as testemunhas que devem assignar a escriptura : não falto nunca á minha palavra. As testemunhas vão apparecer.

Benedicto tirou então do bolso de sua casaca uma chave, deu alguns passos para a porta, que se communicava com a capella, e disse :

— É tempo.

Todos os olhos embeberam-se n'essa porta que acabava de ser aberta.

Approximou-se um vulto negro.

## XVII

### PRIMEIRA TESTEMUNHA : O LUXO

O vulto negro, que tinha começado por se insinuar na sombra, mostrou-se immediatamente depois a todos os olhos, apparecendo á porta da sala.

Era uma mulher alta e magra; vinha toda vestida de preto, e um véo da mesma côr, que lhe cahia até á cintura, encobria-lhe completamente o rosto; mas por entre o véo e o vestido, e descendo ainda abaixo do véo, estendiam-se seus longos cabellos já tão brancos como a neve.

Um murmúrio de admiração pareceu saudar a recém-chegada.

Quem era ella?...

O Dr. Benedicto offereceu-lhe a mão, e a conduzio até o meio da sala.

— Eis aqui a primeira testemunha, disse.

— Quem?... esta mulher?... perguntou Frederico.

— Sim, esta senhora.

— Uma desconhecida?

— E quem disse que ella é uma desconhecida?...

A recém-chegada não tendo querido acceitar uma cadeira, que Christiano lhe viera offerecer, conservava-se sempre de pé, e em silencio no meio da sala.

A curiosidade de todos os circumstantes, e principalmente de Adrianno, Americo e Camillo, augmentava a cada momento; e se achavam alli tão occupados todos em observar a desconhecida, que ninguem reparava, ao menos, no velho Mariano, que retirado em um canto da sala, chorava copiosamente, escondendo o rosto entre suas mãos calejadas e rugosas.

— Pois bem, tornou a fallar Frederico; pois que é essa a primeira testemunha : como se chama ella?

— Esta senhora, respondeu Benedicto, tem um

nome, que eu não posso pronunciar sem ter contado primeiro a sua historia.

— Sr. doutor, o tempo urge, e a hora é solemne.

— Oh! sim! bem solemne!... ouvi todos pois uma historia, que vae fazer córar este rosto, que está coberto por um véo, e que fará curvar a cabeça a alguém que aqui se acha presente.

— Que impertinencia! exclamou Frederico.

— Falle, doutor! disse D. Gabriella.

Frederico voltou os olhos para Fabiana e ficou surprehendido ao ver a pallidez que se tinha deramado no rosto da sua amiga.

Benedicto começou a fallar.

— A historia que eu vou referir em breves palavras é ao mesmo tempo um castigo e uma lição : um castigo que vae soffrer esta pobre senhora, com a exposição ingenua e publica dos erros por ella commettidos, e uma lição para todas aquellas que me ouvem e que por ventura estejam trilhando o caminho errado por onde esta infeliz chegou á desgraça.

Todos os olhos estavam pendentes dos labios de Benedicto, que tomando uma larga respiração, proseguio assim :

— Conheci ha alguns annos um homem generoso e honrado, que apaixonando-se por uma formosa moça, que vira pela primeira vez, por occasião de uma festa em um certo lugar do recovado da provincia do Rio de Janeiro, pediu a em casamento á sua familia e dando-lhe a mão de esposo a levou consigo para a côrte. O homem generoso e honrado já não existe; mas sua viuva cil-a aqui... é esta senhora.

O medico interrompeo-se vendo o movimento de surpresa que faziam Christiano, Gabriella e Adrianna.

— Ninguem avance um passo... ninguem faça uma pergunta, ou ella desaparecerá para sempre! Christiano, Gabriella e Adrianna ficaram immoveis; mas todos tres commovidos, tremulos e respirando com anciedade.

Volvendo em torno os olhos, Benedicto observou tambem que Fabiana, pallida e sobresaltada, parecia disposta a escapar-se da sala no primeiro momento que opportuno e facil se lhe mostrasse; e como se tivesse adivinhado o pensamento d'essa mulher perigosa, o medico dirigindo-se á porta que ficava defronte da que se abria para a capella, fechou-a, tirou a chave e disse :



— Também devem todos ouvir-me até o fim.

Respirou outra vez, como se muito lhe custasse a narração que ia fazer, e continuou :

— Esse homem, que a morte arrancou d'este mundo, era um simples empregado publico; mas se era honesto para não poder ser rico, não tendo senão esse unico meio de vida, era também laborioso e infatigavel para ganhar quanto se lhe fazia necessario afim de viver sem vexame; e a mulher, que elle trouxera para a côrte, tinha por dotes principaes a par de uma admiravel belleza, a modestia, a dignidade, a pureza; mas ao mesmo tempo a inexperiencia. O esposo querendo ostentar a sua felicidade com o brilho da esposa, de que com razão se ufanava, não se soube contentar com a doçura da vida domestica, e com a sociedade de seus parentes e amigos provados : abriu as portas de sua casa aos amigos das circumstancias e dos prazeres, e mais ainda, sem calcular as exigencias do luxo, sem medir os perigos da vaidade, arrastou a joven da solidão para as festas e os bailes. Aconteceu o que devia acontecer.

Benedicto descansou um instante, e logo depois proseguio :

— Mas antes de ir além, cumpre que eu ex-

ponha um facto que precedeu a este casamento. Esse homem tinha julgado amar a uma mulher, que o não merecia : um amigo abriu-lhe os olhos ; fui eu esse amigo ; teve lugar um combate longo e difficil ; emfim, porém, a amizade venceu : a mulher, que o não merecia, foi esquecida ; mas sentindo-se ferida no ponto mais sensivel do seu coração, jurou vingar-se ; contra mim nada podia ella ; contra a esposa do seu antigo amante tentou tudo, e venceu.

Um gemido abafado interrompeu a narração de Benedicto : esse gemido não partira do seio da mulher vestida de preto ; o medico fingio não tel-o ouvido, e continuou :

— Para vingar-se, a mulher desprezada introduziu-se na casa do homem que a desprezava, e ahi cercando de obsequios e de carinhos a inexperiencede esposa, traiçoeira uma vez, captou a amizade d'aquella que no fundo do coração aborrecia, e traiçoeira duas vezes, procurou seduzir o homem que a rejeitára. Baldados foram todos os avisos, todos os conselhos da verdadeira amizade ; o esposo trahio, deixando-se prender nos laços da mulher insana e perfida.

Ouvio-se um outro rumor e o medico foi por diante.

— Não parou ahi a traição : acompanhando incessantemente a esposa trahida aos theatros, aos bailes e ás festas, fez com traidores conselhos brotar em seu espirito o amor da ostentação e do luxo, que é tão natural nas senhoras. A esposa joven e bella, lançada no meio d'aquellas sociedades brilhantes e embriagadoras, onde a mulher combate com a mulher com o ardor dos olhos, com os encantos do rosto, com a delgadeza da cintura, e ainda tambem com a riqueza dos vestidos, com o valor das joias e dos brilhantes; e, esposa joven e bella, e sobretudo inexperiente, sentio-se abrazada pela febre da vaidade : um vestido mais rico que o seu era um tormento para ella, um adereço mais valioso que aquelle que trazia roubava-lhe uma noute de somno, queria tambem vencer ás outras com adornos, como vencia com os encantos com que a dotára a natureza.

Um novo gemido interrompeu ainda Benedicto; mas d'esta vez todos notaram que fôra a desconhecida quem gemera.

— Erro fatal! exclamou o medico dolorosa-

mente; porque não hão de os homens saber conservar-se dentro dos limites marcados pelos seus recursos?... Oh! esses bailes sumptuosos de quantas miserias são causa e quantas lagrimas fazem chorar! Que a classe rica e abastada os frequente e promova é talvez conveniente; mas porque hade o pobre, ou aquelle que dispõe de mediocre fortuna, ir queimar n'essas horas rapidas e infructuosas o pouco que ajuntou, quiçá com privações sentidas no interior do lar domestico?... Oh! o luxo! o luxo!... Quereis vêr os seus effeitos?... perguntai áquelle empregado publico, que apenas ganha bastante para viver pobrememente, donde elle tirou, onde achou recursos para cobrir de custosas sedas e de riquissimas joias a mulher e as filhas que faz brilhar nos bailes! perguntai-lhe, e se elle não responder, esperai alguns annos, e vereis a decifração d'esse mysterio na miseria e na vergonha da sua velhice! Perguntai ao negociante, que apenas começa sua carreira difficil e perigosa; perguntai ao magistrado, que tem por unico recurso o seu triste e insufficiente ordenado; perguntai a esses e a tantos outros, que se acham nas mesmas circumstancias, como é que se pôde fazer tanto com

tão pouco, ostentar um luxo desmesurado com tão fracos meios, e se elles não responderem, achareis revelado o segredo nas quebras imprevisas, no aviltamento da *justiça*, no esquecimento dos deveres, na miseria e na vergonha emfim! Novos Icaros, o sol ardente do luxo lhes derrete as azas de cera, quando pensam que mais alto vóam, e os atira no abysmo do opprobrio e dos remorsos! Oh! loucura fatal dos nossos tempos! Para que hão de querer os pobres hobrear com aquelles que são ricos!

Benedicto parou um instante para respirar, e tomou immediatamente o fio da historia que contava :

— Alguns annos se passaram; graças á intervenção incessante da amizade, o esposo infiel se resolvêra emfim a quebrar os laços que o prendiam á mulher traidora; laços criminosos que um acontecimento doloroso veio tornar ainda mais pesados ao esposo arrependido. Nada direi por ora sobre esse acontecimento, não o revelarei ainda; tudo tem sua hora. A mulher má casou-se, e continúa impávida a frequentar a casa do homem fraco, que a repellira do seu coração, mas que não se animava a negar-lhe entrada no lar

domestico, porque hesitava ante a idéa de ter de dar explicações á esposa. A vida dos sarãos e de festas foi entretanto continuando sempre, e talvez mais do que d'antes; porque o esposo, desde que esquecêra a fé conjugal, tinha um remorso no coração, remorso agigantado por esse acontecimento, que não expliquei, e esperava afogar o seu desgosto no turbilhão d'esses prazeres fugitivos; e a esposa de sua parte havia já demais saboreado o doce veneno da vaidade, para poder escapar á sua perniciosa influencia; tinha por muito tempo trazido sobre seus hombros a tunica fatal offerecida por essa Dejanira dos salões, para não lançar-se com indomavel frenesi no sorvedouro do volcão; ouvira a sobras o elogio de sua belleza, observára bem e notára a impressão que causava nas assembléas para conseguir vencer-se, e fugir ainda a tempo de seus perigos. Honesta sempre, já porém muito vaidosa, não lhe bastavam mais os encantos da vida domestica; e nem mesmo os cuidados que exigia uma linda filhinha, que o céo lhe concedera, tinham força bastante para fazer-lhe esquecer as sociedades, onde brilhava; muito pelo contrario, desde que a menina tocou aos quatorze annos, sua mãe a levou comsigo aos

bailes e ás festas, sem pensar que pela mão a levava a um precipicio horrivel.

A mulher vestida de preto gemeu outra vez uma expressão de dôr profunda e despedaçadora.

Benedicto continuou :

— O tempo foi correndo : o fraco esposo foi tambem um pai fraco, e condescendia com os caprichos de sua filha, como obedecia ás exigencias que a vaidade inspirava á sua mulher. A ruina de sua parca fortuna tinha-se demorado muito; mas fazia-se enfim soar a sua hora terrivel! os dias de reflexão e de arrependimento haviam finalmente chegado, e quando os amigos do infeliz lhe davam conselhos, e procuravam ainda animal-o, obtinham por unica resposta estas tristes palavras : — *agora é tarde! estou perdido!* — Oh! elle estava mais perdido do que pensava! O misero sabia que tinha queimado sua fortuna no fogo de loucos prazeres : o misero maldizia o luxo... e não contava ainda com a traição!... carregado de dividas, tendo já vendido tudo quanto possuia, esse honrado, mas fraco homem, via diante de si a miseria produzida pelo luxo; não tinha porém aberto bastante os olhos para vêr a deshonra preparada pela mais infame traição!

O rosto do nobre medico tornou-se rubro de colera : elle proseguiu com voz alterada :

— Um dia fatal e sinistro esse homem desgraçado, que tinha podido resistir ao aspecto da miseria, ouviu uma palavra, que lhe disse sua esposa com o pranto nos olhos e o desespero no coração ; elle a ouviu, e cahiu para traz desmaiado. Sua filha estava perdida!

D'essa vez não foi um gemido que se escutou ; foram dous escapados involuntariamente talvez a *Christiano* e *Gabriella*.

— O genio do mal tinha completado a sua obra ! continuou *Benedicto* ; a mulher traidora, que roubára á amiga afagos de seu marido, commettera um crime horrivel para perverter-lhe a filha ! Oh ! eu sei tudo ! tudo !

*Christiano* e *Gabriella* fizeram um movimento de indisivel surpresa, em quanto *Benedicto*, que fulminára com um olhar vingativo e terrivel a velha *Fabiana*, continuou assim :

— Logo mais a historia da misera filha ; concluamos agora, e já, a do desgraçado pai : o infeliz nunca mais se levantou da cama ; seus parentes e amigos não lhe puderam arrancar uma só palavra ; o segredo da deshonra encerrado no



peito mordia-lhe o coração como um abutre. Tres mezes depois chamou sua mulher para junto de seu leito, aproximou de seus labios o ouvido d'ella, e disse : — « Não me queixo de ti... nem d'ella ; a ti devo pedir perdão... a ella deixarei a minha benção ; se concorrestes para a nossa perdição com a tua vaidade, e com o luxo, eu tambem concorri para ella com a traição ; porque eu te fui infiel, esposa ! Houve um tempo em que me deixei prender nos laços d'esse mesmo demónio, que atraíçoou e perdeu nossa filha ! Oh ! perdão !... perdão !... resa por minha alma, e abençôa a nossa filha... » — Agarrou depois com mãos tremulas a cabeça de sua mulher, uniu aos seus labios os d'ella, deu-lhe um beijo... e n'esse beijo exhalou a vida !

A mulher vestida de preto tinha cahido de joelhos, e soluçava desabridamente. Benedicto continuou ainda :

— Passadas algumas semanas, a viuva e a orphã desapareceram inesperadamente da cidade do Rio de Janeiro ; pobres e desgraçadas, a vergonha e ainda a vaidade as aconselhou a fugir do theatro, d'onde haviam ambas partido para Portugal, onde deviam encontrar pretendidos paren-

tes ; mas não ! ellas não partiram ! a viuva, eil-a aqui !

E obrigando a mulher vestida de preto a levantar-se, o medico exclamou apresentando-a á assembléa :

— Sim ! eil-a aqui ! eis a victima do luxo e da traição !... Não me pergunteis seu nome, que não vól-o direi ; mas se em todo o caso o quereis saber já, perguntai-o áquella mulher ! perguntai-o continuou Benedicto, apontando para a velha Fabiana ; ella que vos responda ; porque foi ella quem atraíçôou a amiga, quem offendeu a esposa e quem perdeu a filha !

Todos olharam com espanto e horror para D. Fabiana, que pallida e tremula estava a ponto de desmaiar.

— É falso !... balbuciou ella a custo.

— Senhor, continuou Benedicto, dirigindo-se a Frederico : eis a primeira testemunha que offereço para assignar o contracto do seu casamento ; é uma victima do luxo e da traição ! acceta-a ?...

Frederico não respondeu.

— Oh ! pois bem ! dar-lhe-hei ainda outra mais importante do que a primeira !

E avançou um passo para a porta da capella.

---

Christiano, Gabriella e Adrianna levantaram-se ao mesmo tempo, querendo approximar-se da mulher vestida de preto; mas Benedicto voltou-se logo, e, suspendendo-os, disse :

— Ainda não! nem um só passo para ella; deixem-me antes de tudo cumprir até o fim a minha triste missão.

Frederico conservava-se immovel e abatido, voltando ás vezes, e como a medo, os olhos para a porta da capella.

— A segunda testemunha ! disse Benedicto em alta voz.

Como um condemnado que se arrasta para o patibulo, veio pouco a pouco apparecendo e approximando-se pelo corredor, que se communicava com a capella, uma figura branca e graciosa, a quem a commoção, e talvez a vergonha, fazia tremer convulsivamente.



## XVIII

### SEGUNDA TESTEMUNHA : A TRAIÇÃO

O vulto branco que acabava de apparecer era tambem de uma mulher : vinha ao contrario da primeira, toda vestida de branco, e um véo da mesma côr de seus vestidos cahia-lhe até os joelhos e lhe encobria completamente o rosto, do qual apenas se podiam apreciar os olhos que brilhavam atravez do véo, e tambem das lagrimas que por certo estavam derramando ; seus cabellos negros, longos e ondeantes cahiam-lhe quasi até os pés, produzindo um contraste admiravel com a alvura de suas vestes ; estava, porém, tão comovida, que foi preciso que Benedicto lhe fosse dar a mão para que ella se viesse collocar a par da mulher vestida de preto, sobre cujo hombro

apoiou a frente com inexprimível expressão de dôr.

Ao apparecer á porta do corredor a mulher vestida de branco, Americo, que acabava de adivinhar metade da triste historia, agarrou com força o braço de Camillo, e com palavras inspiradas pela amizade, impedio alguma exclamação imprudente que ao amigo pudesse escapar.

Mas era tão evidente o muito que estava sofrendo a recém-chegada, que Gabriella, que chorava abraçada com seu esposo, exclamou :

— Oh ! não, doutor ! é muito !

— Assim se faz preciso, respondeu Benedicto.

— Ah ! não !... é como um castigo publico : não !

— Ella o quiz ! tornou o medico ; e demais, não temos diante de nós uma criminosa... temos uma victima...

— Que poucos o saibam ao menos..

— Ella o quiz assim !...

Frederico tremulo, e com as feições alteradas, quiz fazer um esforço para escapar da posição em que se ia achar :

— Senhor... começava elle a dizer.

— Silencio ! silencio ! exclamou Benedicto eu imponho silencio ao algóz e vou fallar.

A voz de Frederico tinha produzido uma impressão violenta na alma da mulher vestida de branco; apenas a ouviu, levantou a cabeça, que descansava sobre o hombro da companheira; sua commoção desapareceu, o tremor convulsivo que a agitava cessou como por encanto, deu dous passos para a frente, e quando Benedicto acabava de pronunciar as ultimas palavras, com que impozera silencio a Frederico, ella exclamou :

— Sim! silencio ao algoz! falle a victima! sou eu que devo fallar!

E arrancando o denso véo que a cobria, mostrou-se á assembléa com todo o esplendor da mais brilhante formosura.

Era... Vicentina!

— Vicentina! Vicentina! exclamaram por entre soluços algumas vozes!

— Vicentina! murmurou com voz lugubre Camillo.

Christiano, Gabriella, Adrianna, Americo e Marianno tinham emfim corrido a abraçar as duas senhoras.

Um instante depois, arrancando-se aos braços que a enlaçavam, Vicentina estancou as lagrimas de ternura que derramára no seio de seus ami-

gos, e, dando um passo, exclamou com voz firme e altiva :

— É tempo ! falle a victima.

Mas voltando os olhos, em que brilhava a co-lera e a vingança, para craval-os em Frederico, que era sem duvida o algoz, encontrou em seu rapido volver o rosto alterado e descomposto de Camillo, que immovel e arquejante a contemplava.

Vicentina não pôde resistir á indisivel expressão de dôr que se lia no semblante de Camillo ; a força que lhe emprestára um profundo resentimento, desapareceu ante os soffrimentos do ardente mancebo, que com tanto fogo a amava : ella reconheceu que de seus labios ia partir a sentença mais terrivel para Camillo... esqueceu a vingança tremenda pelo mais puro dos amores ; de firme e decidida que se mostrára, começou a vacillar e tremer, seus olhos inundaram-se de lagrimas... logo depois um véo escuro e denso lhe offuscou a vista... sentio que a cabeça lhe andava a roda, e que um frio glacial a enregelava toda... estendeu os braços para diante exclamando :

— Doutor ! doutor ! graças a Deus, eu morro !...



E cahio sem sentidos nos braços de sua mãe, que corrêra para ella.

Depois de alguns momentos de confusão e de espanto, Benedicto dissipou todos os cuidados, dizendo :

— É apenas uma vertigem : eu respondo por ella.

— Doutor, seria melhor retiral-a d'aqui, disse Christiano.

— Não ; é preciso que a victima esteja patente a todos os olhos : esta vertigem foi um favor do céo, porque eu fallarei sem que ella me ouça, e o seu pudor soffrerá menos assim.

E antes que alguém pudesse fazer alguma nova observação, Benedicto encetou a historia de Vicentina.

— Eis-ali, senhores, uma mulher na primavera dos annos, formosa como a virgem dos sonhos de um poeta, cheia de todos os encantos que lhe podia dar a educação mais desvelada, e ainda sobre tudo isso com um coração dotado de todas as virtudes : oh ! quem ao vê-la ha oito annos passados assim tão bella, tão graciosa e tão pura, não lhe teria predito uma vida feliz, e um futuro de risos e de flôres ! pois bem ; eil-a ali

agora; o seu futuro foi de lagrimas e a sua vida marcada por incessantes tormentos. Quereis saber a causa de seus padecimentos?... eu vol-as digo : foram duas, a primeira, um grave erro de seus pais ; a segunda, a perversidade de uma mulher vingativa e de um homem sem coração : a mulher vingativa e má está ali, pallida e trémula ; o homem sem coração está diante de mim affectando sentimento no exterior, tendo porém a alma forrada da mais brutal indifferença!

Benedicto apontou para Fabiana e Frederico, que se conservavam mudos, sentindo-se abatidos pela reprovação geral.

Benedicto proseguio :

— Os pais d'aquella infeliz moça sentiram-se cheios de orgulho contemplando sua filha, que ao sahir da infancia mostrava-se tão bella, como se á porfia os annos tivessem querido enriquecel-a de graças e de encantos, e imprudentes arrastaram-n'a comsigo ás reuniões e ás sociedades brilhantes e estrepitosas, onde gastavam a vida e queimavam a fortuna. Não se lembraram de que uma menina innocente e ingenua corre verdadeiros perigos no meio das lisonjas, das intrigas, das mentiras, e das seducções, que nas salas de

um baile penetram nos corações com o ar que se respira! Levaram-n'a pois consigo e abandonaram-n-a quasi sem defeza á embriaguez d'essas festas e d'esses prazeres, em que se póde, sim, conservar a virtude, mas onde quasi nunca se conserva a innocencia! Que cegueira! uma menina de dez ou doze annos, que vive no lar domestico alegre, expansiva e brincando, anjo ainda, no seio ainda d'essa celestial ignorancia, que prova que ella é ainda mais do céo que da terra, mais de Deos que dos homens, é levada ao baile, e quando volta, já medita o resto da noute, já scisma na manhã seguinte, já observa como a olham, já calcula quando falla, já combina as palavras que lhe dizem; em uma palavra, já córa. Oh! para que cêdo fazer pisar na terra a innocente pomba, que ainda vóa perto do céo!... É um erro... grave erro; porque, além d'esse roubo que se faz aos anjos, prepara-se ás vezes uma victima, quando o olhar providencial dos pais não está constantemente embebido na moça inexperiente e ingenua, que ainda não sabe mentir, e que não comprehende que cem bocas lhe possam repetir em uma só noute a mesma mentira.

— Vicentina, continuou Benedicto, vio-se desde

o primeiro momento cercada nos bailes, a que a levavam seus pais, de um sem numero de mancebos que incessantemente queimavam a seus pés o incenso perigoso das lisonjas; ouviu bem cêdo, e habituou-se a ouvir juramentos de fingidos e de verdadeiros amores; e sentindo accender-se em seu espirito a chamma ardente da vaidade, sustentou por sua vez o combate pueril, que entre si estabelecem as senhoras no empenho de agradar aos homens e de supplantar umas ás outras : tão bella ou mais bella ainda do que tinha sido sua mãe, Vicentina era o objecto de todas as attenções, e seus pais, observando seus triumphos e especie de encantamento que ella produzia, sentiam redobrar o seu orgulho. A felicidade, a alegria d'aquelles imprudentes pais, a formosura e a imperturbavel serenidade da encantadora moça despertaram a inveja n'aquella mulher que tinha uma vez atraído a esposa, de quem se dizia amiga, e que jurou perder a moça que fazia o orgulho de seus pais.

— Entre os mancebos que com mais ardor e constancia cortejavam Vicentina, um se notava sempre : era um homem a quem a natureza enriquecêra com bellos dotes phisicos, mas em cujo

coração achavam guarida vícios reprehensíveis e perigosos : chamava-se, e chama-se ainda hoje Frederico. Tendo perdido seus pais quando sua educação estava apenas em meio, e havendo recebido em herança não pequena fortuna, esse homem votou as horas que devia consagrar ao trabalho, sómente ao jogo, aos prazeres menos licitos e a toda especie de devassidão ; dentro em pouco adquirio uma celebridade vergonhosa, e todos o apontavam como um seductor. Oh! sabeis o que é um seductor?... é uma serpente que canta doce-mente até o momento de morder! é um algoz infame que beija e lambe os pés da victima até arrastal-a ao altar impuro do sacrificio, e que depois a repelle com a ponta de seu pé, ou a esbofetêa como o carrasco de Carlota Corday! Um seductor é uma vibora que se acolhe e se aquece no seio da propria familia que vai cobrir de luto! Eis o que é um seductor; eis o que foi e o que será sempre aquelle homem!

À força de se vêr tão directamente aggreddido, Frederico se foi pouco a pouco arrancando do abatimento em que havia cahido, e ouvindo as ultimas palavras de Benedicto, pôde já responder-lhe :

— Continue, senhor; leve ao fim esta scena de antemão preparada; veremos em que isto acaba.

E lançou um olhar, em que se lia a colera e o despeito, sobre Christiano e sua filha.

Benedicto, sem mesmo voltar os olhos para Frederico, proseguio :

— A mulher traidora apresentou-se a Vicentina como desinteressada protectora do amor de Frederico : pintou-lhe este mancebo com as mais lisonjeiras côres, mostrou-se entusiasmada pela felicidade que esperava a moça inexperiente, e ao mesmo tempo ligou-se ao seductor, cujo character conhecia, e animou-o a proseguir no empenho de ganhar o amor de Vicentina. Inexperita e descuidada, não devendo desconfiar de uma senhora que era recebida uma como amiga na casa de seus pais, gostando da sua companhia porque tinha a certeza de ouvir sempre novos elogios á sua belleza, e confidencias de novos triumphos alcançados pelo poder e influencia de seus encantos, Vicentina deixou-se prender nas rédes que lhe armava D. Fabiana. Não amava Frederico; mas era grato ao amor que acreditava ter inspirado, e já nas assembléas, a que ia, já na casa de Fabiana, onde sempre o encontrava, via com prazer o fatal

mancebo, e ouvia sem repugnancia os protestos hypocritas de sua paixão.

— Mas isso não bastava, continuou Benedicto; tolerar ser amada era muito pouco para ficar Vicentina perdida no conceito publico, e assim para sempre extincta a felicidade de seus pais. Fabiana queria mais, e o conseguiu : antes de tudo fez espalhar por toda a parte a existencia de um amor, que não se podia dizer retribuido por Vicentina; inventou circumstancias, que nunca se tinham dado, repetio conversações e confidencias, que já-mais haviam tido lugar, e quando todos acreditavam que Frederico era feliz e amado, desfechou o ultimo golpe, o golpe terrivel.

Benedicto suspendeu-se um momento na narração que fazia; chegou-se ao sophá, onde Vicentina se achava deitada e com a cabeça apoiada no seio de sua mãe, observou-a um instante e voltou logo.

Vicentina tinha tornado a si; mas conservava-se immovel e com os olhos fechados : o Dr. Benedicto o reconheceu; mas tornando ao seu lugar, continuou dizendo :

— O desmaio dura ainda... tanto melhor : o que eu vou dizer agora só o sabe ella, sua mãe e eu.

Vós, meus amigos, proseguiu dirigindo-se a Christiano e Gabriella, sabeis bem qual a horrivel desgraça, que acontecera á pobre moça; mas ignoraveis as circumstancias, que acompanharam essa desgraça; julgaveis talvez Vicentina criminosa, e ella é apenas uma victima : eu tudo calei até hoje em attenção a um nobre mancebo... agora, porém, o silencio se tornaria um crime. Ouvi :

A attenção dos circumstantes redobrou.

— O marido de D. Fabiana determinou festejar o anniversario de seu casamento, e convidou a todos os seus amigos para um jantar e baile que deviam ser dados em uma bella chacara que possuia : o concurso foi immenso, a festa brilhante, os prazeres multiplicados. O baile durava ha muito ; nunca tão terno se mostrára Frederico a Vicentina, nem com esta mais cuidados gastára Fabiana ; cada minuto era marcado por um obsequio, cada hora por uma prova irrecusavel de interesse e amizade.

— Á meia noite servio-se de chá; Vicentina estava então no *toilette*, e Fabiana correu a ella e levou-lhe uma chavena de chá. A pobre moça não podia deixar de sentir-se agradecida a tanta delicadeza.



— Meia hora depois Vicentina sentio-se incommodada, tinha a cabeça tonta e somno...

— Fabiana, que a vio soffrendo, levou-a para seu quarto no interior da casa e convidou-a a descansar alguns minutos.

— Vicentina apenas se deitou, adormeceu...

— Duas horas depois despertou... e soltou um grito abafado... tinha-lhe manchado a fronte o beijo de um homem estranho : esse homem era Frederico... Vicentina estava perdida!...

— A pobre moça ergueu-se desesperada; disse que se sentia doente e retirou-se com seus pais : queria ainda encobrir a todos a sua desgraça ; mas alguns mezes depois sentio que o segredo não era mais possivel...

— Frederico tinha entretanto improvisado uma viagem, e desaparecera do Rio de Janeiro; e Fabiana, que acabava de enviuar, se retirára da cidade para passar no campo o tempo do luto.

— Triumphára o crime!...

— Um dia emfim a pobre filha cahio aos pés de sua mãe, e tudo lhe confiou : a vergonha entrava ao mesmo tempo que a miseria na casa do infeliz Fernando; e quando a misera mãe foi rasgar o véo terrivel aos olhos do esposo e pai,

Fernando cahio para traz, como já disse, e pouco tempo depois morreu.

— A mãe e a filha continuaram ainda a viver por algumas semanas na cidade fatal que fôra o theatro de seus prazeres e que era então o de seus infortunios, até que uma noite uma moça cahio gemendo em um leito doloroso : ao pé d'ella velava um homem dedicado, que recebeu em seus braços uma infeliz criancinha. Esse homem fui eu : essa criancinha era filha de Frederico !

— Foi então que eu tive conhecimento de todas as circumstancias d'esta historia terrivel, sob a condição de guardar inviolavel segredo ; guardei-o até hoje : agora, porém, autorizado pela victima, eu vim desmascarar o algoz.

O nobre medico voltou-se para Frederico e encarando-a face a face, exclamou :

— Eis-aqui pois a segunda testemunha que apresento : é a vossa victima, senhor ! quereis uma terceira ? ah ! posso ainda apresentar vossa filha !

Frederico lançou um olhar vago e indeciso em roda da sala ; todos os semblantes demonstravam o horror que inspirava o seu crime ; encontrou emfim Fabiana, que devorava o velho medico com

---

os olhos flammejantes de colera; todas as senhoras tinham affastado suas cadeiras do lado de Fabiana, que tendo ao pé de si apenas sua sobrinha, arquejava de raiva e parecia sequiosa de vingança. Frederico e Fabiana não tremiam mais, e queriam lutar ainda.

O primeiro que fallou foi Frederico ; encarou com arrogancia Benedicto, e disse :

— Este homem mentio.

Ouvindo taes palavras, o nobre ancião ergueu de repente a mão pesada e terrivel, e o maior dos insultos ia ficar impresso na face de Frederico, se alguém não tivesse suspendido o braço de Benedicto.

— Ainda não, doutor! disse Camillo.



## XIX

### O ALGOZ E A CUMPLICE

Benedicto não pôde vencer a força d'aquelle que suspendera sua mão vingativa; voltou-se e vendo junto de si o filho do velho Mariano, disse-lhe :

— Mancebo, um desmentido é uma affronta que um homem honrado não tolera.

Camillo mostrava-se frio e calmo como em todas as occasiões em que tomava uma resolução decisiva; ouvindo o que lhe dissera Benedicto, respondeu com apparente socego :

— Senhor, este homem não lhe pertence tanto como a nós outros, e eu juro que não o cedo a ninguém.

— Camillo! disse Mariano approximando-se.

— Meu pai, prometto que ficareis contente com o meu procedimento.

Soltou então o braço de Benedicto, que ainda sustinha, e voltando-se para Frederico, disse :

— Senhor, aquella mulher que ali está vestida de preto chama-se Hortensia, e é irmã de meu pai; seu marido chamava-se Fernando, e era irmã da esposa do Sr. Christiano; aquella moça, que ali jaz desmaiada, chama-se Vicentina e é minha prima. Comprehende bem, Sr. Frederico, tudo quanto se encerra n'estas explicações?...

Frederico não respondeu; mas todos volveram os olhos para Vicentina, que, como se despertasse á voz de Frederico, ergueu primeiro a cabeça, e logo depois sentou-se no sofá.

O unico, que não olhou para Vicentina, foi Camillo, que proseguio dizendo :

— Senhor, pela historia que acabamos de ouvir, referida por um homem honrado e incapaz de mentir, sabemos todos que o Sr. praticou uma acção indigna, acção que encheu de luto e fez a desgraça de uma familia inteira; o senhor lançou a desesperação na alma, cobriu com as vestes da viuvez o corpo da irmã de meu pai; o senhor matou o cunhado do Sr. Christiano; o Sr... manchou

a vida de minha prima. O Sr. Christiano, meu pai e eu, temos direito de pedir-lhe contas de tão grande crime; cada um de nós tem uma vingança a tomar; o Sr. Christiano, por seu cunhado; meu pai, por sua irmã; e eu, por minha prima.

— E eu por todos tres, accrescentou Benedicto.

— Concluo?... perguntou Frederico.

— Ainda não, respondeu Camillo.

— Responderei no fim.

Camillo continuou.

— Senhor, nada de illusões nem de mentiras; todos nós o aborrecemos, e eu mais que todos: o seu crime só poderia ser punido com a morte aqui na terra e com o inferno na eternidade; mas nem todo o seu sangue bastaria para lavar a nodoa que imprimio na vida de Vicentina; pois bem, eu fallo por todos; todos nós lhe concedemos a vida a troco de alguns minutos de martyrio para aquella senhora; o senhor a receberá como sua esposa diante de Deos e dos homens, e deixando o altar, separar-se-ha d'ella para sempre, a menos que ella o queira acompanhar; separados, o senhor seguirá a vida que lhe parecer; sua esposa se recolherá a um convento, e sua filha ficará a cargo de meu pai.

O mancebo voltou-se para seu pai, Christiano e Benedicto, e perguntou :

— Não é assim, senhores?...

Responderam-lhe com um signal de assentimento.

Vicentina começára a tremer de novo.

— Acabou?... perguntou outra vez Frederico.

— Só me resta dizer uma palavra.

— Diga-a.

Frio, socegado, e como se exprimisse a mais simples e natural das proposições, Camillo concluiu dizendo :

— E se o senhor não quizer convir n'isto, esteja certo que eu o heide matar.

— Camillo! exclamou Mariano.

O mancebo cruzou os braços sobre o peito, como disposto a ouvir Frederico.

— Oh! Camillo! bradou outra vez o velho : estás louco?...

— Que queria então, meu pai, que eu fizesse?...

— Queria que te não esquecesses, que antes de ti estou eu.

— E antes de ambos eu, murmurou Vicentina, de um modo que fez estremecer sua mãe.



— Falle, senhor! disse Christiano com voz demudada a Frederico.

Frederico não era covarde; sentira-se abatido e humilhado pela recordação e pela prova viva de seu crime; mas o insulto e a ameaça revoltaram-lhe o animo, despertaram-lhe as forças, e quando chegou o momento de se fazer ouvir, disse com apparente sangue-frio :

— Não me vou defender ante juizes, pois que os não conheço aqui; vejo que ha um trama urdido para obstar ao meu casamento, e sinto que devo dar algumas explicações ás pessoas que não entram n'esse trama, e que se acham presentes. Lançaram contra mim o insulto, a calumnia, e a ameaça : desprezo o insulto, vou desfazer a calumnia, e desafio a ameaça.

Um rir sinistro estremeceu nos labios de Camillo.

Frederico continuou :

— Um homem, que abusa do respeito que se deve a seus cabellos brancos, fez-nos ha pouco ouvir uma longa historia, que acabou por um nefando crime; no meio d'essa historia atirou o meu nome, e quiz fazer-me responsavel por uma desgraça, que muito lamento. Conheci, encontrei al-

gumas vezes nos bailes aquella senhora em outro tempo; talvez lhe tivesse dirigido algumas palavras de simples cumprimento dansando por acaso com ella; tudo o mais além disto é falso, e nem consentirei, que sirva o meu nome para... explicar os... erros, ou o momento de fraqueza, de quem quer que seja.

Camillo ficou immovel e silencioso ouvindo estas palavras; mas seus olhos começaram a tornar-se côr de sangue.

Frederico proseguio :

— Rejeito as proposições que me fez o Sr. Camillo, e não me lembrarei jámais de lhe pedir que se esqueça de realizar suas ameaças. Quanto ao mais, a Sra. D. Fabiana, em cuja casa se diz que eu commetti esse negro crime, poderá com o seu testemunho esclarecer a verdade.

E voltando-se para Christiano, disse :

— Creio que d'aqui a alguns instantes poderei exigir que se celebre o meu casamento com sua filha, senhor!

Christiano não pôde responder, porque a velha Fabiana abrazada em furor já tinha começado.

— Tambem fui vilmente calumniada! exclamou ella; pintaram-me como uma mulher cheia

de vícios e de crimes : oh ! eu esperava, eu contava com tudo isto ; mas também dentro em pouco explicarei tudo. Sim ! fui amiga d'aquella senhora ; nunca porém a atraíçoei, nunca amei seu esposo ! sim ! fui amiga d'aquella moça ; nunca porém ella me ouviu máos conselhos, nem jámais me envolvi em seus amores, bem que todos d'elles muito se occupassem. Sim ! deu-se essa reunião, deu-se esse baile em minha casa ; mas essa chavana de chá, esse somno e essa historia de um abominavel crime, é pura invenção do meu maior e constante inimigo.

— Oh ! eu a farei ajoelhar-se diante de mim ! exclamou Benedicto.

Fabiana proseguio :

— Quereis, senhores, a explicação de toda esta scena lamentavel, de todo este tecido de calumnias !... eil-a aqui em duas palavras : o Dr. Benedicto tem um filho natural, a quem muito ama, e para quem desejava arranjar uma noiva bella e rica ; a Sra. D. Adrianna convinha-lhe perfeitamente ; o Dr. Benedicto empregou pois todos os meios que pôde, afim de conseguir casar seu filho com a filha de seu amigo ; as cousas estavam em bom caminho ; infelizmente porém o Sr. Frederico

transtornou todos os projectos do homem honradissimo e desinteressado, que me detesta.

O Dr. Benedicto olhava quasi com piedade para a velha Fabiana.

Ella continuou :

— Em taes circumstancias, vós o vêdes, senhores, o Dr. Benedicto abraçou-se com a calumnia; forjou uma historia de horrores e de crimes, onde nos achamos compromettidos, eu a quem elle suppõe ter contribuido para o casamento, que vai ter lugar, e o Sr. Frederico, que lhe rouba a noiva de seu filho. Eis aqui a verdade, senhores; e se quereis tambem saber quem é o filho natural do Sr. Benedicto, eu o aponto : eil-o ali... é o Sr. Americo!

— Até que enfim chegou o momento de confundil-a de todo! exclamou Benedicto. Mulher! vais ajoelhar-te a meus pés! vais beijar-me as mãos, e cobril-as talvez de lagrimas; vem comigo!

— Que!... o senhor atreve-se!...

O Dr. Benedicto chegou-se á velha Fabiana e pronunciou-lhe ao ouvido algumas palavras tão importantes e poderosas, que aquella mulher terrivel e odienta ergueo-se pallida, quasi convulsa,

com os olhos flammejantes, com o semblante decomposto, e seguiu com passos apressados o nobre medico que se dirigia á porta da sala.

Chegando á porta, Benedicto abriu-a com a chave, que havia guardado; voltou depois o rosto, e procurando com os olhos Americo, disse :

— Vem, Americo, tambem tu deves ouvir-nos, vem!

Americo, triste e vergonhoso, dirigio-se com a cabeça baixa para onde o chamava o seu velho amigo.



## DE JOELHOS

Benedicto entrou em um gabinete, cerrou a porta depois que Americo e Fabiana entraram tambem, e dirigindo-se logo a esta :

— De joelhos! disse.

— Oh, falle! falle! exclamou Fabiana, cujos olhos se volviam de Benedicto para Americo com um ardor inexprimivel.

— De joelhos, mulher!

— Oh, falle! exclamou Fabiana pondo as mãos, como se orasse, ou se pedisse por Deos.

— Sabes, mulher, porque eu não fallei ali n'aquella sala, diante de todos, e para que todos me ouvissem?... Sabes, porque eu me não vinguei de ti e das injurias que me disseste, tornando ainda

mais patente a historia de tua vergonha?... Oh! não foi porque eu tivesse piedade de ti, não; foi porque eu não quiz que subisse ao rosto de um innocente o rubor do pejo; foi porque eu tive compaixão de alguém, que se hade talvez envergonhar de ti!

— Meu Deos! meu Deos! disse Fabiana, escondendo o rosto entre as mãos.

Benedicto continuou então fallando a Americo.

— Americo, esta hora triste, mas solemne, a ti mais do que a ninguem pertence. Escuta. Ouviste tudo quanto eu disse na sala, referindo a historia de Fernando e Hortensia?...

— Ouvi, doutor.

— Lembras-te, que eu deixei de me explicar a respeito de um ponto d'essa historia?

— Sim : entendeu que não devia então dizer cousa alguma ácerca de um acontecimento...

— Oh! é isso : exactamente, isso mesmo; e esse acontecimento te vai agora ser revelado. Americo, esta mulher, que atraioçava a esposa de Fernando, roubando-lhe ás escondidas os carinhos de seu marido, recbeu um castigo no proprio crime que commettia.



Americo olhava espantado para Benedicto, que continuou dizendo :

— Esta mulher, que então era solteira ainda, reconheceu um dia que dentro de alguns mezes teria de esconder um segredo, que compromettia a sua honra... ella ia ser mãe!

Fabiana soltou um grito abafado.

— Esta mulher, que soube occultar a todos, excepto a Fernando, o seu estado, comprehendeu que para conservar livre de suspeitas a sua reputação, lhe seria preciso separar-se de seu filho, e conveio em confial-o aos cuidados de Fernando.

— Oh meu Deos! meu Deos! exclamou a velha Fabiana, que de momento a momento olhava para Benedicto com a expressão da mais ardente curiosidade.

— Ao approximar-se a época em que o primeiro grito de um innocente devia lembrar-lhe a sua falta e accusal-a da necessidade de separar-se d'elle, esta mulher retirou-se da cidade, e em uma pequena casa solitaria dos suburbios, esperou a hora tremenda...

Como se adivinhasse o que mais tinha de dizer Benedicto, Americo comprimia sua respiração, e escutava tremendo.

O medico proseguio :

— A hora solemne e dolorosa chegou emfim; Fernando estava junto ao leito d'esta mulher, e recebendo em seus braços uma misera criancinha, desapareceu com ella. Essa criança era um menino.

— E... depois?... perguntou Americo vacilando.

— Pobre criança! estivera apenas alguns minutos nos braços de sua mãe, e sómente para ser n'esses minutos martyrisada por ella!

— Oh! é verdade!... exclamou Fabiana; eu posso ter a certeza...

E lançava-se com um impeto de desesperada curiosidade para Americo; mas Benedicto a susteve agarrando-a pelo braço :

— Deixe-me!... deixe-me!... eu quero vêr!... bradava a mulher.

— Alguns dias depois, continuou Benedicto empregando toda sua força para subjugar Fabiana, que luctava desabridamente, alguns dias depois Fernando foi vêr Fabiana, e lhe deu a noticia da morte de seu filho. Esta mulher, que até então havia chorado desde o momento em que se separára de seu filho, esta mulher, que era cas-

tigada pelo seu crime, mesmo no extremo do amor maternal que em seu coração se accendera; esta mulher não acreditou no que lhe dizia Fernando, e foi preciso que uma certidão...

— Mas essa certidão?... perguntou Americo!

— Era falsa.

— E o filho?... o filho?...

— O filho cresceu longe dos olhos de sua mãe, e os amigos de Fernando...

Fabiana fez um esforço violento para arrancar-se das mãos de Benedicto; sentindo-se porém sempre subjugada, exclamou :

— Um momento depois de dar á luz, eu o recebi em meus braços, e aproveitando esse instante supremo, dei com um canivete dous golpes em cruz no braço direito de meu filho... Americo!... quero ver o teu braço...

— Minha mãe! minha mãe!... bradou Americo abraçando-se com Fabiana.

Benedicto com olhos cheios de lagrimas affastou-se dous passos, e contemplou mudo a scena, que diante d'elle se passava.

Fabiana desprendeuse dos braços de Americo, e arfando, anciada, tremula, com os olhos afoqueados, segurou com a mão esquerda a mão

direita de Americo, e arregaçando-lhe com a outra mão as mangas da casaca e da camisa, encontrou emfim uma cicatriz formando uma cruz.

Apenas descobrio o signal desejado, Fabiana deu um passo para traz... ergueu ambos os braços... abriu a boca para fallar e não pôde... seus olhos lampejaram... e emfim cahio sobre o peito de Americo com todo o peso de seu corpo.

— Minha mãe!... minha mãe!... gritou o mancebo soluçando abraçado com ella.

Alguns momentos depois Fabiana levantou a cabeça, devorou com os olhos o rosto de Americo, fez um esforço supremo, e exclamou :

— Meu filho!...

Era um grito arrancado das entranhas.

Benedicto contemplava em silencio aquella explosão do amor maternal. Fabiana abraçava e beijava quasi em delirio o filho, que por tantos annos julgára morto; essa mulher, escrava de violentas e condemnaveis paixões, parecia n'aquelle momento purificar-se de todos os seus erros e delictos no santo fogo da maternidade. Fabiana, a mulher má, desleal, intrigante e falsa, tend o coração assim tão cheio d'esse sentimento,

embora natural, sagrado sempre, podia comparar-se a essas feras indomáveis do deserto, que no meio de sua braveza ostentam em grão tão subido o amor da prole.

Quando pôde vencer os primeiros impetos de seu ardor, Fabiana voltou-se para o Dr. Benedicto, tomou-lhe as mãos entre as suas, cobriu-as de lágrimas, cahio de joelhos, e exclamou :

— Sim, doutor! sim; eu me ajoelho a seus pés, eu lhe beijo as mãos, eu choro e derramo minhas lágrimas sobre ellas : ah, doutor! perdão! perdão! perdão para a mãe de Americo!... Doutor, eu reconheço que a sua bondade e a sua honra são ainda mais elevados que a minha maldade! o senhor me restitue meu filho, e m'ò restitue com o coração cheio de virtudes!... oh! Deus lhe pague... Deus lhe pague!...

E erguendo-se, lançou-se de novo nos braços de seu filho, e continuou :

— Meu filho! meu filho!... quanto te tenho feito soffrer!... ah! nem mesmo o concebes! mas olha... ainda é tempo, eu vou fazer a tua felicidade sem que o penses; sente, esse casamento de Frederico e Adrianna não se ha de realizar, não!... basta uma palavra minha para desfazel-o;

eu vou dizer essa palavra, e Adrianna será tua, ouviste?... ouviste?

— Oh, minha mãe! o meu coração não deseja agora mais nada n'este mundo! eu sou completamente feliz!

Um rir sublime e inexprimível brilhou nos lábios de Fabiana por entre as lágrimas que inundavam seu rosto.

— Obrigada, meu filho! obrigada; mas eu te darei Adrianna...

— Não, minha mãe; o meu casamento com Adrianna tornou-se impossível.

— Impossível?... e porque?

— Impossível, desde que ella... não rejeitou a mão, que lhe offerencia Frederico.

— Pobre louco! eu te comprehendo! encerras dentro d'esse nobre e generoso coração o segredo de uma noite fatal para ti...

— Minha mãe... silencio...

— Oh! n'essa noite o que se passou foi sómente a obra da traição... ouves?... n'essa noite Adrianna foi uma misera victima da mais negra cilada...

— E quem pôde?...

— Quem pôde forjar tão feio crime... ah, meu filho, não te horrorises, não me repillas, porque

me matarias , quem commetteo esse novo crime, quem preparou a cilada... fui eu! fui eu; para te roubar Adrianna! fui eu, para encher de magoa e de fel a vida do Dr. Benedicto; fui eu! ah! perdôa-me, meu filho, perdôa-me!

— Minha mãe! minha mãe!... exclamou Americo apertando Fabiana em seus braços.

— Vem! proseguio ella; temo-nos demorado muito : vamos pôr fim ás scenas que se passam n'aquella sala, vêm... eu quero dizer tudo...

E travando do braço de Americo, levava-o comsigo, quando parou de repente na porta e de novo voltou sobre seus passos : o rosto de Fabiana tinha tomado uma expressão de dôr profunda e acerba.

— Americo... vêz?... o Dr. Benedicto está olhando para mim com olhos tristes : sabes o que elle quer dizer?...

— O que, minha mãe?...

— Quando elle entrou comnosco ha pouco n'este gabinete, disse-me : « sabes porque eu não fallei diante de todos?... foi porque eu não quiz fazer córar a um innocente, que talvez se envergonha de ti. »

— Minha mãe, que horrível pensamento? que filho póde...

— Escuta : eu tenho sido uma mulher má e perversa; tenho feito a desgraça de tantos, que por força devo ser aborrecida! meu filho, quero começar a provar o meu arrependimento impondo-me o maior dos sacrificios, e privando-me da única ventura, que para mim póde haver no mundo : oh! não hão de resvalar sobre ti as maldições que cahem sobre a cabeça de tua mãe. Doutor! o que acaba de se passar n'este gabinete, seja um segredo para todos : Meu filho! eu te adorarei no silencio de minha alma! eu irei uma hora cada dia abraçar-te, e chamar-te filho, quando ninguem nos possa ouvir...

— Oh! não!

— Sim! sim! diante do mundo nós seremos apenas dous amigos...

— Minha mãe! será crível que me rejeite um momento depois de me haver encontrado?... oh! qual de nós é o que se envergonha do outro?...

— Eu envergonhar-me de ti!... louco! louco! tu que és o anjo, a cujas azas se prende minha alma para entrar no céu!... tu! tu, que ressusci-



---

taste no meu coração! tu, tu, meu filho, meu querido filho!...

Mãe e filho ainda uma vez se abraçaram apertadamente, e desenlaçando-se alguns instantes depois :

— Vamos, disse Fabiana ; corramos á sala! enxuga tuas lágrimas, compõe o teu semblante, e deixa-me merecer o céu por meio d'este enorme sacrificio. Ninguem saberá que és meu filho.

O Dr. Benedicto, que tinha entrado no gabinete com o resentimento e o amargor no coração, sahia d'elle acompanhando Fabiana e Americo com os olhos banhados em pranto, e a alma banhada em alegria e amor.

Benedicto já não aborrecia Fabiana.



## XXI

### MÃI QUE FALLA

Tinham sido tão graves as revelações feitas pelo Dr. Benedicto, algumas das quaes eram ignoradas pelo proprio Christiano, e tão forte impressão causára no espirito d'este e de sua esposa o apparecimento inesperado das duas ermitôas, nas quaes antes ninguem havia reconhecido, á excepção do medico, as infelizes Hortensia e Vicentina, que, tanto Christiano como Gabriella mal tinham podido resentir-se dos desagradaveis successos que se davam por occasião do casamento de sua filha. No espirito de ambos vacillava ainda a dubia esperança de ver Adrianna escapar do sacrificio a que se votára. Cégos, entregavam-se ao acaso ainda, e tremiam sempre que se lembravam que

haviam uma noite encontrado sua filha tendo de joelhos a seus pés o seductor, que podia em qualquer tempo comprometter a reputação de Adrianna com uma só palavra.

Adrianna parecia ter-se esquecido de que era noiva, e de que o seu casamento devia celebrar-se dentro de poucas horas; corrêra para junto de Vicentina e abraçára-se com ella.

Frederico, querendo aproveitar-se da ausencia momentanea de Benedicto, seu terrivel adversario, determinou jogar a sua carta derradeira.

— Senhor, disse elle a Christiano : creio que já é tempo de pôr fim a este escandalo; eu exijo o cumprimento da sua palavra.

— Como?... respondeu Christiano : pois quando se lhe tem feito accusações tão graves, não julga o senhor mais acertado provar primeiro e acima de todas as duvidas a sua innocencia?... oh! pois não vê que a nossa honra tambem se acha empenhada n'essas accusações?... Senhor! é preciso antes de tudo que eu tenha a certeza de que o homem, a quem ia pertencer minha filha, não foi o miseravel que sacrificou Vicentina!

— Senhor!

— Sim! porque ao esposo de minha filha eu

quero votar uma amizade pura e illimitada; e o senhor comprehende que ao verdugo de Vicentina eu não devo senão vingança!

— Veja bem, senhor, veja bem!

E os olhos de Frederico lançaram sobre Gabriella e Adrianna vistas ardentes de colera, que fizeram estremecer a esta ultima.

— Quem o accusou, senhor, proseguio Christiano, foi o homem mais honrado, que em minha vida tenho conhecido; foi o homem, cuja palavra vale para mim tanto, como o mais sagrado dos juramentos. O Dr. Benedicto não mente.

— E portanto?...

— A conclusão é evidente : o unico proceder que lhe cumpre, é acceitar o conselho que lhe offereceu ha pouco o Sr. Camillo. O seu crime só poderá ser esquecido quando aos pés de um sacerdote dêr a mão de esposo á infeliz que d'ali nos ouve.

— Mais nada?...

— Senhor! senhor! somos muitos os offendidos, e é difficil acreditar que entre tantos não se ache um que não seja covarde!

— E tambem o senhor ameaça-me?...

— Não sei se ameaço ou não : digo o que sinto.

Oh! será possível que o senhor se conserve insensível e empedernido diante da sua victima?... que! não treme, e não cahe aos pés d'aquella mulher tão formosa, e tão digna de melhor sorte... d'aquella mulher que tinha direito de esperar ser feliz e amada, cuja vida o senhor encheu de amargura?... que! nem se lembra de que o seu crime tem ainda uma prova viva da existencia de sua filha?...

A apostrophe vehemente de Christiano foi interrompida pela entrada de uma nova personagem : uma bella menina de sete para oito annos de idade veio correndo pelo corredor da capella, parou um momento á porta da sala, até que descobrindo onde se achava Vicentina sentada, atirou-se para ella, exclamando :

— Mamã! mamã!... eu estava com muito medo!

Era a linda filhinha de Vicentina. Frederico não pôde deixar de sentir um movimento de commoção ao aspecto d'aquella menina ; mas seu coração estragado pelos vicios abafou bem depressa o sentimento generoso que n'elle apparecia, como um hospede importuno ; e desviando os

olhos da innocente criança, conservou-se frio e indifferente.

Vicentina recebeu a menina, e pondo-a ao collo, disse-lhe baixinho :

— Não devias vir.

— Eu estava com muito medo ! respondeu a menina olhando espantada para todos.

— E agora, senhor ?... perguntou Christiano.

— Agora ?... não vejo que se mudasse nenhuma das nossas posições.

— Nem á vista d'aquella menina ?...

— O que tenho eu com aquella menina ?

— Não sabe quem ella é ?

— Sim : dizem-me que é filha d'aquella senhora.

— Hade ser mais do que isso, senhor ! exclamou Vicentina erguendo-se ; porque, se Deos m'a conservar, hade ser tambem a minha vingança.

— Vicentina !

— Senhores ! agradeço-vos a todos o interesse que haveis tomado por mim ; mas quanto á vingança... não ; recuso os vossos serviços : o homem que offende uma moça indefesa, que emprega o veneno ameaçando sua vida para fazel-a dormir, e depois se aproveita des eu

somno para sacrificar-a impunemente, é um misero cobarde... e para vingar-se de um cobarde, uma mulher é de sobra... Senhores! a victima vos agradece.

E voltando-se para Frederico, disse com voz pausada, solemne e terrivel :

— E quanto a ti, algoz!... até... até um dia!

E a formosa e altiva moça, tomando sua filha nos braços, retirou-se pelo corredor da capella.

Sem se commover, e como se desprezasse completamente essa luva tremenda, que Vicentina lhe atirava no campo do futuro, Frederico dirigindo-se a Christiano perguntou, como este pouco antes lhe perguntára :

— E agora, senhor?

— Agora o que mais?

— O meu casamento com sua filha?

— Ainda!

— Oh! certamente, eu oexijo.

— Senhor, a sua exigencia póde ser qualificada de um modo que lhe parecerá offensivo.

— A minha exigencia é baseada nos meus direitos e na minha força.

E Fréderico carregou nas palavras, que pronunciava. Gabriella e Adrianna sentiram-se des-



fallecer : tremiam ambas ainda uma pela outra.

— O que quer dizer, senhor?...

— Quero dizer, que da minha boca poderia partir uma palavra que seria a mais terrível das vinganças!...

Christiano sentio-se ferido, como se uma serpente lhe tivesse mordido no coração ; apenas, porém, soaram as ultimas palavras de Frederico, uma mulher, lançando-se de repente diante do insolente, exclamou com voz alterada :

— Pois diga essa palavra!...

— D. Fabiana ! balbuciou Frederico recuando um passo !

— Sim ! Fabiana, a mulher má, a falsa, a perversa ; mas tambem desde alguns momentos a mulher arrependida !

O espanto foi geral na sala !

— Senhores, continuou Fabiana, este casamento que não se celebrará mais, era o resultado da mais indigna traição, e os autores d'essa traição foi este homem, e fui eu.

— Como?...

— Senhores, tudo quanto foi aqui referido pelo Dr. Benedicto, por mais horrível que fosse, aconteceu realmente. Fui eu que contribui para

a miseria e para a desgraça de Fernando, a quem amei ; fui eu quem perdi sua filha, sacrificando-a a este homem tão indigno, como eu! e agora, para obstar ao casamento de D. Adrianna com o Sr. Americo, que adivinhei que se projectava, concebi novo projecto tão infame, como aquelle que perdeu Vicentina.

— Oh! falle! falle! exclamou Gabriella.

— De accordo com o Sr. Frederico, fiz minha sobrinha escrever um bilhete ao Sr. Americo avisando-o de que D. Adrianna concedera uma entrevista ao Sr. Frederico a horas em que todos deviam estar dormindo ; n'esse bilhete minha sobrinha se compromettia a abrir a porta da rua ao Sr. Americo, para que elle viesse observar a entrevista que devia ter lugar na sala de visitas...

— Meu Deos! murmurou Adrianna!

— Abri eu mesma uma janella da sala, e indo depois ter com D. Adrianna, que descansava em seu quarto, convenci-a de que sua mãe receberia, n'essa noite na sala, ao Sr. Frederico, e que para salvá-la, pois que o Sr. Christiano, dizia eu, tudo sabia já, cumpria-lhe expôr-se por sua mãe, indo para a sala afim de tornar impossivel o encontro

---

d'ella com Frederico : D. Adrianna attendeu-me e foi...

— Perdão, minha mãe!... exclamou Adrianna; perdão se um só momento duvidei de vossa virtude!

— Oh! bem castigada foste! disse Gabriella levantando a filha.

— Apenas D. Adrianna chegou á sala, proseguio Fabiana, o Sr. Frederico saltou pela janella... fallaram ambos em voz baixa; D. Adrianna, para que seu pai nada ouvisse, e sua mãe se salvasse; e o Sr. Frederico para que o Sr. Americo se illudisse...

— Infamia!... bradou Christiano.

— E as consequencias d'essa horrivel cilada... eil-as aqui!...

— Miseravel! exclamou Christiano lançando-se contra Frederico.

— Senhor! disse Camillo suspendendo Christiano, este homem pertence-me.

— Sahi! sahi... sahi de minha casa!...

Sucedera á confissão de Fabiana um sussurro e uma confusão geral.

— Sahi immediatamente!... bradava Christiano.

E repellido por todos, Frederico desapareceu pela porta contraria á da capella.

— E tambem vós, mulher fatal e terrivel, exclamou ainda Christiano, dirigindo-se a Fabiana, e tambem vós, sahi!...

— Perdão! perdão! gritou Fabiana de joelhos.

— Não! não! sahi já de minha casa!

— Vinde, senhora! disse Americo avançando, vinde com vosso filho!

— Americo!

— Esta senhora é minha mãe! é minha mãe, repito; e ousou esperar que desde este momento todos a respeitem. Vinde comigo, senhora; sahi com vosso filho.

— Não! disse Gabriella, lançando-se diante de de Americo e Fabiana, que se retiravam.

— Vinde, minha mãe!

— Não! não, Americo! exclamou Gabriella; não! tu não sahirás, porque és meu sobrinho, e deves ser meu filho! nem tão pouco sahirá tua mãe, porque ella vai ser tambem mãe de minha filha!

— Oh! perdoada!... perdoada!... gritou Fabiana: meu filho! meu filho!

E cahiu desmaiada nos braços de Americo e Adrianna.

## CONCLUSÃO QUE PROMETTE MAIS

Estranho a tudo que não dizia respeito a Vicentina, Camillo tinha tido seus olhos constantemente pregados em Frederico, e apenas o vio desaparecer, aproveitou-se da confusão geral, que reinava na sala, e lançou-se com passo apressado pelo corredor, que conduzia á capella.

Camillo queria a todo o custo encontrar-se com Frederico : para não attrahir a attenção de seu pai, deixou de segui-lo pelo mesmo lado, por onde o vira sahir ; mas contava não o perder de vista sahindo immediatamente pela porta da capella.

Cégo pela paixão que o devorava, o filho de Mariano ia manchar sua vida com a perpetração de dous crimes : o seu pensamento era um unico e inabalavel — matar Frederico e matar-se ; —

matar Frederico para vingar Vicentina ; e matar-se, porque, embora innocente, Vicentina não podia trazer o seu nome sem desafiar os sarcasmos de um mundo injusto e tyranno.

— Este homem pertence-me ! dizia Camillo precipitando-se pelo corredor, que venceu todo com a rapidez do relampago.

— Chegando á nave da capella, atirou-se furioso para a porta ; mas de subito suspendeu-se ouvindo uma voz que o chamava :

— Camillo ! disse alguém.

Camillo voltou o rosto e vio Vicentina, que se erguia dos pés do altar, onde orava de joelhos.

A moça approximou-se do mancebo : sua formosura esplendida se ostentava a despeito do desalinho de suas vestes e da commoção que a agitava. O rubor da febre accendia suas faces e fazia scintillar seus olhos : arfavam-lhe os seios, como as ondas agitadas do mar, que se encapella, e sua voz argentina e encantadora sahia estreme-cida d'entre seus labios seccos e ardentes.

Vicentina descançou sua mão direita sobre o hombro do mancebo, e perguntou-lhe :

— Onde ias tu, Camillo ?...

— Vicentina, eu vou cumprir o meu destino ;

o tempo urge; não me detenhas. Um dia me perguntaste : — *se algum homem me tivesse offendido, o que farias?* — e eu te respondi : — *vingar-te-hia*. Vicentina, vou vingar-te. N'esse mesmo dia me perguntaste ainda : *e se eu não pudesse ser tua, o que farias?* — e eu te respondi : — *matar-me-hia*. — Vicentina, vou matar-me. Adeos.

Vicentina agarrou-se ao braço de Camillo, arrastou-o até junto do altar, e exclamou :

— Homem de amor e de fogo! eu te amo, coração ardente e generoso, eu te amo! oh! sim! por Deos que nos ouve, e sobre este altar, ante o qual me ajoelho, eu juro que te amo! sim, eu te amo!...

— Vicentina! tu me matas mil vezes!

— Oh! sim! eu te amo! mas não penses que eu manche este amor puro e santo, que me enche a alma de um fogo divino com, nenhum pensamento baixo e vil d'esses que rastejam pela terra! ó, Camillo! eu te amo com o amor dos anjos!

— Vicentina! Vicentina!

— Oh! vive! vive! eu quero, eu preciso que tu vivas.

— Sim... até vingar-te.

— Não! a minha vingança é minha, e não a cedo a ninguém n'este mundo.

Camillo rio-se com um rir sinistro.

— Oh! não te rias assim, que me despedaças o coração. Escuta: queres vingar-me!... que vingança me podes tu offerecer?... a morte de Frederico! ah! não, não: a morte é o soffrimento de um instante: a vida é, pelo contrario, o que eu desejo a esse homem; a vida, sim, para que eu lh'a encha de amarguras. Camillo, eu não quero a tua vingança: o teu braço não vale a minha cabeça. Que mais pretendes? morrer?... morrer! deixando-me no mundo sem amparo, e quando talvez um dia eu precise de um homem, a cujo hombro me arrime, quando partir para vingar-me?... ó, Camillo, não, tu não te has de matar!

Vicentina apertou entre as suas as mãos do mancebo, e proseguiu:

— Morrer! e porque morrer?... quem te disse que eu não posso ser tua?... ah, Camillo! se a terra nos separa, não nos póde unir o céu?... que vale um corpo que hade pretencer aos vermes, se eu te dou a minha alma, que é eterna?... escuta: vive! vive! que eu juro dar-te uma



prova de amor, como talvez igual não a teve homem algum no mundo...

— Vicentina!...

— Queres morrer?... pois bem : Camillo, vive até o dia, até a hora, em que se consummar a minha vingança, e n'essa mesma hora...

— Acaba!

— O tumulto será a porta do templo da nossa eterna união...

— Vicentina! comprehendes bem o pensamento que eu adivinho nas tuas palavras?...

— Sim! eu te convido para um hymenêo, cujo thalamo deve ser a sepultura!

— Oh! é muito!

— Nossas almas voarão unidas ao céu cheias do mais puro amor!

— Ah! morramos pois!... acceito.

— Camillo! eu te amo!

— Vicentina! Vicentina! e quando brilhará o dia da morte?...

— Quando brilhar o dia da vingança, Camillo.

— Oh! pois bem, eu viverei até lá.

Em seu delirio, os dous mancebos esqueciam

---

que é nas azas do perdão, e não nas da vingança, que pódem as almas voar ao céu ; não viam no futuro senão a vingança e a morte, e talvez que Deos tambem no futuro lhes prepare o castigo de tão sinistros pensamentos !

